



Câmara Municipal de Pato Branco

Estado do Paraná

ASSESSORIA JURÍDICA PARECER AO PROJETO DE LEI Nº 070/2004

Busca o ilustre Vereador subscritor do Projeto de Lei em epígrafe, obter o apoio do douto Plenário desta Casa de Leis para redenominar Estádio Municipal de Futebol e demais instalações anexas, de “Estádio Municipal Governador Leonel de Moura Brizola” e criar Museu Fotográfico, Histórico e Bibliográfico.

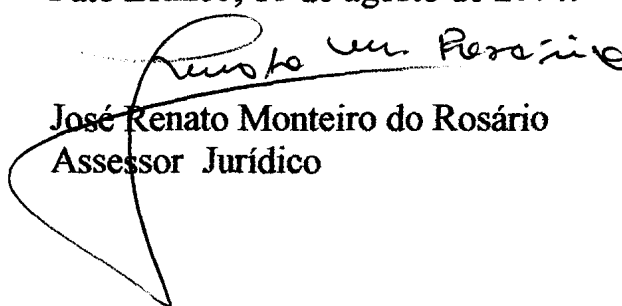
A proposição está acompanhada de justificativa firmada pelo autor contendo a biografia do homenageado, **porém não contém a anuência (concordância), de no mínimo, dois terços dos moradores ou domiciliados no logradouro**, conforme exigência contida no artigo 6º da Lei Municipal nº 2.347, de 15 de junho de 2004, que estabelece critérios para a denominação de próprios e logradouros públicos do Município de Pato Branco, **devendo ser promovida consulta nesse sentido.**

Quanto a criação de museu fotográfico, histórico e bibliográfico relacionado ao esporte municipal e a história política do homenageado, necessário verificar se há previsão orçamentária para suportar as despesas pertinentes a tal pretensão, competindo a Comissão de Finanças e Orçamentos promover diligências necessárias.

Após cumpridas as formalidades legais, estará a proposição em condições de ser apreciada pelo douto plenário desta Casa Legislativa.

É o parecer, SALVO MELHOR JUÍZO.

Pato Branco, 18 de agosto de 2004.


José Renato Monteiro do Rosário
Assessor Jurídico



Câmara Municipal de Pato Branco

Estado do Paraná

Exmo. Sr.

Dirceu Dimas Pereira

DD. Presidente da Câmara Municipal de Pato Branco

O Vereador infra-assinado, **GILSON MARCONDES – PV**, no uso de suas prerrogativas legais e regimentais, apresenta, para a apreciação do douto plenário desta Casa de Leis, o seguinte Projeto de Lei:

PROJETO DE LEI Nº 70/2004

Súmula: Redenomina Estádio Municipal de Futebol e demais instalações anexas, de “Estádio Municipal Governador LEONEL DE MOURA BRIZOLA”, cria MUSEU FOTOGRÁFICO, HISTÓRICO E BIBLIOGRÁFICO e revoga a lei municipal nº 1222/93, de 14 de junho de 1993.

Art. 1º. Fica redenominado o Estádio Municipal de Futebol de Pato Branco, de “**GOVERNADOR LEONEL DE MOURA BRIZOLA**” a edificação e anexos contidos na quadra 576, com área de 48.400,00m² (quarenta e oito mil e quatrocentos metros quadrados), matriculada sob nº 9.408 junto ao Cartório do 1º Ofício do Registro de Imóveis da Comarca de Pato Branco, de propriedade do Município.

Art. 2º. O Executivo Municipal emplacará o referido próprio, contendo sua denominação, consignada no artigo anterior, no prazo de 30 (trinta) dias contados da publicação da presente Lei.



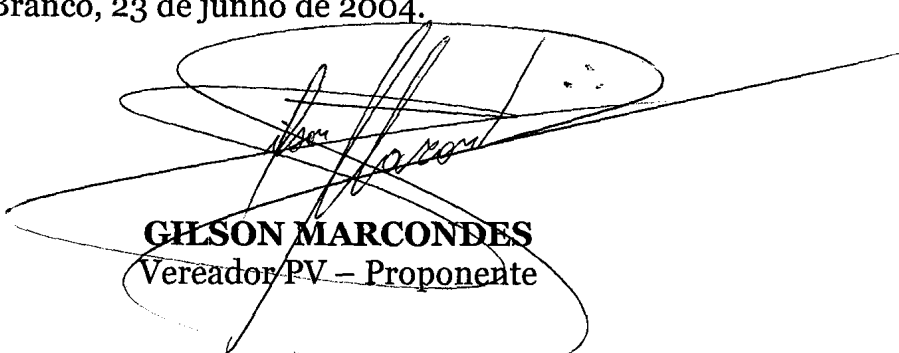
Câmara Municipal de Pato Branco

Estado do Paraná

Art. 3º. O Executivo homenageará os pioneiros do futebol pato-branquense, instalando, em sala própria, **MUSEU FOTOGRÁFICO, HISTÓRICO E BIBLIOGRÁFICO** relativo ao esporte municipal, bem como a história política do homenageado, Governador Leonel de Moura Brizola.

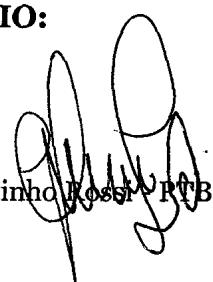
Art. 4º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário especialmente a lei municipal nº 1222/93, de 14 de junho de 1993.

Nestes termos, pede deferimento.
Pato Branco, 23 de junho de 2004.



GILSON MARCONDES
Vereador PV – Proponente

APOIO:



Agostinho Rossi – PTB

Antonio Urbano da Silva – PL

Clóvis Gresele – PP



Dirceu Dimas Pereira – PPS

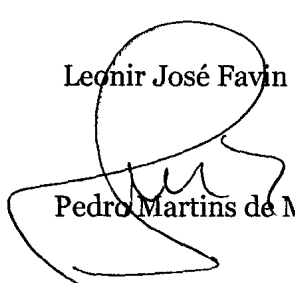
Enio Ruaro – PP

Laurinha Luiza Dall'Igna – PP

Leonir José Favin – PMDB

Nelson Bertani – PDT

Nereu Faustino Ceni – PC do B



Pedro Martins de Mello – PFL

Silvio Hasse – PDT

Valmir Tasca – PFL

Vilmar Maccari – PDT

Vilson Dala Costa – PMDB

Brizola: o homem que fez e marcou a história brasileira - IV

No último artigo abordando o luminoso caminho de Brizola, ilustre homem público, falamos sobre o tributo que pagou por defender idéias próprias e do interesse da Pátria: um exílio de 15 anos.

Foi um vazio doloroso na sua vida política. Uma ausência do maior vulto histórico. Certamente, se não houvesse esse interregno, Brizola certamente chegaria ao topo de sua vida política, como presidente do Brasil. De volta do exílio, em 1989, teve seu ponto alto na vida política do Brasil quando candidatou-se à Presidência, chegando a liderar as pesquisas em grande parte da campanha. Somente não se elegeu devido à oposição das classes privilegiadas, das classes dominantes e da mídia, que foi implacável, e tantos outros interesses que atravancaram seu itinerário político.

Durante o golpe de 64 e nos seus 20 anos seguintes, o nome de Brizola foi proibido de ser mencionado em qualquer órgão ou meio de comunicação de massa. Foi um anátema que pairou sobre sua cabeça durante todo esse tempo. Seu nome foi posto no "índex", assim como o nome de d. Elder, Arraes e dos demais líderes opositores do golpe. Apesar de tudo, Brizola sobreviveu e continuou a fazer a história do Brasil.

Após seu refúgio no Uruguai, graças à intervenção do presidente Jimmy Carter, o defensor dos direitos humanos, recebeu a autorização para ir aos EUA, em 1977, passando pela Argentina, tendo em vista que foi expulso do Uruguai com prazo de cinco dias para buscar outro abrigo...

Em 1978/1979, fixou-se em Portugal, a convite de seu amigo Mário Soares. Teve a oportunidade de participar ativamente de encontros mundiais da Internacional Socialista, quando estreitou suas relações com diversos líderes mundiais: François Mitterand, Willy Brandt, Felipe Gonzalés, Carlos Andrés Perez e outros, além de Mário Soares.

Era, na época, a referência máxima de Brasil democrático, que tentava segurar a liberdade neste país. Com sua influência, forçou a redemocratização do Brasil. Em 1979, com o movimento pela Anistia, lutou incansavelmente pelo encontro dos trabalhistas no Brasil e em Lisboa. Tinha uma meta: restaurar o velho PTB de Getúlio Vargas, cassado pelo golpe.

Em 1979, no dia 6 de setembro, regressou ao Brasil beneficiado pela anistia, através do aeroporto de Foz do Iguaçu, rumando em seguida para Porto Alegre. Após, fixou residência no centro do poder de fato, o Rio de Janeiro, para resgatar a sigla do PTB e outros

interesses políticos.

Mas, devido à pressão dos conservadores e das Forças Armadas, a sigla foi conferida à filha de Getúlio, Ivete Vargas.

Com esse fato, obrigou-se a ressuscitar o trabalhismo através da fundação de um novo partido, o PDT, em 1981. Foi o fruto de longos e demorados debates.

Assim mesmo, com o registro da nova sigla, seu partido sofreu sérias restrições. Em 1982 lançou-se candidato a governador do Rio de Janeiro com a nova sigla.

Com a preferência inicial de 3%, acabou sendo eleito governador com 34% do eleitorado carioca. A contagem dos votos foi fraudada e manuseada na tentativa de impedir sua eleição. Seus votos estavam sendo depositados nos outros partidos. Brizola obrigou-se a "chamar" uma comissão internacional para acompanhar a escrutinação dos votos. Valeu a presença de seus amigos europeus.

Com a presença dos observadores estrangeiros, misteriosamente os votos de Brizola apareceram e daí em diante ponteeu a eleição como futuro governador do Rio de Janeiro.

Assumiu o governo do Rio e ressurgiu, novamente, a sua liderança. Em 1990, foi reeleito governador dos cariocas.

Os seus inimigos políticos, principalmente a mídia e as pesquisas encomendadas sem controle legal, desativaram sua marcha rumo ao Planalto, onde chegaria, naturalmente, devido à sua liderança. Não podemos esquecer que a perda da sigla do PTB, por interesses escusos, também atravancou seu caminho rumo ao Planalto.

O PTB, sigla de seu coração, que o elegeu deputado estadual, federal, prefeito de Porto Alegre e governador dos gaúchos, não pôde acompanhá-lo até o fim. Como bom gaúcho, encilhou outro "pingo", o PDT (Partido Democrático Trabalhista), para assim poder prosseguir na sua brilhante carreira política.

Apesar disso, não esmoreceu seu idealismo político de ver um Brasil mais humano, mais justo e sem corrupção.

São pessoas desse calibre, idealistas e honradas como Brizola, que marcaram sua presença na história como: Che Guevara, Ghandi, Marx, Lincon.

Podemos dizer que Brizola foi o político brasileiro do século XX, o homem que fez e marcou a história do Brasil.

Genirio João Fávero
Professor da Faculdade Mater Dei e do Cefet

DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

- EDIÇÃO 3327

- PATO BRANCO, SEXTA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 2004

Memorial Brizola

Porto Alegre (ABr) - O governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, assinou decreto criando a comissão que vai apresentar o projeto do Memorial Leonel Brizola no Estado. Representantes da Assembleia Legislativa e do governo gaúcho ficarão encarregados de definir o local da construção, a elaboração do projeto e as parcerias que vão participar do financiamento das obras. "Leonel Brizola tem a sua trajetória não apenas como ex-governador, como homem público que honrou a história gaúcha, mas também como uma liderança nacional. É importante para o Rio Grande do Sul um memorial com acervo sobre a sua vida", afirmou o governador.

DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

EDIÇÃO 3324

PATO BRANCO, TERÇA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 2004

Homenagem a Brizola

A direção nacional do PDT reúne, nesta quarta-feira, dirigentes dos 27 Estados brasileiros para missa de 30º dia da morte de seu grande líder Leonel Brizola, a realizar-se na igreja do Rosário, situada na rua Uruguaiana, centro do Rio de Janeiro, a partir das 11h. Em seguida, às 14h, terá lugar a reunião com os dirigentes estaduais na sede nacional do partido, avenida Marechal Câmara, 160, também no centro do Rio. O senador Osmar Dias, que preside o PDT no Paraná, confirmou que estará presente acompanhado de integrantes da direção partidária estadual.

DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

EDIÇÃO 3322

PATO BRANCO, SEXTA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 2004

O último maragato

Logo após a morte de Leonel Brizola, ocorrida dia 21 passado, um amigo telefona da capital e diz: “Perdemos o último guerreiro, somente resta um semelhante, porém em posição contrária, que é o Antonio Carlos Magalhães, com uma diferença fundamental, enquanto Brizola amava o povo, ACM ama o poder que detém sobre o povo da Bahia”. Isso sintetiza tudo sobre os dois personagens, sem enveredar para as conotações ideológicas, de direita ou esquerda.

Brizola jamais amou o poder, buscou-o sempre, é verdade, mas como instrumento de realização do bem-estar do povo. Não fosse assim, estaria acomodado, indicando correligionários e amigos para ocuparem cargos públicos em troca do apoio político. Perseguiu, porém, caminho diverso, resistiu como pôde à ditadura militar, alinhou-se à oposição a todos governos que a sucederam, denunciando sempre os descaminhos e traições ao interesse dos brasileiros, principalmente dos trabalhadores.

“Brizola, guerreiro do povo brasileiro”, gritavam os populares em seu velório. Líder popular incontestado, longe de ser caudilho, Brizola era estadista respeitado internacionalmente. Seu nome e sua luta ficarão marcados indelevelmente na história brasileira; com certeza cometeu erros e equívocos, muito mais estratégicos que ideológicos, quem sabe que se estes não ocorressem a recente história política do Brasil tivesse outro rumo.

É bom lembrar que o lenço colorado usado por Brizola nos comícios e aparições públicas não constituía mera alegoria, mas

representava bem sua origem: seu pai fora assassinado, em 1923, em decorrência de seqüelas da Revolução Federalista de 1893. O nome Leonel é uma homenagem ao revolucionário maragato Leonel Rocha. A revolução de 1893, ou guerra civil, como dizem alguns historiadores, foi a única que não teve causas econômicas, maragatos e chimangos lutaram por motivos de natureza política e ideológica, ressentimentos recíprocos. Os maragatos ou federalistas defendiam maior predominância do poder federal sobre o estadual, queriam um sistema unitário e centralizador, ao passo que os chimangos ou republicanos defendiam um sistema federativo com ampla autonomia dos Estados. A eleição do republicano Julio de Castilhos ao governo do Rio Grande do Sul e sua constituição positivista constituem-se no pólo principal de divergência para deflagrar a revolução de 1893. Outra distinção, conhecida até hoje, é que os maragatos usavam o lenço vermelho ao pescoço, enquanto os chimangos, portavam o lenço branco.

Tal qual um autêntico maragato, Brizola foi sempre centralizador, lutou até o fim por idéias e convicções, nunca cedendo espaço a conveniências ou interesses pessoais. Gumerindo Saraiva, Saldanha da Gama e outros valentes revolucionários federalistas, com júbilo, devem receber na eternidade, quiçá, o último maragato.

Javert Prado Martins Filho

Ex-presidente do Diretório Municipal do PDT de Pato Branco

DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

EDIÇÃO 3320

PATO BRANCO, QUARTA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2004

Brizola, o homem que fez e marcou a história brasileira – III

Como referido nos artigos anteriores, a figura de Brizola marcou a história nacional até o último dia de sua vida: o seu nacionalismo, amor à pátria, respeito à coisa pública e à cidadania de cada brasileiro calaram fundo na alma brasileira.

Após João Goulart, popularmente conhecido como Jango, ter sido reconduzido à Presidência do Brasil por meio do Plebiscito, não perdeu a sua vontade social de transformar o Brasil, emperrado pela elite conservadora, possuidora de todos os privilégios e, por isso, continuou a pregar as reformas de base e a reforma agrária. Diante de suas teses, as classes dominantes fugiam “como o diabo foge da água benta”.

Carlos Lacerda foi o chefe do exorcismo sobre as reformas de base e a reforma agrária. Jango teve a infeliz idéia de fazer comícios envolvendo integrantes das Forças Armadas, o que cheirou, para as elites, como uma rebelião comandada pela autoridade máxima.

Estava em andamento, em todo o Brasil, uma onda de anticomunismo, pois Jango era tomado como líder comunista. Os quartéis fervilhavam de grupos conjurando a deposição do governo de Jango. Isso durante muito tempo, tendo em vista que a esquadra norte-americana estava junto ao litoral da Guanabara, dando “cobertura” a um possível fracasso da “revolução”. Os interesses eram internacionais, para que o Brasil, com suas ligas camponesas, comandadas pelo deputado Julião e que faziam sucesso no Nordeste e outras partes do território, não se convertesse em uma “nova Cuba”...

Em 30 de março, o Brasil ficou surpreso com o deslocamento de tropas que partiram de Minas Gerais, sob o comando do general Mourão, em direção ao Rio de Janeiro. Com os fatos em marcha, em 31 de março aconteceu o Golpe Militar de 64. Após foi feita uma doação de ouro, jóias, diamantes, etc. para um fundo de salvação do Brasil. Muitos valores foram “jogados” nesse fundo, que era tão fundo, que ninguém soube o destino dos mesmos, até hoje.

Enquanto isso, o bravo Brizola, deputado federal pelo Rio de Janeiro com 300 mil votos, a maior votação obtida por um deputado brasileiro até aquela data, tentou resistir

ao golpe. Foi a Porto Alegre buscar os microfones da Campanha da Legalidade, lembrando que o governador dos gaúchos era o sr. Ildo Meneguetti, adversário de Brizola.

O governador, aconselhado pelos seus partidários, fugiu para Passo Fundo, que se tornou capital provisória dos gaúchos. Dizia-se naquela época, no Rio Grande do Sul, que o governador teria tomado um táxi dando a seguinte ordem: “Pé no fundo”, o que o taxista teria entendido “Passo Fundo”...

Brizola foi dissuadido diante da posição contrária do próprio Jango e demais líderes que se opunham ao golpe.

Era procurado, vivo ou morto, como um troféu para o golpe, em andamento.

Permaneceu ainda no Brasil por dois meses. Em abril, desapareceu misteriosamente do país, embora procurado diuturnamente por todo o Exército. Quando souberam de seu paradeiro, descobriram que se encontrava no Uruguai. Por entendimento entre os governos, no início do exílio era vigiado, para depois se transformar em confinamento no balneário uruguaio de Atlântida. Somente em 1970 o governo uruguaio relaxou esse isolamento. Brizola foi morar em Montevidéu, restabelecendo contatos com seus amigos do Brasil. Mas em 1977 foi expulso do Uruguai, devendo deixar o país em cinco dias. Com a autorização direta do então presidente Jimmy Carter, foi para os Estados Unidos.

No ano seguinte, fixou-se em Portugal, onde fez amizades com todos os líderes socialistas da Europa. Após a saída de Brizola, ninguém conseguia explicar o mistério de sua fuga, embora todo o Exército estivesse à sua procura. Há poucos anos, Brizola, depois de muita insistência, explicou: teria se vestido de alto oficial da Brigada Militar, com o devido acompanhamento, e teria seguido até a praia de Tramandaí, onde ter-se-ia escondido entre as dunas, para aguardar o “teco-teco” enviado por seu cunhado Jango. Após, sobrevoando a praia gaúcha, adentrou no vizinho Uruguai. (segue)

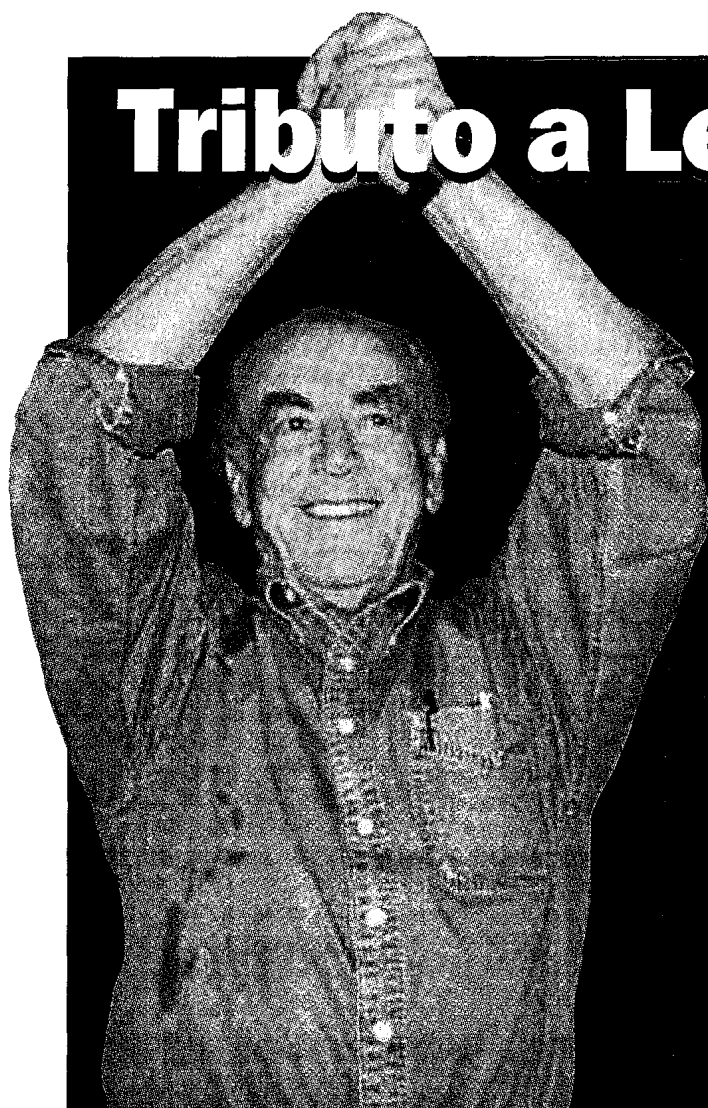
Genirio João Fávero
Professor na Faculdade Mater Dei e Cefet
Filósofo, teólogo e advogado.



JORNAL DA ASSEMBLÉIA

Órgão de divulgação da Assembleia Legislativa do Paraná

Ano I - Nº 4 - Curitiba, 28 de junho a 4 de julho de 2004



Tributo a Leonel Brizola

“Leonel Brizola foi líder político de uma geração que fez da luta pela democracia sua bandeira permanente. A sua morte representa a abertura de uma lacuna na vida política do País, que aprendeu a reconhecer coerência na defesa intransigente que Brizola fazia de seus ideais.”



Hermas Brandão (PSDB)

“Era um grande homem e, acima de tudo, um grande opositor. Leal aos seus princípios políticos, Brizola sempre esteve acima de qualquer suspeita.”



Durval Amaral (PFL)

“Brizola é uma das figuras mais importantes da política nacional e deve ser reconhecido por seus feitos, que não foram poucos. Perdem o Brasil e a democracia com a morte de Brizola.”



Barbosa Neto (PDT)

“Nós o amávamos! Ele nos dava a noção do Brasil profundo e o amor pelo Brasil. Foi um guardião dos interesses mais profundos da nacionalidade.”



Rafael Greca (PMDB)

“Brizola foi um dos grandes políticos dessa nação, trilhando uma história política jamais vista ou vivida por outro partido, sendo eleito governador em dois Estados. Brizola também sempre foi e será elogiado por sua conduta, tanto na vida pública como na vida política, por brasileiros e por líderes estrangeiros.”



Fernando Ribas Carli (PP)

Tributo a Leonel Brizola



Augustinho Zucchi

Leonel Brizola nasceu em 22 de janeiro de 1922 no povoado de Cruzinha, antes pertencente ao município de Passo Fundo-RS, e hoje a Carazinho. Filho mais novo de agricultores, seu pai o lavrador José de Oliveira Brizola, morreu na Revolução Federalista de 1923, lutando nas tropas de Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Alfabetizado por sua mãe, Onívia de Moura Brizola, iniciou seus estudos na escola primária de Passo Fundo em 1931. Em 1936 matriculou-se no Instituto Agrícola de Viamão, formando-se técnico rural em 1939. Em 1940 mudou-se para Porto Alegre, onde concluiu o supletivo e trabalhou como funcionário público na prefeitura da capital. Formou-se em engenharia civil na Universidade do Rio Grande do Sul, em 1949.

Simpatizante do presidente Getúlio Vargas, Brizola ingressou no PTB em agosto de 1945, integrando o primeiro núcleo gaúcho do novo partido. Em 1947, ainda estudante do curso de engenharia, elegeu-se Deputado Estadual, com participação decisiva na elaboração da Constituição gaúcha e participou da instituição do regime parlamentarista no Estado.

Em 1º de março de 1950, tendo como padrinho, Getúlio Vargas, casa-se com Neusa Goulart irmã de seu colega de Bancada João Goulart a quem conheceu como militante do PTB em Porto Alegre, e dessa união de muito amor nasceram três filhos Neusinha Brizola, José Vicente Brizola e João Otávio Brizola.

Em outubro de 1950 reelege-se deputado estadual, assumindo a liderança da bancada, firmando-se como uma das mais expressivas lideranças políticas do PTB na Assembléia Legislativa, em 1952 convidado pelo governador Ernesto Dornelles (PTB), assume a Secretaria de Obras idealizando e executando inúmeras obras de relevante importância para o Estado, dando início a construção de grande número de Escolas Públicas, pois acreditava que o futuro da nação dependia do aprimoramento do conhecimento de seu povo. No pleito de 1954 elege-se deputado federal, com a maior votação registrada até então no Estado do Rio Grande do Sul, tornando-se um dos mais duros adversários dos setores retrógrados e golpistas. Contesta Carlos Lacerda, já no ato de juramento deste, ao aparte-ar disse: "este vai ser um juramento falso Sr. Presidente porque ele está pregando o golpe lá fora, e vem jurar a constituição aqui dentro". Foi um dos Deputados que mais lutou pelo cumprimento da Constituição, e em especial do calendário eleitoral tendo contribuído para a posse de Juscelino e Jango, respectivamente presidente e vice.

Eleito prefeito de Porto Alegre em 1955, sua gestão foi marcada pelo trabalho incansável na área da educação pública, criando o slogan "nenhuma criança sem escola". A nova experiência administrativa bem sucedida, na terceira maior cidade do País na época, reforçou sua marca empreendedora, dando continuidade na Capital ao projeto iniciado na sua passagem pela Secretaria de Obras do Governo Estadual.

Elegeu-se Governador do Rio Grande do Sul aos 36 anos com amplo respaldo popular, obtendo mais de 670 mil votos. Realiza uma histórica administração, instituindo a Caixa Econômica Estadual e o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE, incrementando a Política de Desenvolvimento dos três Estados do Sul. Cria o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária - IGRA, com a entrega de 14 mil títulos a agricultores sem terra, dando início à conscientização da justa distribuição de terras para incremento da economia e geração de empregos no campo.

Conclui nesse mandato o programa iniciado antes como Secretário realizando o maior investimento em educação pública, com a construção de 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásios, abrindo 700 mil novas matrículas e contratando 42 mil novos professores, eliminando o déficit escolar.

No plano político inicia seu governo queimando os arquivos do DOPS - Departamento de Ordem Política e Social, eliminando a máquina existente de repressão no interior do governo estadual. Introduz um programa rádio-telefônico semanal e pioneiro no País, todas as sextas-feiras a noite, de prestação de contas e esclarecimento sobre a administração estadual.

Inicia e coordena o movimento da Legalidade, sustentando o plano que visava o impedimento da posse do Vice-Presidente constitucional João Goulart, em ação política inédita, que garantiu o respeito à Constituição Nacional.

Em 1962 elegeu-se deputado federal pelo Estado da Guanabara com quase 300 mil votos, maior votação alcançada até então por um

parlamentar na história brasileira, que representou um terço dos votos do Estado da Guanabara.

Com marcada atuação em favor das reformas de base e da profunda reformulação da política econômica e social, constituindo-se em um dos maiores líderes nacionais por esses avanços, é incluído na primeira lista de cassados pelo golpe de 1964. Tenta resistir em Porto Alegre, em nome da Ordem Constitucional, mas é dissuadido diante da posição diversa do Presidente João Goulart. Diante da impossibilidade de permanecer no país, com atuação pública, sendo procurado vivo ou morto, exila-se em maio, no Uruguai.

Permanece no exílio por 15 anos, passando pelo Uruguai, Estados Unidos e Europa. Neste último estreitou relações com lideranças tais como François Mitterrand, Felipe Gonzáles, Carlos Andrés Peres e Mario Soares, no momento de crescimento do movimento pela anistia, promove o encontro de trabalhistas no Brasil e no exílio em Lisboa com o objetivo de reorganizar o PTB no Brasil. É de lá que sai a Carta de Lisboa a principal peça de constituição daquilo que viria a ser o PDT - Partido Democrático Trabalhista. Retorna ao Brasil em 1979 mais de 15 anos depois de ter saído, ingressa em território nacional pelo aeroporto de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, segue para Porto Alegre, mas fixa residência no Rio de Janeiro Capital.

Em novembro de 1981, Leonel Brizola registra no TSE o PDT, o qual permaneceu até o fim e seus dias. Foi eleito Governador do Rio de Janeiro com 34% do eleitorado, onde realizou inúmeras obras, instituindo um plano educacional inovador, com a introdução dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), com turnos integrais, completando a entrega de mais de 200 unidades. Participou ativamente da campanha pelas Diretas, sendo que depois de frustrada essa possibilidade, apoiou a candidatura de Tancredo Neves, que faleceu antes de assumir o mandato de Presidente da República. Candidato à Presidência em 1989, pelo voto direto, não obteve êxito no pleito, sendo eleito mais tarde, no ano de 1990, Governador do Rio de Janeiro pela segunda vez.

Membro efetivo da Internacional Socialista, Leonel de Moura Brizola, foi em vida a maior expressão política do trabalhismo nacional, defensor das classes menos favorecidas, acreditava que a educação e o trabalho digno era direito de todos. Pela sua trajetória na vida pública, e pela sua ilibada conduta é que viemos prestar esta justa homenagem a este honrado brasileiro.

Muitos podem até discordar das opiniões de Leonel de Moura Brizola. Mas, certamente um homem que até os 82 anos de idade, sessenta dos quais permaneceu na vida pública, não restou dos cargos que ocupou nenhuma dúvida com relação a honestidade, ao seu princípio sólido em defesa da população, ao caráter que carregou sempre retilíneo e, principalmente a sua coragem de defender as posições nas quais acreditava e pelas quais lutava.

Brizola certamente será um dos marcos importantes da política brasileira. E muitas vezes nós, quem sabe, tenhamos que reverenciar figuras como Getúlio Vargas, João Goulart e, por último, Leonel Brizola, para dizer que o trabalhismo brasileiro encontrou nessa gente a vertente de uma

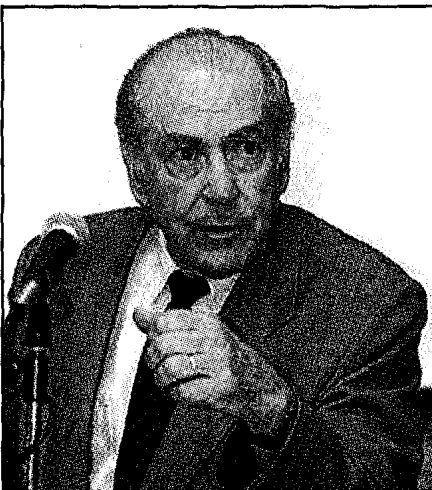
luta em defesa da grande maioria da população.

No sudoeste do Paraná, nós que acompanhamos de perto a história política de Brizola, que vivenciamos a coragem deste líder destemido, que aprendemos a admirar a conduta ética e moral deste brasileiro que nunca se curvou, o sudoeste do Paraná, região que orgulhosamente eu represento aqui, está de luto e tenho absoluta certeza vai, ao longo dos tempos, reverenciar este grande patriota que foi um servidor do nosso Brasil. Já ainda no exílio, quando eu aqui estudante, nós fazíamos uma comissão para visitá-lo no Uruguai, ele de lá, de outro país coordenava a resistência brasileira, junto com outros partidos, como é o caso do PMDB que naquela época encampava a anistia ampla, geral e irrestrita.

O Brizola para nós é muito mais do que um político que passou incólume nos cargos públicos que ocupou, é muito mais que um político que assumiu o governo de dois estados diferentes da Federação e tão distintos como é o Rio Grande do Sul e o estado do Rio de Janeiro. É mais do que isto. É uma referência que nos cabe a encampar sempre as suas idéias, das escolas que construiu quando o Rio Grande engatinhava, até os CIEP'S que se tornou uma proposta universal do ensino público e gratuito neste Brasil.

Deixo aqui registrado em nome do PDT do Paraná a nossa mais sincera homenagem a este ilustre brasileiro que serve de referência a todos nós, não apenas aqueles que seguem seus passos políticos, mas a todos aqueles que entendem que deveremos ser intransigentes na defesa da soberania do povo brasileiro.

Augustinho Zucchi é filiado ao PDT de Leonel Brizola



DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

EDIÇÃO 3317

PATO BRANCO, SEXTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2004

A homenagem do povo a Leonel Brizola

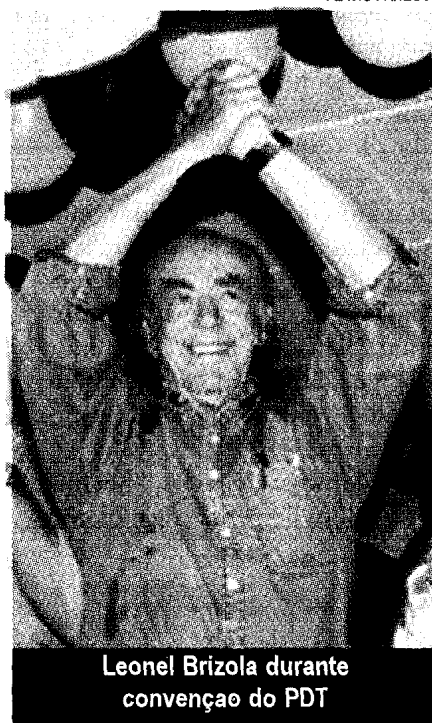
Foi grande a repercussão do falecimento do meu avô, o ex-governador Leonel Brizola, que no dia 21 de junho, por problemas de coração, acabou falecendo. A luta contínua e tenaz que empreendeu nesses 60 anos de vida pública, dedicando-se ao Brasil e em especial às crianças, certamente exigiu muito do seu coração. No cortejo que levou seu corpo, do Palácio Guanabara ao aeroporto Santos Dumont, milhares de pessoas saíram às ruas no último adeus ao grande líder trabalhista. A homenagem prestada pelo povo brasileiro significou a redenção e o reconhecimento da luta de Leonel Brizola, por todo o seu empenho em colocar as crianças em uma escola digna e de horário integral. Era visível a emoção das pessoas, grande parte vinda de camadas humildes, agradecidas por algo que ele fez em seus dois governos. A sua obra, em especial no Rio de Janeiro, teve significado muito grande para as populações marginalizadas da capital e do interior, porque governava visando melhorar as condições de vida dos moradores da periferia e das favelas. Quantas mães de família receberam o título de posse da sua casa das mãos do meu avô? O fim dos despejos das comunidades pobres que ocorriam em governos anteriores, a construção de 500 Cieps, carinhosamente chamados de "brizolões" pelo povo carioca, a criação da Secretaria Estadual de Defesa das Populações Negras, a construção do sambódromo, tudo feito para recuperar a auto-estima e a dignidade dos afro-descendentes. Nos seus governos houve grande preocupação para conter ações abusivas das polícias Civil e Militar, para que respeitassem os direitos dos moradores das regiões pobres da mesma forma que devem

respeitar os que moram nas regiões nobres da cidade. Tanto lutou pelos humildes que foi acusado, até a sua morte, de ser amigo de bandidos. As elites brasileiras nunca aceitaram a idéia de um governo construir escolas de qualidade e bonitas para crianças pobres, nunca aceitaram o governo atuar a favor das comunidades pobres. As elites, à frente a *Rede Globo*, sempre tentaram convencê-lo a não construir escolas e ele nunca se dobrou para esses inimigos do povo. Tentaram inclusive responsabilizá-lo pelo aumento da criminalidade no Rio, quando as próprias estatísticas confiáveis provam o contrário. Mal sabem essas pessoas que a verdadeira causa da violência urbana nos dias de hoje é a pobreza e a miséria em que afundaram o nosso povão. Esse triste episódio do falecimento de Leonel Brizola serviu para que muita gente acordasse para a importância de salvarmos as nossas crianças, de recuperarmos a dignidade das nossas famílias através das ações do Estado, em especial na área da educação, e ajudarmos na organização da sociedade civil. A maior homenagem que podemos prestar ao meu avô é continuarmos lutando e honrando a sua memória e história. Defender o seu legado e as suas obras é o principal caminho em defesa do povo brasileiro. Eu não poderia deixar de agradecer, através deste artigo, a todos que de uma forma ou de outra prestaram homenagem ao meu avô.

Brizola Neto, 25, estudante de Direito, é neto do ex-governador Leonel Brizola, vice-presidente nacional da Juventude do PDT e candidato a vereador no município do Rio de Janeiro.

Câmara suspende votações e faz homenagem a Brizola

O presidente nacional do PDT e líder trabalhista brasileiro, Leonel Brizola, não resistiu a uma parada cardíaca e morreu ontem às 21h29, aos 82 anos de idade. Ex-governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, deputado federal eleito em 1962 e cassado pelo regime militar em 1964, Brizola foi um dos personagens mais importantes do cenário político brasileiro dos últimos 50 anos. No Parlamento, Brizola se tornou o líder das esquerdas e o principal coordenador do grupo de pressão sobre o governo de João Goulart na consecução das reformas de base, principalmente a reforma agrária, que a seu ver devia ser feita "na lei ou na



Leonel Brizola durante convenção do PDT

marra". O presidente da Câmara, deputado João Paulo Cunha, tão logo soube da morte do presidente do PDT suspendeu as votações marcadas para hoje

e transformou a sessão em homenagem ao ex-governador. João Paulo afirmou que Leonel Brizola era uma ligação entre o passado e o futuro e que a morte dele representa uma perda política para aqueles que querem construir um país melhor.

O corpo do ex-governador está sendo velado no Palácio Guanabara, sede do governo fluminense. Amanhã seguirá para Porto Alegre (RS) e será velado no Palácio Piratini. Brizola será sepultado na quinta-feira, em São Borja, Rio Grande do Sul, seu estado natal. O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, anunciou luto oficial por três dias.

Leonel Brizola, coragem e coerência

LÉO DE ALMEIDA NEVES

Leonel Brizola, o menino engraxate que se formou engenheiro civil, jamais será esquecido por ter pautado sua existência pela coragem cívica, coerência na luta pelos ideais nacionalistas, obsessão pelas soluções no campo da educação e pelo seu total devotamento à política e aos interesses do povo brasileiro.

Prefeito eleito de Porto Alegre aos 33 anos e governador gaúcho aos 36 anos, coube-lhe protagonizar o episódio épico, único da história brasileira, em que uma liderança civil derrotou ministros militares golpistas, em agosto/setembro de 1961, após a renúncia do presidente Jânio Quadros. Os ministros Grum Moss (Marinha), Silvio Heck (Aeronáutica) e Odylo Denys (Exército) estavam vetando a posse do vice-presidente João Goulart, que estava na China comunista de Mao-Tse-tung, e proibiram seu retorno ao Brasil, sob pena de prisão.

Brizola montou seu quartel-general no Palácio Piratini, instalou a Cadeia da Legalidade (rádios do Rio Grande do Sul e progressivamente de todo o país), convocou o povo a agrupar-se e deu o brado de guerra em favor da Carta Magna e da sucessão pelo vice-presidente. Com destemor, arriscou a carreira política e a própria vida, mas venceu com a adesão à tese democrática do General Machado Lopes, comandante do 3.º Exército.

Nacionalista, conseguiu que a Petrobrás construísse a refinaria Alberto Pasqualini, próxima a Porto Alegre, porém seu gesto de maior repercussão foi a encampação das subsidiárias das companhias norte-americanas de telefonia (ITT) e de energia elétrica (Amforp), com pagamento pelo valor histórico do investimento, resultando em conflito com o governo estadunidense que se prolongou pelo governo João Goulart e só teve epílogo no regime militar.

Na chefia do Executivo gaúcho, Leonel Brizola doou terras herdadas de seu sogro, Vicente Goulart, para projeto de reforma agrária, executando alguns programas bem-sucedidos, com criteriosa seleção dos agricultores sem-terra, que receberam assistência técnica e sementes selecionadas, assistidos por patrulhas moto-mecanizadas para preparo do solo e colheita, contando ainda com financiamento de custeio da então Carteira de Crédito Agrícola e Industrial (Creai) do Banco do Brasil.

A grande marca administrativa de Leonel Brizola foi na educação, quando cobriu o déficit de todas as regiões gaúchas, edificando 6.302 escolas e aprimorando a formação do professorado.

Consagrando-se em 1962 deputado federal (PTB) mais votado do Brasil pelo Rio de Janeiro, empenhou todas suas energias na aprovação das reformas de base propostas pelo presidente João Goulart. O golpe de 1.º de abril de 1964, obrigou-o ao exílio no Uruguai, de onde tentou infrutiferamente organizar movimentos para derrubar a ditadura. Os militares brasileiros exigiram que o governo uruguaio o confinasse e, depois, que fosse expulso do país. Ele partiu para os

Estados Unidos, contatando dirigentes do Partido Democrata pregando o fim do discricionarismo no Brasil, seguiu para a Europa fixando residência e se articulando com os principais líderes socialistas e da social democracia, sendo escolhido vice-presidente da Internacional Socialista, função que exerceu até sua morte.

Refundou o Partido Trabalhista Brasileiro no Encontro de Lisboa, em setembro de 1979, que reuniu exilados e trabalhistas daqui. Voltou do exílio, organizou o PTB em todos os estados, todavia perdeu a sigla para a ex-deputada federal Ivete Vargas, em manobra urdida pelo general Golbery do Couto e Silva, o mago da ditadura. Revelando tenacidade, força e voz de comando, organizou o PDT em 1980 e se elegeu governador do Rio de Janeiro por duas vezes, em 1982 e 1990.

Sua principal obra foi a construção de 500 Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, execução do engenheiro José Carlos Sussekund e concepção educacional do antropólogo Darcy Ribeiro, fundador da Universidade de Brasília.

Escola de tempo integral, proporciona aos alunos excepcional qualidade de ensino, apoio ao esporte e atividades recreativas e culturais, além de fornecer-lhes o café da manhã, almoço e lanche à tarde. Seu sonho ao candidatar-se a Presidência da República era espalhar os Cieps por todo o Brasil, não deixando meninos na rua e crianças sem escola.

Outra obra marcante de Brizola foi o Sambódromo no Rio de Janeiro, novamente projeto de Niemeyer e engenharia de José Carlos Sussekund. Todo ano se repete a mais esfuziante festa popular do mundo, aglutinamento de pobres e ricos e inigualável atração turística. A construção da Via Vermelha, ligando o Aeroporto Internacional do Galeão ao centro do Rio de Janeiro é outra realização de realce do governo pedetista.

Mais que tudo, o líder e estadista Leonel de Moura Brizola, exclusivo personagem que governou pelo voto dos importantes estados da Federação, sempre será lembrado pela sua coerência, probidade e defesa infatigável dos princípios nacionalistas e do trabalhismo de Vargas, Goulart e Pasqualini, que objetiva alcançar o fim da miséria e das desigualdades sociais e a transformação do Brasil em potência mundial.

“LÉO DE ALMEIDA NEVES É EX-DEPUTADO FEDERAL E EX-DIRETOR DO BANCO DO BRASIL. AUTOR DOS LIVROS “DESTINO DO BRASIL: POTÊNCIA MUNDIAL”, EDITORA GRAAL, RJ, 1995, E “VIVÊNCIA DE FATOS HISTÓRICOS”, EDITORA PAZ E TERRA, SP, 2002.

DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

EDIÇÃO 3311

PATO BRANCO, QUINTA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2004

Brizola, o homem que fez e marcou a história brasileira - I

Sem Brizola, o Brasil não seria o mesmo. Tive a felicidade de acompanhar a luminosa trajetória desse destemido político nas suas lutas em favor dos operários, dos pobres e das causas sociais.

Em agosto de 1961, quando Jânio Quadros renunciou o governo, o Brasil murchou: ele era o homem cujo símbolo era uma vassoura e que veio para varrer a corrupção, como fizera na prefeitura e no governo de São Paulo.

Ele era a esperança de um novo Brasil sem corrupção em busca de paz e da justiça social. Acabou "morrendo na praia" com esse gesto, talvez impensado. Deixou de "passar a limpo" o Brasil depois de receber uma consagrada votação.

Em certa oportunidade, pelo ano de 1980, tive a grata satisfação, por ocasião de uma visita ao Colégio Paranaense de Curitiba, de "fazer sala" ao Ilustre visitante Jânio Quadros e sua esposa, sra. Eloá. Nesse colégio, Jânio fez seus estudos de ginásio e científico como interno. Viera matar saudades do velho educandário. Fiz-lhe a seguinte pergunta: "Quando de sua renúncia, Vossa Excelência, não teve a intenção de ir para o Rio Grande do Sul e voltar nos braços do povo, como fez Getúlio Vargas para voltar e transformar o Brasil?"

Repentinamente, voltou-se para mim com ares de grande surpresa (eu era um simples professor de História e Geografia nesse famoso colégio, onde haviam estudado, além do ex-presidente, Ney Braga, Paulo Pimentel e outros ilustres homens públicos). Não saberia objetivar o pensamento do ex-presidente com essa reação.

Mas, se a idéia de Jânio fora essa, tudo acabou quando seu "jatinho presidencial" foi detido pelo Exército em Cumbica, roteiro de viagem para o Sul. Ali deve ter acabado seu sonho de fazer ampla reforma política, passar a limpo este país e acabar com a máquina emperrada do conservadorismo e corrupção que grassava em todo Brasil.

Quem deveria assumir o governo brasileiro, pela Constituição, deveria ser João Goulart, popularmente conhecido como Jango, então vice-presidente da República, na época em viagem pela China, lá onde o presidente Lula também foi ver os "negócios da China". Jango era fazendeiro e filho "adotivo" de Getúlio Vargas. Aparentemente, era um homem calmo e bonachão.

A classe dominante na época o associara às lutas de classes aos proletários, "ligas camponesas" e como "líder comunista", devido seu populismo.

O arauto do anticomunismo fora Carlos Lacerda, que propagou essa visão esquerdista em relação ao vice-presidente e seus amigos.

Era cunhado de Leonel de Moura Brizola, pois este se casara com dona Neuza, irmã do vice-presidente. A renúncia ecoou pelo Brasil afora, como um estopim de pólvora. O medo do comunismo e mais o sucesso de Fidel Castro em Cuba, associado ao mito de Che Guevara, alvoroçaram o Brasil em todos os quadrantes: as classes conservadoras e retrógradas, o Exército Brasileiro, cuja orientação era pró-norte-americana, o movimento das mulheres e da igreja conservadora levantaram-se numa só voz para impedir a to-

mada de posse do vice-presidente do Brasil, que então se encontrava num grande país comunista.

Leonel Brizola encarnou o nacionalismo e a legalidade, exigindo a tomada de posse de João Goulart, conforme a Constituição. Brizola era governador do Rio Grande do Sul, onde obtivera expressiva votação.

Sem Exército, sem armamento, usando apenas o microfone das rádios Farroupilha e Guaíba, qual gigante impávido, iniciou a "Campanha da Legalidade" pela posse de Jango como sucessor de Jânio Quadros.

Dos porões do Palácio do Piratini, sede do governo dos gaúchos, sacudiu o Brasil inteiro e pôs de pé a nação brasileira em favor do vice-presidente como o legal substituto do renunciante.

Brizola dormia junto ao microfone quando vencido pelo sono, sem deixar um segundo as emissoras fora do ar, graças aos seus correligionários.

Conseguiu a adesão de toda a gloriosa Brigada Militar do Rio Grande do Sul, e após a adesão do Terceiro Exército Brasileiro, com sede em Porto Alegre, então sob o comando do general Machado Lopes.

Aos poucos o Brasil inteiro foi se convertendo para a idéia da legalidade: Minas Gerais, Pernambuco e outros Estados. Enquanto isso, as forças conservadoras que se opunham à posse de Jango fortaleciam suas bases com novas adesões. O Brasil estava em estado de guerra iminente. O nervosismo perpassava toda a alma brasileira durante toda a etapa da campanha.

O Palácio do Piratini foi cercado pelo Terceiro Exército e a Brigada Militar para garantia da "Campanha da Legalidade". Enquanto isso, de Florianópolis, a Força da Aeronáutica ameaçava a todo momento bombardear o Palácio do Governo para silenciar a voz de Brizola, que estava ameaçando incendiar o Brasil inteiro.

As ameaças vinham de Brasília e de todos os pontos opostos à tomada de posse do vice-presidente.

Nessa oportunidade, eu estudava em Porto Alegre. Nessas semanas, tivemos a oportunidade de vivenciar um estado de guerra. Não podíamos transitar pelo centro de Porto Alegre, pois estava prestes a ser bombardeada.

Da capital gaúcha partiram os tanques, os trens, abarrotados de armas, militares e caminhões recrutados para o movimento de guerra que estava a caminho de Brasília. Ouvia-se pelas calçadas da capital o choro das famílias cujos filhos estavam partindo para guerra, e enquanto isso as rádios tocavam marchas de guerra e hinos conclamando o povo para a defesa da legalidade.

Porto Alegre era uma praça de guerra. Ali passando, nossos cabelos arrepiavam-se, com a perspectiva de uma guerra e tendo em vista que as nossas famílias residiam no interior do Estado, também passando por temores semelhantes.

Você sabe como tudo acabou? (segue)

*Genirio Fávoro,
Professor, filósofo, teólogo e advogado.*

DIÁRIO DO POVO

ANO XIX

EDIÇÃO 3315

PATO BRANCO, QUARTA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 2004

Brizola, o homem que fez e marcou a história brasileira - II

Por ter sido político e concorrido com o dr. Pedro Ribas Mendes à Prefeitura de Palmas, PR, como anotei no artigo anterior, fui designado pela direção do Colégio Paranaense para acompanhar o sr. Jânio Quadros em sua visita a esse educandário, onde o ex-presidente estudara.

Talvez seja um dos poucos felizardos contemplado com uma saudação de próprio punho do presidente Jânio Quadros, consoante lemos no quadro abaixo: "ao prof. Fávero, com amizade de J. Quadros - 23 - VI - 80."

Assim como tive oportunidade de acompanhar a trajetória de Jânio Quadros, acompanhei, também, a vida e obras de Leonel Brizola.

Com a proibição feita pelas Forças Armadas, em conluio com as elites de então, vetando a tomada de posse João Goulart, a que tinha direito, com a renúncia de Jânio, por ser vice-presidente

do Brasil, a nação brasileira entrou em pé de guerra. Brizola, com seu microfone em mãos qual rastilho de pólvora, incendiou o Brasil todo com a Campanha da Legalidade.

Brizola era governador do Rio Grande do Sul. O povo gaúcho, a Brigada Militar e o Terceiro Exército, que compreende também o Paraná e Santa Catarina, na época representando 50% das Forças Armadas do Brasil, ergueram-se altivos em defesa da legalidade: João Goulart deveria, conforme a Constituição, assumir a Presidência do Brasil, por direito e por eleição.

A trama do Exército e demais forças conservadoras não poderia prevalecer sobre o que consta na Constituição Brasileira: o candidato natural, com a renúncia de Jânio, deveria ser João Goulart. Infelizmente, por tradição nunca delegada, as Forças Armadas arrogaram a si o direito do antigo poder moderador do Império, de serem os árbitros da política brasileira.

O povo brasileiro, por tradição, também acostumara-se

com a prepotência desse "quarto poder". Graças à liderança de Leonel Brizola, isso não aconteceu: venceu a democracia.

Para evitar um derramamento de sangue, foi feito, apressadamente, de afogadilho, uma acomodação para a situação vivida no Brasil, nesse período.

As lideranças políticas, a Igreja, através de seu cardeal do Rio e demais instituições brasileiras, reuniram-se com os partidários de Leonel Brizola e políticos janguistas para instituir no Brasil, como forma de conciliação e para evitar uma guerra civil, o Sistema Parlamentarista. Foi mais uma "marca" Brizolista.

A solução foi a seguinte: João Goulart seria o presidente do Brasil no Sistema Parlamentarista e Tancredo Neves, o primeiro-ministro. Jocosamente, na época, alguns políticos diziam: "Jango é a rainha da Inglaterra brasileira". Com a posse de João Goulart e do primeiro-ministro Tancredo Neves, a paz voltou ao Brasil graças a Brizola e seu espírito conciliador.

O Sistema Parlamentarista tomou uma forma híbrida, não era nem parlamentarista, nem presidencialista. Em 1962 houve um plebiscito no Brasil, consultando o povo sobre a volta do presidencialismo. Mais de 90% do povo votou pela volta ao presidencialismo, mostrando aos usurpadores que ainda não aprenderam a lição: a nação brasileira tem alma presidencialista.

João Goulart reassumiu todos os poderes de presidente do Brasil, conforme a Constituição. Valera a Campanha da Legalidade.

Herdando a vontade de transformar o Brasil e romper com o conservadorismo, o próprio presidente começou a participar de comícios gigantes, demonstrando seu poder junto às massas, para, desse modo, provocar uma mudança de mentalidade e aprovar todas as reformas sociais "de base", que foram objeto da campanha presidencial, juntamente, com Jânio Quadros. O presidente avançou demais, não medindo suficientemente as consequências de seus atos. (segue)

Genirio João Fávero

Professor na Faculdade Mater Dei e Cefet.

Filósofo, teólogo e advogado.

*ao Prof. Fávero, com a
amizade de J. Quadros
23-VI-80*

Um líder chamado Leonel

CLOTILDE DE LOURDES BRANCO GERMINIANI

Quem olhar o mapa do Rio Grande do Sul ou buscar informações sobre São Borja e Carazinho terá dificuldades para entender que misteriosos fluidos deram origem, em lugares tão pequenos e aparentemente inexpressivos, a três grandes líderes políticos brasileiros do século 20.

Dr. Getúlio Vargas e Dr. João Goulart eram nascidos em São Borja e Dr. Leonel Brizola nasceu em Carazinho, mas muito cedo estabeleceu ligações com São Borja. Certamente, o passado heróico dos gaúchos e todas as suas tradições libertárias influíram na formação desses três políticos e na sua incontestável projeção no cenário político nacional.

O falecimento do Dr. Leonel Brizola mostra a extraordinária importância desse homem. Até mesmo seus adversários políticos foram aos jornais e Têvê elogiando sua atuação. Os pontos altos de sua personalidade, norteando toda sua carreira de homem público, foram seu amor à liberdade, seu comportamento ético e a seriedade de seus propósitos.

Ao voltar de 15 anos de exílio disse, em um pronunciamento histórico, retornar à sua terra "com o coração cheio de saudades, mas limpo de ódios." É preciso muita grandeza de alma para dizer uma frase dessas e para retomar a vida sem ressentimentos. Foi esta disposição que lhe deu condições de reiniciar sua carreira política e atingir postos de maior relevância. No plano pessoal, esta capacidade de esquecer as mágoas deve ter sido responsável, em grande parte, por sua longevidade e uma longevidade com extraordinária lucidez – privilégio de poucos. Se ficasse mastigando tristezas e arquitetando vinganças teria se consumido, deixado de atuar e se tornado um homem amargurado e improdutivo.

Por uma incrível coincidência, cerca de seis anos atrás, tive oportunidade de conversar com Dr. Leonel Brizola. Voltava eu de uma reunião no Uruguai e o acaso nos reuniu, em um voo da Varig, no trecho Montevideu-Porto Alegre. O avião tinha duas carreiras de três poltronas e não estava lotado. Meu lugar era na janela da terceira ou quarta fileira e o Dr. Brizola estava na mesma fileira, do lado oposto, também na janela; as demais poltronas vizinhas a ele e a mim estavam desocupadas. Logo que o avião levantou voo e se estabilizou, começou uma romaria com vários passageiros, em momentos alternados, vindo cumprimentar nosso ilustre político. Ele dava atenção a todos, ouvindo, emitindo opiniões ou trocando impressões. Em todos os momentos seu sorriso e seu olhar direto traduziam o bom humor de um homem em paz consigo mesmo e com o mundo. Acabei largando a revista de bordo que folheava e entrei na conversa. Cessada a peregrinação dos demais passageiros mantivemos o diálogo. Deixamos nossas poltronas nas janelas e mudamos para junto do corredor. Um amigo e colega de meu pai, também meu amigo querido, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, havia me contado que fora professor de Leonel Brizola quando este foi aluno (brilhante) de uma Escola Rural em Viamão (RS). Foi um ponto de partida para uma longa troca de idéias pois ambos tínhamos uma admiração incondicional pelo professor.

Os elementos que me pareceram marcantes nesse

encontro ocasional com Dr. Brizola foram sua fisionomia inteligente, os olhos vivos encarando de frente o interlocutor e sua capacidade de falar com clareza, exprimindo suas opiniões com simplicidade. Falava com o belo sotaque do Rio Grande, com a pronúncia muito especial e musical da letra L. Sua argumentação era muito lógica e as idéias desfilavam com uma nitidez impressionante. Ficou fácil entender de onde vinha seu carisma e por que recebeu, em diferentes ocasiões, uma votação maciça.

Dr. Leonel Brizola deixou um exemplo para todos os brasileiros: foi um homem fiel às suas idéias e procurou propagá-las por onde passou.

Leonel Brizola cresceu no seio de uma família pobre, tendo ficado órfão de pai muito novo. Foi alfabetizado pela mãe. A seguir foi aluno da escola agrícola. Em um momento seguinte foi para Porto Alegre tendo trabalhado até como engraxate, mas soube perseguir seus objetivos e fez o curso de Engenharia na Universidade do Rio Grande do Sul. Na Faculdade começou a se interessar pela política e aí encontrou a paixão que o impulsionou por toda a vida.

Como prefeito de Porto Alegre, como governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro sempre construiu escolas, talvez lembrando suas próprias dificuldades para estudar. Foi um idealista e parecia um personagem saído das páginas de Érico Veríssimo: um gaúcho heróico disposto a defender seus propósitos. Teve a felicidade de chegar aos 82 anos acreditando nos seus sonhos e brigando por eles – isto explica seu carisma em um mundo dominado pelo imediatismo e com falta de sonhadores.

O povo desfilaro diante de seu esquife ou acompanhando o cortejo fúnebre mostrou que as sementes plantadas pelo Dr. Brizola devem ter germinado. Não teve medo do tempo: dois dias antes de morrer estava reunido com alguns correligionários traçando planos para o futuro.

As paradas do cortejo em um Ciep e no Sambódromo, duas de suas obras para o povo do Rio de Janeiro, foram momentos de emoção. Na chegada a Porto Alegre, "O laçador", estátua símbolo do Rio Grande, tinha nas mãos a bandeira do PDT e no peito uma faixa de luto. Poucos homens em nossa História terão sido homenageados de forma tão significativa.

Seu corpo descansa em paz, no cemitério de São Borja, mas sua imagem vai sobreviver e sua vida será lembrada com respeito quando se falar na História Política do Brasil no século 20.

~ CLOTILDE DE LOURDES BRANCO GERMINIANI,
É PROFESSORA TITULAR (APOSENTADA) DA UFPR, MEMBRO DO
CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ, DA ACADEMIA PARANAENSE
DE MEDICINA VETERINÁRIA, DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DO PARANÁ E DA ACADEMIA BRASILEIRA DE
MEDICINA VETERINÁRIA.

PINGA-FOGO

Recriação da Sudene

Átila Lins (PPS-AM) apelou ao presidente João Paulo Cunha para que coloque em votação, até o dia 8 de julho, quando deverá iniciar o recesso parlamentar, a proposta de recriação da Sudene, já aprovada em comissão especial. Segundo o deputado, se a matéria não for votada antes do recesso, dificilmente a recriação da instituição acontecerá antes do final do ano, por causa da ausência dos parlamentares envolvidos com as eleições municipais.

Acidente na Johnson & Johnson

Babá (PA) denunciou o acidente ocorrido na fábrica Johnson & Johnson, em São José dos Campos (SP), em que três pessoas foram queimadas e uma trabalhadora da limpeza morreu em consequência do contato que teve com fluidos químicos liberados pela empresa. Babá afirmou ainda que a empresa está fazendo uso da Polícia Militar para ameaçar os trabalhadores e dirigentes sindicais do Sindicato dos Químicos do Vale do Paraíba, que protestam contra as condições de trabalho. Babá solicitou audiência com os ministros do Trabalho, da Saúde e da Justiça para cobrar providências com relação aos abusos que estão sendo

Ao fazer comentários sobre a 11ª Reunião Quadrianual da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), realizada em São Paulo, o deputado Cláudio Magrão (PPS-SP) afirmou que o momento atual é marcado por mudanças no sistema produtivo que provocam transformações econômicas profundas e significativas. Para ele, é necessário um debate aberto e solidário entre os governos dos países membros e a sociedade civil organizada para a elaboração de princípios que deverão nortear as estratégias das Nações Unidas e dos países membros para os próximos quatro anos. "As Nações Unidas e suas agências, como a Unctad, consideram a intervenção pública, nos países em desenvolvimento, necessária aos debates sobre questões de crescimento e desenvolvimento econômico", disse.

O parlamentar paulista chamou a atenção para a precarização do mundo do trabalho que, em sua análise, tem contribuído

PLENÁRIO



Devemos aproveitar as oportunidades do comércio exterior, negociar o acesso aos mercados dos países desenvolvidos e conquistar novos mercados

Claúdio Magrão avalia alteração no processo produtivo



Cláudio Magrão

para o crescimento da instabilidade dos trabalhadores. Segundo Cláudio Magrão, aqueles que estão no mercado de trabalho, com medo de perderem seus empregos, abrem mão de um convívio familiar para se qualificarem cada vez mais. Já a falta de experiência e a baixa escolaridade acabam prejudicando a entrada dos jovens no mercado de trabalho, o que aumenta o desemprego e o desalento.

"A nova lógica das cadeias produtivas introduzidas com a

internacionalização do processo produtivo resultou, nessas duas últimas décadas, nestas enormes mudanças no mercado de trabalho mundial, em especial nos países periféricos, acelerando a defasagem tecnológica com rapidez alucinante que encurta a vida útil dos equipamentos e das pessoas", frisou o deputado por São Paulo. Na sua opinião, apenas uma forte ação governa-

mental que vise à recuperação da taxa de investimento em setores de infra-estrutura pode reverter essa situação. "Devemos aproveitar as oportunidades do comércio exterior, negociar o acesso aos mercados dos países desenvolvidos e conquistar novos mercados. Mas, sobretudo, precisamos ampliar o mercado consumidor interno, permitindo que os nossos trabalhadores tenham emprego", enfatizou.

Barreiras comerciais

Os deputados B. Sá (PPS-PI) e Mauro Benevides (PMDB-CE) destacaram a importância da Reunião Quadrianual da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), realizada no Brasil. Benevides ressaltou que a estratégia da Unctad é reduzir barreiras e tarifas e aumentar o fluxo de negócios entre as nações pobres para promover o crescimento. Tenta reabilitar, segundo ele, o Sistema Global de Preferências Comerciais, acordo firmado em 1989 por cerca de 40 países. Por sua vez, B. Sá chamou a atenção para as preocupações da Unctad com questões internas de cada país da América Latina, que têm dificultado o incremento dos investimentos externos. Nesse caso, de acordo com o parlamentar, entra em cena a situação do Brasil, com déficits acentuados em áreas como a de infra-estrutura básica de estradas, portos, ferrovias, eletrificação rural.



Percebi a forma convicta com que lutava por suas idéias, e aquilo ficou gravado em minha memória, porque homens como ele dão à vida pública outro significado Julio Lopes

Parlamentares prestam últimas homenagens a Leonel Brizola

O corpo do ex-governador do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, foi sepultado ontem no cemitério Jardim da Paz, em São Borja, a 600 quilômetros da capital gaúcha, onde também estão enterrados sua esposa, Neuza Goulart Brizola, e os ex-presidentes João Goulart e Getúlio Vargas. Antes do enterro, Brizola foi velado no Palácio do Piratini, em Porto Alegre, e trasladado em avião do governo do estado para São Borja. O presidente da Câmara, João Paulo Cunha, participou das últimas homenagens a Brizola no Rio Grande do Sul.

Na Câmara dos Deputados, diversos parlamentares também destacaram a vida e as ações do ex-governador. O deputado Julio Lopes (PP-RJ) registrou seu agradecimento a Leonel Brizola pelo significado que teve em sua carreira política. O parlamentar disse que, mesmo nunca tendo votado ou concordado com Brizola, ficou impressionado ao conhecê-lo, durante a campanha para



O presidente da República em exercício, José Alencar, durante o velório no Palácio Piratini. Ao seu lado, de terno claro, José Otávio Brizola, filho do ex-governador

governador em 1982. "Percebi a forma convicta com que lutava por suas idéias, e aquilo ficou gravado em minha memória, porque homens como ele dão à vida pública outro significado", relatou.

O deputado Costa Ferreira (PSC-MA) afirmou que, apesar da dor pela perda de um líder que conscientizou o País de que é necessário lutar para conquistar a soberania, esse luto não

durará para sempre. "A luta de Brizola servirá de exemplo de como construir uma pátria respeitada", disse. Para o deputado Zé Lima (PPPA), o País perdeu seu legítimo líder trabalhista. "Muitos podem até se intitular líderes trabalhistas, mas nem o presidente Lula, que carregou essa bandeira a vida inteira, demonstrou isso claramente na prática depois de chegar à Presidência da República", afirmou.

Empenho do líder trabalhista pela educação é destacado

O deputado Adão Pretto (PT-RS) destacou o empenho de Leonel Brizola pela educação pública como algumas das ações fundamentais do líder gaúcho em sua trajetória. Adão Pretto relatou que aprendeu a ler e a escrever em uma escola criada por Brizola, ao explicar que o então governador espalhou pequenas escolas, chamadas na época de "brizoletas", pelas regiões mais distantes do Rio Grande do Sul. "Naquela época, havia várias dessas escolas no RS e ainda hoje funcionam nos rincões do estado", disse.

Depois de ressaltar a diferença partidária com Leonel Brizola, o deputado Luis Carlos Heinze (PP-RS) homenageou o líder gaúcho, lembrando suas iniciativas na educação. Técnico agrícola, o parlamentar afirmou que vários de seus colegas conseguiram se formar como técnicos e em Agronomia e Veterinária, graças às bolsas de estudo criadas por Brizola

quando governador.

O deputado Inácio Arruda (PCdoB-CE) relembrou o relato feito por João Amazonas sobre o momento em que Brizola assumiu a defesa da Presidência de João Goulart. "Não era a mera defesa da legalidade, mas da legitimidade daquele governo porque, para ele, lutar por Goulart era lutar por mudanças em nossa Pátria", explicou. Para o deputado Osvaldo Biolchi (PMDB-RS), Brizola viveu e morreu lutando por aquilo em que sempre acreditou: a defesa da democracia e da justiça social, sendo uma referência para várias gerações na luta pela liberdade e contra o autoritarismo. O deputado Isaías Silvestre (PSB-MG) lembrou a luta de Brizola contra a ditadura militar e a favor da educação brasileira. Disse que o povo brasileiro soube reconhecer sua grandeza, dando-lhe a mais expressiva votação que um deputado federal teve na história.



SEXO É VIDA!

Dr. Emilio Sabe Filho - CRM - 19464

Problemas para alcançar ou manter a ereção?

Problemas para controlar a ejaculação precoce?

O Boston Medical Group pode ajudá-lo!

A **Disfunção Erétil (DE)** pode afetar homens de todas as idades, ainda que a tendência mais comum seja atingir homens com mais de 40 anos. É correto que, até 52% dos homens entre 40 e 70 anos experimentam certo grau de (DE) e em torno de 20% destes homens não podem ao menos ter uma ereção.

A **Ejaculação Precoce (EP)** é definida pelo Manual de Estatística e Diagnóstico da Associação Médica Americana (D.S.M.) como a "ejaculação persistente com mínima estimulação sexual que ocorre, durante ou imediatamente após a penetração, e antes que a pessoa deseje".

A Disfunção Erétil e a Ejaculação Precoce podem ser tratadas?

Sim! Quanto mais rápido forem diagnosticadas e tratadas, os resultados serão nitidamente melhores. Se não forem tratadas, as opções e as probabilidades de êxito serão limitadas. Um tratamento completo e um diagnóstico rápido previnem a deterioração irreversível que muitas vezes encontramos em casos atendidos.

Melhore sua vida sexual!

O Boston Medical Group garante sua privacidade com salas de espera individuais.

BOSTON MEDICAL GROUP

0800-709-9999

De Domingo a Domingo - 24 Hs.
www.bostonmedicalgroup.com

Cartas

Leonel Brizola

O Diretório Regional do PDT no Rio Grande do Sul, deputados estaduais e federais, prefeitos e vereadores, surpreendidos com a matéria publicada pela revista VEJA, edição 1 860, de 30 de junho de 2004, sob o título "As mortes de Brizola", páginas 52, 53 e 54, de autoria de Mario Sabino, lamentam com pesar o desrespeito com aquele que foi considerado pela maioria da imprensa brasileira "o maior líder republicano do século XX". Através de um relato preconceituoso e desrespeitoso com a história brasileira, episódios contemporâneos liderados pelo ex-governador Leonel Brizola foram contados como se fizessem parte de uma anedota, e não das páginas de nossa história. Que VEJA o considerasse morto é um fato que não nos causa estranheza; que o escrevente despreze o povo brasileiro e sua reverência aos líderes que souberam honrar sua confiança e a ele dedicaram sua vida, tam-

bém não estranhemos. Ainda consternados com a perda do nosso líder político, esperamos que a revista conteste as publicações estrangeiras que reconheceram a importância de Leonel Brizola para a história do Brasil: segundo o americano *New York Times*, foi "uma das figuras mais importantes da política brasileira"; "o veemente líder esquerdista", conforme o *Washington Post*; "uma

das mais carismáticas e polêmicas figuras políticas de esquerda dos últimos cinquenta anos", de acordo com o jornal inglês *The Guardian*; destaque para a construção do Sambódromo em seu primeiro mandato como governador do Rio de Janeiro, lembrou o *Independente*; também os jornais franceses *Le Monde* e *Libération* reconheceram sua liderança: "No fim da vida, Leonel Brizola denunciou a traição de seu antigo aliado, o presidente Lula, ao se submeter aos ditames do FMI", escreveu o *Libération*. Para o *El País* espanhol, Brizola foi o "velho leão da esquerda radical brasileira, um radical apaixonado, polêmico e inconformista, sempre ao lado dos trabalhadores". O jornal argentino *El Clarín* disse que Brizola era

um dos últimos símbolos do nacionalismo latino-americano.

Matheus Schmidt

Presidente regional do PDT

Giovani Cherini

Deputado e líder da bancada do PDT

Nereu D'Avila

Vereador e presidente do Diretório

Metropolitano do PDT

Porto Alegre, RS

Seguramente não encontrarão paralelo, na imprensa séria, independente e responsável deste país, as três páginas com que VEJA registrou, em sua edição de 30 de junho, o desaparecimento dessa extraordinária personalidade da política brasileira que foi Leonel Brizola. Ofensiva, a infeliz reportagem é um compêndio de inverdades explícitas, ao associar o grande estadista à ascensão do tráfico de drogas; um manual de incompreensão histórica, ao descrever uma prestigiosa figura internacional do trabalhismo como um mor-

to politicamente; um brevírio de agravos, ao defini-lo como "um anacronismo que esperneava".

Vieira da Cunha

(PDT-RS)

Deputado e

presidente da

Assembleia

Legislativa do

Estado do Rio

Grande do Sul

Porto Alegre, RS

Alguns dias, alguém ainda vai escrever um livro sobre os homens que mais fizeram mal ao Brasil. e lá certamente es-

tará o engenheiro Leonel Brizola. Político atrasado, egocêntrico, xenófobo, personalista e populista, ele repetiu durante anos várias mentiras e criou outras. Martelou na mente de uma população que não gosta de (ou não sabe) ler vários conceitos errados em economia, tornou o Brasil pior ao investimento quando encampou a ITT, jogou seu fraco cunhado João Goulart para um radicalismo que acabou por tornar o golpe militar inevitável, fez dos mortos do Rio um lugar seguro para os traficantes, aliou-se ora com um ora com outro, ao sabor de seus interesses. Enfim, era um bufão, mentiroso, péssimo administrador e com a arte de encantar os inocentes e incautos. Passa da vida para a história e livra o Brasil de seus

OS NÚMEROS

Correspondência da semana

► E-mails 1 501

► Cartas 205

► Fax 38

Total 1 744

Assuntos mais comentados

► Leonel Brizola (Memória) 74

► Talento (capa) 45

► Lya Luft (Ponto de vista) 34

► Diogo Mainardi 31

► Donna Hrinak (Amarelas) 26

O Adeus a Brizola... oradores e cronistas

Jorge Baleeiro de Lacerda, autor do livro *Os dez Brasis*, sempre ligado aos grandes acontecimentos do nosso País, esteve em São Borja para ver de perto o enterro de Leonel Brizola. O enterro foi um detalhe na vida cheia de acontecimentos, desafios e pregação de de brasilidade do grande líder político, que Jorge conhece muito bem. Pela riqueza de informações condensadas neste texto, pode-se ver que Jorge poderia, somente com o que ele conhece de Brizola, escrever mais um livro. Vale a pena ler e releer o que Baleeiro escreveu sobre Leonel Brizola.

Nacionalista e com 32 anos de viagens de estudo por todo o Brasil, trabalho de obstinação e fervor patriótico, achei que deveria ir ao enterro do Brizola, em São Borja, objetivo que alcancei com a carona que me proporcionou o casal Nilton Pazzini e Lourdes.

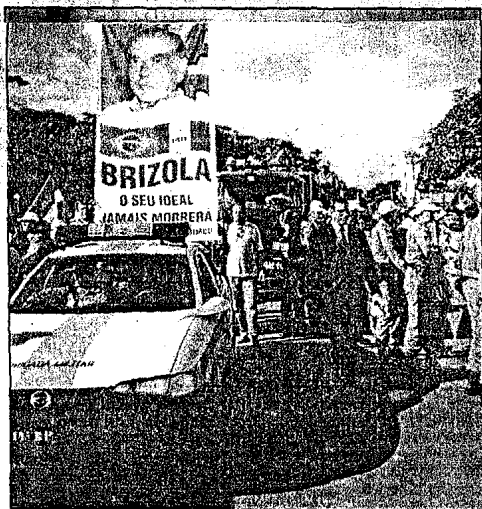
A mingueta de credencial da Assembleia Legislativa, assisti ao sepultamento do lado de fora do Cemitério Jardim da Paz, em São Borja, a 10 metros do túmulo compartilhado pelos Goulart-Brizola. Via apenas parte do jazigo, mas ouvia bem os discursos. A rigor, nenhum grande orador naquela tarde de 24 de junho, quinta-feira, sem chuva, que pela manhã ameaçava o cortejo ao campo-santo.

Enquanto falavam, buscava na memória o discurso de Oswaldo Aranha à beira da sepultura de Getúlio Vargas, encimada pelo medalhão do general Manoel do Nascimento Vargas, pai de Getúlio. Carecia o momento de figuras do talento oratório de Aranha para esculpir no bronze dos grandes textos lançados à Rosa dos Ventos, ao Minuano, ao Pampeiro e ao Vento Norte para que as planuras do Rio Grande do Sul pudessem perpetuar as derradeiras palavras a Brizola.

O momento propiciava que se cinzelasse um paralelo biográfico de Getúlio Vargas, Jango e Brizola, os três sepultados naquele campo santo, relicário da Pátria. Três gaúchos. Dois deles fronteirizos: Getúlio e Jango, tendo Brizola, nascido a 300 km dali, nos fundos de Carazinho, então pertencente a Passo Fundo, a comunidade de São Bento, mais exatamente na minúscula Cruzinha.

Esperei em vão que algum orador evocasse a manhã trágica, em que o menino Itagiba testemunhou a mãe Olívia, aos berros, gritar: "Mataram o Zé", quando viu a montaria em que saíra José Brizola no dia anterior aproximar-se da casa num passo quase lerdo, o cabresto a triscar o chão, os aperos frouxos e o cavaleiro ausente. Não bebia e montava bem. Seus gritos assustaram o menino de dois anos que correu para agarrar-se na irmã mais velha. "Não chorei", contou Brizola ao jornalista Flávio Tavares, seu amigo de décadas. Apavorou-se com os gritos da mãe, já com 5 filhos, a que se somariam mais 6 do segundo marido, também viúvo.

Naquele momento supremo de sua tragédia familiar, que lhe marcaria indelevelmente o destino, dando-lhe força e coragem, obstinação e coerência, Brizola, por certo, recebeu os elementos para temperar o aço de seu caráter, as ferramentas de sua pugna, hoje postas na panóplia d'armas que a nação lhe dedica. O menino Itagiba, que seria Leonel mais tarde, no registro oficial, recebeu duro golpe da vida não entendido pela criança de dois anos, mas assi-



Enterro de Brizola, dia 24 de junho, em São Borja. (Foto de Jorge Baleeiro de Lacerda).

milado pelo instinto do "guri" (como dizem os gaúchos), corajoso, que não chorava exteriormente, mas cujo coração começava a inundar-se do sangue amantíssimo da solidariedade aos mais pobres, aos despossuídos, aos sem a luz do conhecimento e sem o pão e o leite necessários à existência biológica.

Lembro-me da carta do Prefeito de Carazinho, lá pelos idos de 33 ou 34, apresentando Brizola ao chefe-de-estação de Carazinho, no afa, de obter-lhe passagem de 2ª até Porto Alegre. Evo-co a conversa que entreteve com Mozart Pereira Soares, amigo fraterno de Brizola, tão familiar a ele que lembra-se da gravata que emprestou ao jovem estudante. A primeira que usara. Vida afora, mereceu a estima de Brizola. Já aos 80 anos, foi nomeado diretor da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) a pedido do velho amigo. Derradeira homenagem de Brizola a Mozart.

A coragem com que assumiu os desafios da vida, o berço pobre, a perda do pai, que mudou o seu destino, o amor ao Brasil, tudo isso daria elementos para uma oração fúnebre antológica, dessas que a posteridade guardaria porque nela perpetuar-se-iam momentos singulares da nacionalidade como a resistência à Ditadura, a luta pela Legalidade, em 1961, os muitos momentos em que Brizola veio à nação dizer verdades, aqui e acolá havidas como arcaicas, mas jamais rotuladas de insinceras.

Sua vocação algo caudilhista, sim, ninguém a nega. Também se lhe acoimava de certo apego ao poder. Paradoxal também é esse suposto caudilhismo porque priorizava a Educação, quando esta liberta. Que tipo de caudilho é esse que deseja educar, abrir os olhos, instruir, aperfeiçoar, ampliar a visão dos seus "asseclos"? Caudilho que potencializa seus lanceiros para ca-

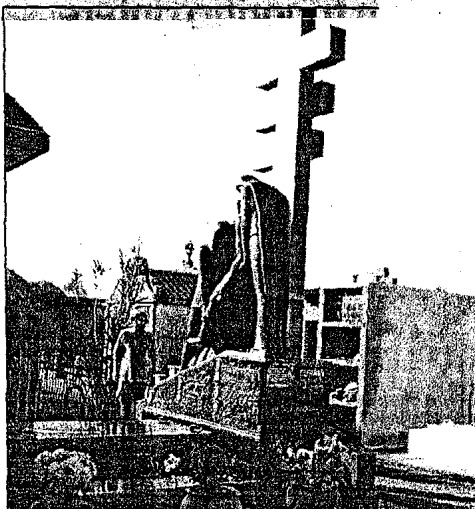


Brizola, em sua estância, em São Borja, agosto de 1962, aos 40 anos de idade.

valgadas mais distantes que os levam a outros parapeiros na "campereada" da existência, na "recoluta" do destino?

Paradoxal Brizola, capaz de ser ouvido horas a fio, pelo rádio, como em 1961, sem cansar o ouvinte, como lembrou Moacyr Scilar, um dos grandes escritores deste país; convincente a ponto de prender a atenção de um Roberto Mangabeira Unger, professor em Harvard, nome reconhecido pela Academia no mundo inteiro, que disse em notável artigo à memória de Brizola: "Agora estamos todos nós, os inconformados, muito sós". Unger falava da "natureza moral do indivíduo". Brizola clamava por um Brasil "sui generis", um Brasil brasileiro. Talvez lhe faltasse conhecer melhor o Norte, mais profundamente o Nordeste. Talvez precisasse de mais cultura, mas sua intuição era caudalosa.

Enquanto acompanhava o cortejo, em São Borja, pela rua Engenheiro Manoel Luiz Fagundes, ao lado do dr. Viriato S. Vargas (sobrinho-neto de Getúlio Vargas) perqueria na memória os feitos maiores e menores dos que, no Cemitério Jardim da paz, a menos de 50 metros de distância, lhe fariam companhia: Getúlio Vargas, a quem a Nação até



Jorge Baleeiro de Lacerda, ao visitar o túmulo de Brizola, no dia seguinte ao sepultamento.

agora não dedicou um memorial. Aliás, Getúlio está na sepultura da Família, em que a figura de destaque é o general Manoel do Nascimento Vargas, seu pai. Ali também jaz dona Candoca, mãe amorosa, figura a quem Getúlio devotava imenso amor filial. Com ele repousam Viriato Vargas, Serafim D. Vargas e, perto, no jazigo dos Goulart-Brizola, repousam João Goulart, simplório em estratégia política, a ponto de até ao meio-dia do dia 30 de março de 1964 ignorar o que se passava nos "Quartéis de Minas", como lembrou, outro dia, Almino Affonso. Jango ficou rico no escambo de gado. "Já tinha 100 mil cabeças de boi quando entrei na política", disse em carta a Serafim Dornelles Vargas, que li e copiei do arquivo de Viriato S. Vargas. Se tivesse seguido "boiadeiro", "estancieiro" por certo seria um dos homens mais ricos do Brasil. Ali também dorme o sono eterno Vicentina Marques Goulart, matriarca fronteiriça, mulher típica do Rio

Grande do Sul. Não entende o Rio Grande do Sul quem não conhece bem a vida na Fronteira, daí a grande dificuldade de muitos na exegese da biografia de Getúlio Vargas. Brizola vivenciou, símile modo, esse universo.

A suposta raiva dos militares a Brizola, logo, logo diluir-se-á. A análise, o estudo farão com que entendam que o nacionalismo desse grande político se encontra, num ponto mais distante, com a disciplina, a coerência, a retidão que deve acrisolar cada militar para que alcance os fins colimados: servir à Pátria.

Brizola, como um militar sem farda, vestia-se com o manto do patriotismo, usava as dragonas de fiel escudeiro dos bens pátrios quando combatia a exploração do Brasil. Seus inimigos ampliaram seu hipotético ódio aos militares, quando seu anseio se objetivava na libertação do Brasil de seus seculares opróbios.

Elio Gaspari, grande talento do jornalismo brasileiro, afirmou em artigo recente sem



Ele saiu da vida para entrar na história

Roberto Pompeu de Toledo **Ensaio**

**Brizola
confirma
a escrita:
brasileiro
odeia os
políticos mas
lhes reserva
funerais
memoráveis**

Leonel Brizola teve, nos funerais, o que lhe faltou em votos nas últimas vezes em que disputou eleições. Na morte, reencontrou as multidões, os elogios e as adesões que cada vez mais lhe iam escasseando em vida. Tudo lhe refluía a favor. A personalidade autocrática, que abria pouco espaço para o diálogo, virou apenas um lado pitoresco, mais um, do conviva encantador. O tédio pelo discurso repetitivo deu lugar ao louvor da coerência. E o velho chavão de que "vai fazer falta" foi aplicado mesmo por quem, até horas antes, o tinha por político ultrapassado, atolado em alguma remota década do século passado. Curioso é o povo brasileiro. Odeia políticos, como comprovam as pesquisas de opinião. E no entanto devota a eles funerais memoráveis.

Lembremos de Tancredo Neves. Lembremos de Juscelino Kubitschek, acompanhado ao túmulo por coros de *Peixe Vivo*, em plena vigência de uma ditadura que já o sepultara em vida. Mesmo João Goulart foi enterrado com surpreendente acompanhamento, apesar de os militares terem imposto ao cortejo um roteiro estrito, distante dos grandes centros. Isso sem esquecer Getúlio Vargas, trágico arquiteto da grandiosidade da própria morte, para quem se armou um funeral como jamais se vira. Figuras de menor porte, como o ministro Sérgio Motta e o deputado Luís Eduardo Magalhães, para citar mortos dos últimos anos, também mereceram enterros prestigiosos. Nessa hora, o povo brasileiro não falta.

Ou falta? Jânio Quadros não mereceu enterro de ficar na lembrança. Dos generais-presidentes nem se fala. Eis-nos diante da necessidade de uma correção. Não são todos os políticos que merecem funerais consagradores. Há uma seleção. No enterro, o político se submete a um último veredicto popular. Alguns são aprovados, outros não. Claro que para tal julgamento sempre concorre, com forte carga emocional, o inesperado da morte, a apanhar a vítima em plena atividade. Foi o caso de Brizola. Contribuem com igual carga as agonias prolongadas, que convidam a uma maratona de rezas e despertam compaixão. Foi o caso de Tancredo. Mas, em paralelo a esses fatores, há, sim, um conteúdo político no enterro dos políticos. O de JK foi um ato de repúdio ao regime militar. O de Tancredo, as honrarias a alguém que encarnava a restauração democrática. Brizola morreu num momento

sem a tensão das ditaduras nem a esperança das auroras democráticas. Seu funeral, ainda que concorrido e vistoso, não tinha o que apontar para a frente. A mensagem que continha não era destinada à política. Era à história.

Brizola desempenhou muitos papéis. Foi prefeito de Porto Alegre, governador de dois Estados, condestável de um regime (o de Jango) e besta-fera de outro (o militar). Nenhum papel foi tão lembrado nestes dias, no entanto, quanto o que exerceu em seguida à renúncia de Jânio, em 1961, quando liderou a resistência ao golpe que pretendia impedir a posse de Jango. Aqueles eram tempos em que a trinca de cavalheiros fardados que ocupava os ministérios militares determinava o que podia e o que não podia. A junta dos três, detentora de papéis tantas vezes lamentáveis, na história do Brasil, decidiu na ocasião que o vice-presidente, mesmo legitimamente eleito, não assumiria. Brizola entrincheirou-se na rede de rádios batizada de Cadeia da Legalidade e neutralizou o golpe — pelo menos, neutralizou-o pela metade, uma vez que na outra metade se ofereceu aos descontentes a consolação do parlamentarismo.

No funeral de Brizola, escolheu-se o papel em que se prefere tê-lo congelado na história. Nada de insistir no mais que duvidoso desempenho como governador do Rio de Janeiro, ocasião em que inaugurou a estratégia de manter a polícia afastada dos mortos e com isso deu bom impulso à violência e ao caos urbano. Enterrou-se o paladino da legalidade, não o autor de teses como a da prorrogação do mandato do general Figueiredo, ou da defesa de Fernando Collor. Nada contra. O ato de 1961, pelo que teve de coragem e de enfrentamento da praga golpista que tanto assolou o país, pesa mais na balança do que os erros.

O funeral apontava para a história também em função dos cenários e da liturgia que o revestiram. O velório foi no Palácio Guanabara, onde morou Getúlio. O cortejo passou pelo Palácio do Catete, onde Getúlio se matou. Por algumas horas, era o Rio de Janeiro de outros tempos que renascia das cinzas — a capital federal, não a simples capital de uma das unidades federativas. Em Porto Alegre o esquife pousou no Palácio Piratini, que foi reduto de Brizola — mas também de Getúlio. Ali teve música e tradições gaúchas, justa maneira de homenagear os retornados, depois da cansaça de amarrar os cavalos no Obelisco da Avenida Rio Branco. O enterro foi em São Borja, no mesmo cemitério onde Getúlio está enterrado. Em cada um de seus passos, o funeral prestou-se a um ritual de saudade. Até parecia que se enterrava o velho outra vez. Vai ver, foi isso mesmo o que, na cabeça de muitos, aconteceu.

AS MORTES D



MARCIA FOLETTO/AG. O GLOBO

O engenheiro Leonel Brizola, em 1992, numa manifestação de seu partido, o PDT. Ao lado, Lula no velório, no qual foi vaiado por brizolistas: os aliados acabaram em lados opostos

Caudilhismo, populismo, nacionalismo: as idéias e os conceitos em que acreditava o político foram sepultados antes dele

Mario Sabino

Enquanto o engenheiro Leonel de Moura Brizola, líder do PDT, recebia as últimas homenagens fúnebres, antes de ser enterrado no mesmo cemitério de Getúlio Vargas e João Goulart, em São Borja, no Rio Grande do Sul, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva estava em Nova York, no salão do Hotel Waldorf-Astoria, falando a uma platéia de investidores e empresários americanos. Lula estava vendendo o Brasil — num sentido bem diferente do que atribuía a esse verbo o gaúcho Leonel Brizola. Na distância que separa os dois sentidos, morreram três ismos que convulsionaram a história brasileira: o caudilhismo, o populismo, o nacionalismo. Todos eles sepultados bem antes do político que insistia em revivê-los — ou melhor, que os acreditava vivos. Todos eles sepultados pela racionalidade e pela modernidade.

Um homem com idéias fora do lugar, ou fora de época, tanto faz, era assim o Brizola dos últimos dias, dos últimos anos, da última década, para falar o mínimo. Um anacronismo que esperneava. Mas que isso não manche sua reputação pessoal. Brizola sempre esteve muitas notas acima das frugais médias de inteligência e honestidade dos seus pares. A esse respeito, pode-se pegar emprestada uma frase da conservadora Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra da Inglaterra, que comentou assim a morte de um líder trabalhista, antípoda seu: “Você pode estar totalmente errado em política, sem ser um tolo ou um canalha”.

A vivacidade de Brizola está bem ilustrada pelas frases corrosivas que dirigia a seus adversários (*veja quadro*). A acentuar essa mordacidade, havia a inflexão peculiar e os “eles” demasiadamente palatais (excessivos até para um gaúcho), que muitos brasileiros nascidos nos anos 60 se compraziam em imi-

OSCAR CABRAL

BRIZOLA



Brizola, o frasista

"Estou pensando em criar um vergonhoso para políticos sem vergonha que ao verem a chance de chegar ao poder esquecem os compromissos com o povo"

Em 1984

"Lula pode ser um bom ministro, depois governador e, daqui a uns dez ou doze anos, o melhor de todos os candidatos a presidente"

Antes do início da campanha presidencial de 1989

"Para para nós, um político de arbigamento, o senador Pinheiro Machado, dizia que a política é a arte de engolir sapo. Não seria fascinante fazer agora a elite brasileira engolir o Lula, sapo barbudo?"

Em 1989, depois de fechar a aposta na candidatura de Lula à Presidência

"O PT é a UDN de tamarco e macacão"

Em 1990

"Esse Lula é um bobalhão"

Em 1991

"Pra gaúcho esse Viager é overdose!"

Sobre a virulência gaúcha, em 1992

"Serei como um cavalo inglês: só vou morrer na canela"

Após que sugeriram que ele abandonasse a política depois da derrota eleitoral em 1996

"O PT é como uma galinha que cacareja para a esquerda, mas põe os ovos para a direita"

Em 2000

"Garotinho é um animador de auditório. E eu não é? Eeeee..."

Imitando Silvio Santos para criticar o então governador fluminense, em 2000

"O Lula, que veio para reformar, está sendo reformado"

Comentando a contratação de um marqueteiro para orientar o petista, em 2001

"Garotinho é como uma bola: não tem lado e é oco por dentro"

Sobre seu ex-aliado, em 2002

"Tu sabes do que me ocupo quando não estou pensando nem fazendo política? Eu durmo"

Em 2002, quando completou 80 anos



Goulart e Brizola, em 1961:
a “Cadeia da Legalidade”
garantiu a posse do primeiro

tar, tão logo se viram diante do Brizola recém-tornado ao palco político, depois da anistia de 1979, que o tirou do exílio no Uruguai. Aliás, para essa geração, hoje na faixa dos 40 anos, a volta à normalidade institucional, com debates acalorados pela televisão, foi também uma sobreposição de sotaques, inflexões e vocabulários algo humorísticos. Havia Jânio Quadros. Havia Lula (há Lula). E havia Brizola.

Ao morrer no último dia 21, ele contava 82 anos. Em 1998, aos 76, depois de uma das várias derrotas eleitorais que sofreu, Brizola ouviu o conselho para que se retirasse da política. “Serei como um cavalo inglês: só vou morrer na cancha”, respondeu. A promessa foi cumprida: antes de sofrer o infarto que o mataria, ele se preparava para anunciar sua candidatura à prefeitura do Rio de Janeiro. Brizola governou o Rio, o Estado, duas vezes, de 1983 a 1987 e de 1991 a 1994. Foi no Rio, a cidade, que vingou com exuberância o adjetivo “brizolista”, um subproduto dos ismos citados no primeiro parágrafo, assim como “getulista” e “janguista”. Foram brizolistas que vaiaram Lula no velório do líder do PDT, acusando-o de “traidor”. Traidor do quê? Dos tais ismos, evidentemente, visto que Lula, na Presidência, não é o mesmo da campanha de 1998, quando tinha Brizola como vice de chapa. O presidente petista segue uma política monetária ortodoxa e prossegue no projeto de abertura econômica do país.

Também no Rio, a cidade, floresceu o adjetivo “antibrizolista”. O antibrizolista ressen-

Getúlio, entre Brizola e sua mulher, Neusa: o engenheiro considerava-se herdeiro do “pai dos pobres”

te-se de um fato inconteste: o alastramento das favelas, inclusive no cartão-postal da Zona Sul, e a ascensão dos traficantes de drogas durante o governo de Brizola. Não se trata de coincidência. O brizolismo nutriu-se diretamente dos bolsões de pobreza cariocas, por meio de duas medidas: o fim das remoções de favelas e a proibição de que a polícia fizesse incursões nos morros favelizados, sob a alegação de que os seus habitantes sofriam muito com a violência policial. Pois os pobres favelados deixaram de ser atormentados pela polícia, para penar sob os traficantes. Sem repressão, em pouco tempo, os traficantes armaram-se pesadamente e os morros se transformaram em fortalezas. Sem ameaça de remoção, as favelas incorporaram construções de alvenaria e

multiplicaram-se. Quando Brizola assumiu o governo, em 1983, havia 377 favelas no Rio de Janeiro — número que pulou para 520 ao fim do seu primeiro mandato. O brizolismo matou o urbanismo, para ganhar a simpatia imediata dos humildes.

Alimentar-se da pobreza significa a necessidade de perpetuá-la. Getúlio Vargas — de quem Brizola se julgava herdeiro, numa linha de sucessão interrompida por seu cunhado, João Goulart (herdeiro a contragosto) — era “o pai dos pobres”. Mas como haveria Getúlio de continuar a ser pai se um dia não existissem mais pobres? Tal é o veneno do caudilhismo, do populismo, do nacionalismo que impede a ventilação econômica, ideológica e intelectual. Eles são ismos que constituem uma trágica versão latino-americana, ou mais precisamente platina, da qual os gaúchos receberam os bafejos por obra da geografia — uma trágica versão do universal, literária e politicamente, “é preciso que tudo mude para continuar como está”. Os caudilhos, os populistas, os nacionalistas pregam a mudança, mas, para que se conservem, tudo deve permanecer como sempre foi. Ou pior, como mostra a gestão de Brizola no Rio de Janeiro.

Não que Brizola fosse um cínico (ou tolo, ou canalha). Ele morreu acreditando piamente no seu ideário. Acreditava quando, entre 1959 e 1963, governou o Rio Grande do Sul, deixando a marca do incendiário que encampou empresas estrangeiras e promoveu invasões de terra. Acreditava mais no seu ideário do que propriamente em democracia quando, em 1961, se entrincheirou na “Cadeia da Legalidade”, para garantir a posse de João Goulart, depois da renúncia de Jânio Quadros. E também foi a crença no seu ideário que o levou a cometer erros descomunais no Rio. Leonel Brizola jamais desconfiou de que pudesse estar errado. Manteve-se coerente até o fim. Numa coerência que se transformou em pecado e morte. Morte política. ■



HISTÓRICO DO EX-GOVERNADOR LEONEL DE MOURA BRIZOLA



"Nossos caminhos são pacíficos,
nossos métodos democráticos,
mas se nos intentam impedir só
Deus sabe nossa obstinação." Leonel Brizola

O MENINO ITAGIBA

Brizola nasceu em 22 de janeiro de 1922, no povoado de Cruzinha, na época distrito de Passo Fundo, hoje município de Carazinho no Rio Grande do Sul. Filho caçula de uma família pobre de camponeses, que sequer tinham o título de propriedade da terra de que viviam. Seu pai, tropeiro e agricultor, José de Oliveira Brizola e sua mãe, professora primária, D. Oniva Moura Brizola, além de quatro irmãos. Não pode conviver com seu pai, por conta da guerra civil de 1923. O Rio Grande do Sul daqueles dias, vivia mais um conflito entre Ximangos, partidários do Presidente gaúcho Antônio Augusto Borges de Medeiros, e os Maragatos, federalistas da Aliança Libertadora, liderados por Joaquim Francisco de Assis Brasil. O pai de Brizola, alistou-se no exército maragato, sob o comando de Leonel Rocha. A guerra porém, não foi longa, terminando por um acordo mediado pelo Ministro da Guerra. Contudo, José Brizola, como camponês humilde, foi vítima das represálias que se seguiram, tendo sido aprisionado por tropas do governo, foi levado de sua casa para a execução sumária. Em homenagem ao comandante de seu pai, o menino Itagiba, passou meses depois a se chamar Leonel. Sua mãe, com cinco

filhos para criar, tempos depois perdeu a posse daquele pedaço de terra e de sua casa na justiça. Com todas as dificuldades, D. Oniva alfabetizou todos os filhos e se casou novamente, com um colono, viúvo e pobre, pai de seis filhos. Juntos se mudaram para o povoado de São Bento, onde Brizola freqüentou sua primeira escola. Com o casamento de sua irmã mais velha, Brizola foi morar em Passo Fundo, onde cursou o segundo ano primário e trabalhou como entregador de carnes. Aos dez anos, retornou a Carazinho onde para sobreviver e continuar estudando, teve que trabalhar como lavador de pratos, engraxate, jornaleiro e bagageiro na estação ferroviária. Em 1933, foi acolhido por um pastor metodista, comovido com a vida de luta do garoto. Brizola passou a estudar no colégio da Igreja Metodista, concluindo o primário. No exame de admissão ao ginásio, Brizola passou em primeiro lugar, e obteve do prefeito de Carazinho, uma carta de recomendações ao diretor do Instituto Agrícola de Viamão e uma passagem de trem para Porto Alegre, onde chegou em fevereiro de 1936. Nesta época, com 14 anos, sem dinheiro para manter-se, trabalhou como trocador e ascensorista. Até 1939, morou na escola, quando então foi diplomado como Técnico Rural. Trabalhou numa refinaria em Gravataí. Já maior de idade, passou num concurso de fiscal do Ministério da Agricultura, mas preferiu ser jardineiro da Prefeitura de Porto Alegre, onde pode fazer o supletivo, terminando por ingressar na Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul em 1945.

NASCE O POLÍTICO

O Brasil vivia em plena efervescência política no pós-guerra, com o fim do Estado Novo, a redemocratização e a reorganização dos partidos políticos. Brizola tendo definida uma carreira profissional e num ambiente universitário, viu-se compelido a participar efetivamente da política, escolhendo entre os partidos da época o PTB. Junto com outros universitários e alguns sindicalistas, Brizola estrutura o primeiro núcleo gaúcho do PTB, colaborando ativamente com o PTB no RS. Criou a Mocidade Trabalhista, também conhecida como Ala Moça, tornando-se seu primeiro presidente. Em janeiro de 1947, veio a coroação, o PTB elegeu sua maior bancada na Assembléia Legislativa e Brizola foi um dos Deputados mais votados no Estado. Na Assembléia, se opôs contundentemente a cassação de três Deputados Comunistas. Formou-se em engenharia em 1949. Casou em março de 1950, com D. Neusa Goulart, sua companheira de vida, irmã do então futuro presidente João Goulart, tendo como padrinho de casamento Getúlio Vargas. Com D. Neusa, teve três filhos. Se reelegeu como o Deputado Trabalhista mais votado, assumindo a liderança da bancada. Concorreu à Prefeitura de Porto Alegre em 1951, perdendo a eleição por poucos votos. Aprendeu a lição. Em 1952, tornou-se Secretário de Obras do Governo Trabalhista do Estado, se destacando no cargo, a ponto de em 1954, logo após o suicídio de Getúlio Vargas, ser eleito Deputado Federal com mais de 100 mil votos. Em 1955, novamente tentou a Prefeitura de Porto Alegre, obtendo uma consagrada vitória, com 65% dos votos, usando o lema "Nenhuma criança sem escola". Diante do sucesso de sua gestão como Prefeito, Brizola é

novamente consagrado em 1958, na disputa do Governo Estadual. Obtém 55% dos votos, vencendo em 90% dos municípios gaúchos.

O GOVERNADOR BRIZOLA

Iniciava-se o ano de 1959 e Brizola entrava no Palácio Piratini para fazer História, efetivando sua bandeira de educação popular e desenvolvimento econômico, proposta na campanha. Criou a Caixa Econômica Estadual e, junto aos Governadores de SC e PR, criou o Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), priorizando os investimentos na infra-estrutura do Estado, Educação e Reforma Agrária. No seu governo, Brizola construiu 6.302 Escolas, admitindo mais de 40 mil professores e abrindo cerca de 700 mil matrículas. Brizola foi pioneiro na Reforma Agrária no Brasil, desapropriando vastas áreas de terras improdutivas e criando o Instituto de Reforma Agrária, entregando 14.000 títulos de propriedade a colonos sem-terra. Todos os assentamentos, foram acompanhados de projetos de infra-estrutura sócio-econômica, para fixar aquelas comunidades, motivando o sucesso de sua iniciativa.

A ENCAMPAÇÃO DAS MULTINACIONAIS

Apesar de todas as realizações, o governo de Brizola ficou marcado na História, pelos episódios das encampanções das multinacionais companhias prestadoras de serviços de luz e telefone. A Companhia de Energia Elétrica Rio-grandense era filial da Bond and Share, subsidiária da American and Foreign Power Company (Amforp). O governador Brizola tentou inúmeras vezes, negociar com a empresa novos investimentos no setor, diante do crescente déficit de qualidade dos serviços. Diante da intransigência, Brizola com amparo na legislação vigente, fez as contas e verificou que o Estado devia pagar a Bond and Share para sua encampação, não mais que um cruzeiro. E foi o que fez em 13 de maio de 1959, recebendo a imissão de posse pelo Poder Judiciário. Fato inédito no mundo, teve ampla repercussão internacional, com enormes pressões vindas de Washington. Mesmo assim, Brizola não se furtou de repetir o feito em 1962, encampando a Companhia Telefônica Rio-grandense, filial da International Telephone and Telegraph, a poderosa ITT. Situação similar, após dois anos de tentativas de negociação infrutíferas, o governador Brizola expropriou a empresa, pelo valor avaliado. O governo americano, na época do Presidente Kennedy protestou contra o ato, que novamente ganhou projeção internacional. Brizola foi tachado como "esquerdista agressivo", "radical" e até "comunista". No entanto, agiu na defesa do interesse público de seu povo, não por questão ideológica. Mas estes episódios, além de ter-lhe dado notoriedade internacional, fez com que se solidificasse suas convicções nacionalistas, aprofundando suas posições em defesa de nosso País.

A REDE DA LEGALIDADE

No entanto, ainda em 1961, um fato marcou Brizola na História do Brasil, como um líder de resistência, coerência e coragem: a Campanha da Legalidade. No dia 25 de agosto de 1961, o Presidente Jânio Quadros renunciou, para surpresa da nação, com uma enigmática justificativa de "forças ocultas". O Vice-Presidente João Goulart, encontrava-se fora do País em viagem oficial à China comunista, de forma que a presidência foi assumida interinamente pelo Presidente da Câmara dos Deputados Ranieri Mazzilli. No entanto, os três ministros militares, da ala mais reacionária, reagiram contra a solução Constitucional, contrários a posse de João Goulart, a quem acusavam de comunista. Seria um golpe militar disfarçado, antecipando a ditadura que acabou por se estabelecer em 1964. Brizola como Governador do Rio Grande do Sul, requisitou uma rádio e formou a chamada "Rede" ou "Cadeia da Legalidade", mobilizando outras 104 rádios do RS, SC e PR, no esforço de denunciar o golpe dos militares e defender a Ordem Constitucional, garantindo a posse de João Goulart. O governo gaúcho distribuiu armamentos aos populares voluntários, que atendendo ao chamado de Brizola, vieram aos milhares lutar em defesa da legalidade. Brizola permaneceu por toda a crise, no Palácio Piratini, que foi cercado por barricadas e defendido pela Brigada Militar do RS e voluntários do povo. O comando militar em Brasília, deu ordens expressas para o comandante do III Exército, General Machado Lopes, marchar com todas as forças necessárias sobre o Palácio Piratini e silenciar Brizola, que discursava para a nação diariamente. A Força Aérea recebeu ordens para bombardear o Palácio Piratini se necessário. No dia 28 de agosto de 1961, diante da extrema gravidade da crise, Brizola fez o seu mais famoso e dramático pronunciamento, que ficou registrado para sempre em nossa História:

O DISCURSO DA LEGALIDADE.

Após este pronunciamento, Brizola recebeu o General Machado Lopes, que comunicou que todos os generais do III Exército, haviam decidido lutar pela Ordem Constitucional, não aceitando as ordens de Brasília. A decisão foi imediatamente transmitida por Brizola para a multidão de mais de 100 mil pessoas que se concentravam diante do Palácio Piratini. Com o apoio do III Exército a Campanha da Legalidade levantou o País e João Goulart pode, enfim, entrar no Brasil, chegando a Porto Alegre, via Montevideu em 1º de Setembro de 1961. Inobstante as ameaças de confronto com o II Exército de S. Paulo e ataque da Marinha de Guerra, Brizola com o apoio do III Exército, já se propunha a avançar as tropas para Brasília, a fim de assegurar a posse do Presidente. Contudo, João Goulart preferiu aceitar o parlamentarismo, negociado como alternativa a Guerra Civil, tomando posse como Presidente em Brasília no dia 7 de setembro de 1961. A Campanha da Legalidade, dignifica as páginas de nossa História, como um dos maiores exemplos de coerência e coragem de um líder e vitória da luta democrática popular.

O EXÍLIO

Em outubro de 1962, Brizola é eleito o Deputado Federal mais votado no País - 269 mil - pelo antigo Estado da Guanabara. Brizola no Congresso, comandava a esquerda nacionalista, combatendo incessantemente o imperialismo norte-americano, defendendo o controle do capital estrangeiro e uma revisão completa nas relações com os EUA. Passa então a lutar pelas Reformas de Base, como meio para superação do subdesenvolvimento brasileiro, criando a Frente de Mobilização Popular. Diante da hesitação do governo Jango, Brizola é forçado a se opor ao cunhado. Diante do fracasso de sua política econômica, da insatisfação dos latifundiários e da Rebelião dos Sargentos (1963), o governo de João Goulart, começou a ser ameaçado pela direita golpista. Sem apoio popular, Jango decide finalmente em 1964, a iniciar as Reformas de Base, convocando um comício na Central do Brasil, Rio de Janeiro, para a assinatura de dois decretos, um da Reforma Agrária e outro da Encampação de refinarias de petróleo. No entanto, era tarde demais, os conspiradores já fortalecidos, mobilizam a opinião pública, com apoio da imprensa e da igreja, atingindo os quartéis, aguardando apenas a ordem da Casa Branca. No final de março de 1964, o Departamento de Estado americano acusa João Goulart de tolerar a infiltração comunista no governo, levando os jornais americanos a pedirem por um golpe, era o sinal que faltava para o golpe. Na manhã de 31 de março, o governador de Minas Magalhães Pinto e o General Mourão Filho, dão início ao golpe militar, que jogou o país na mais longa ditadura militar das Américas. Brizola ainda tenta reeditar a resistência no Rio Grande do Sul, mas a situação mudara e Jango preferiu não resistir. Brizola saiu do País em maio, iniciando o mais longo exílio de um político brasileiro na História. No exílio Brizola passou longos 15 anos, onde apesar das vicissitudes, pode incrementar seus conhecimentos políticos e contatos internacionais, que lhe valeram o reconhecimento mundial como estadista, obtendo apoio de importantes líderes da esquerda européia a causa da redemocratização no Brasil. Em 1979 em Lisboa, organizou com o apoio de Mário Soares, líder socialista português, um Encontro de Trabalhistas, reunindo diversos opositores no exílio, de onde foi elaborada a Carta de Lisboa, documento programático para reorganização do PTB no Brasil, pedra fundamental do ideário pedetista.

A VOLTA E A VITÓRIA

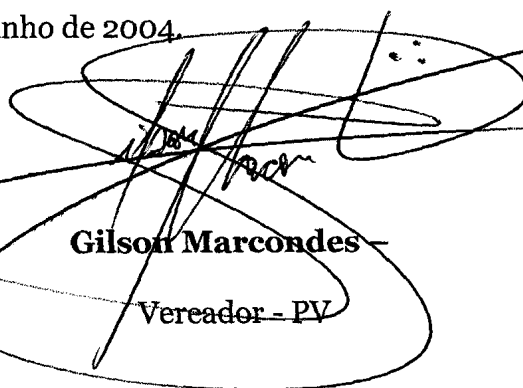
Com a anistia em agosto de 1979, Brizola retornou ao Brasil em 6 de setembro, fixando residência no Rio de Janeiro. Trabalhou intensamente para reorganizar o PTB, porém com uma manobra sórdida do governo militar, um grupo político conseguiu no TSE, tomar a sigla de Brizola. Nascia meses depois o PDT - Partido Democrático Trabalhista. Já na primeira eleição que participou, Brizola obteve a vitória para o governo do Rio de Janeiro, tendo o saudoso Professor Darcy Ribeiro como vice, apesar da frustrada tentativa de fraude eleitoral. Pela primeira vez, em décadas, o povo do Rio de Janeiro tinha um governo voltado para os mais desassistidos, priorizando a educação como base fundamental de uma sociedade justa, implantando o revolucionário programa dos CIEPS (Centro Integrado de Educação Pública), popularmente conhecidos como "brizolões". E assim, foram dois governos, marcados por uma visão social ímpar e

por realizações no interesse das classes mais baixas, que acarretaram a mais vil e gigantesca campanha dos setores conservadores de nossa elite dominante. E tantas foram as "mortes" de Brizola, anunciadas com alardes pelas elites dominantes, através dos meios de comunicação monopolizados. E tantas foram as traições sofridas, por indivíduos que se venderam ao poderio econômico nacional e estrangeiro, traindo na verdade o seu próprio povo. Como disse certa vez Luiz Carlos Prestes, a classe dominante jamais vai perdoar Brizola, porque ele fez o que ninguém fez, e o que ela mais abomina e teme: dividiu a terra e distribuiu armas ao povo. No entanto a legenda deste homem, nosso líder maior, construída neste último meio século, onde nossa História foi escrita muitas vezes com o sacrifício de nosso povo, é um referencial vivo para as gerações presentes e futuras. Um homem: Leonel de Moura Brizola. Uma legenda: Coerência e Coragem.

LEONEL DE MOURA BRIZOLA, ex-governador do Rio de Janeiro e Presidente Nacional do PDT, faleceu na noite de segunda-feira, dia 21 de junho de 2004, no Rio de Janeiro. Ele morreu às 21h29 vítima de infarto decorrente de complicações infecciosas. O ex-governador estava internado desde a tarde de segunda-feira no Hospital São Lucas, em Copacabana, na zona sul do Rio.

Pela sua história, por ter sido um líder e estadista que marcou o nosso País com sua trajetória de lutas e realizações, pela sua coerência e coragem, por ter sido o idealizador do CAIC (antigo CIEP, que passou a se denominar CIAC e por último CAIC). Também pela sua amizade e amor com que tratava todas as pessoas que conviveram com ele, nada mais justo que denominarmos o estádio de futebol de nossa cidade com seu ilustre e inconfundível nome, que permanecerá para sempre em nossas mentes: **LEONEL DE MOURA BRIZOLA.**

Pato Branco, 23 de junho de 2004



Gilson Marcondes
Vereador - PV

Pato Branco,
23 de junho de 2004

• Esta edição contém 28 páginas.

DIÁRIO DO POVO

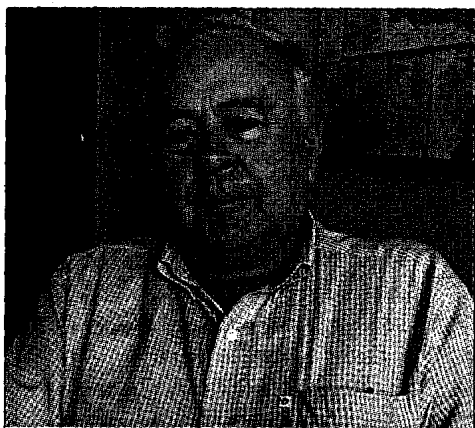


Brizola

Lideranças lembram a personalidade e a autenticidade do político

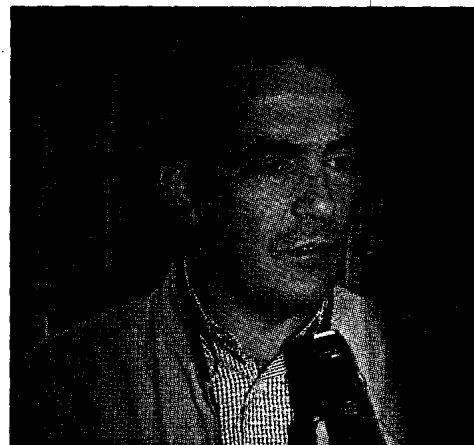
O Brasil perdeu, na última segunda-feira, um dos líderes políticos mais expressivos dos últimos anos. O presidente nacional do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Leonel de Moura Brizola, não resistiu a uma parada cardíaca e faleceu às 21h29min, aos 82 anos de idade.

“Hoje de madrugada chorei ao ouvir o hino da Legalidade, pela rádio Gaúcha de Porto Alegre: ‘Avante brasileiros de pé/ Unidos pela liberdade/ Marchemos todos juntos de pé/ Com a bandeira que prega a igualdade/ Protesta contra o tirano/ Se recusa à traição/ Que um povo só é bem grande/ Se for livre como a Nação’, pois, gostem ou não do Brizola, é uma figura que vai ficar na história de filhos e netos do Rio Grande e de todo o país”, disse Vitor Hugo Ribeiro, filiado há mais de 20 anos ao PDT.



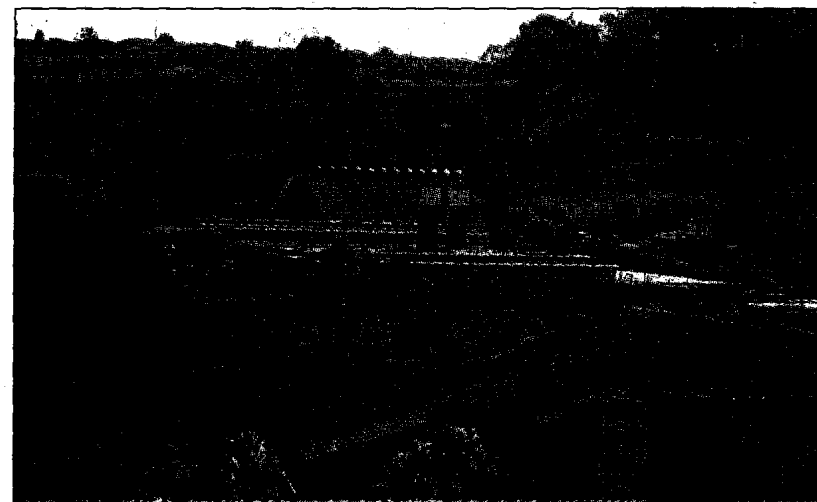
• Vitor Hugo Ribeiro, filiado ao PDT há mais de 20 anos

Muito embora nunca tenha militado no partido do ex-governador Leonel Brizola, é pública a simpatia que o deputado estadual Nereu Moura (PMDB) sempre nutriu pelo presidente de honra do PDT nacional. O parlamentar lamentou a morte de quem classificou “como uma das principais lideranças políticas da história contemporânea brasileira”.



• Deputado estadual Nereu Moura (PMDB)

• Centro de
Atendimento
Integrado à
Criança
(Caic)

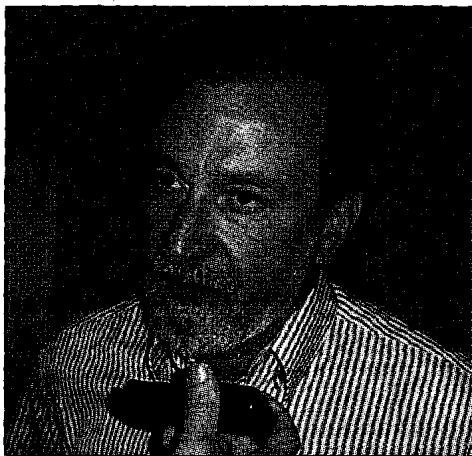


Segundo Zucchi, Brizola foi um grande mestre e ele sempre se inspirou na sua trajetória política de honestidade e comprometimento com o povo brasileiro. “Todos aprendemos com seu grande trabalho em prol do Brasil, seja quando exercia o Poder Executivo, como governador, ou quando defendia nosso país, sendo um dos seus grandes líderes políticos e defensor

da soberania nacional”, acrescentou Zucchi.

“As grandes conquistas das classes trabalhadoras tiveram a luta e o esforço político de Brizola, que com suas convicções foi um símbolo de resistência do país. Sua morte deixa uma grande lacuna na política, e ele merece ser reverenciado pelo povo brasileiro”, concluiu Zucchi.

Um homem insubstituível, assim se pronunciou o senador Osmar Dias, presidente do PDT do Paraná. “Mais do que uma figura política, Leonel Brizola foi uma das grandes figuras históricas do Brasil. Um homem que deixa como herança ao país o exemplo de uma conduta moral e ética, o discurso da coerência e da responsabilidade”, enfatizou Dias.



• Senador Osmar Dias, presidente do PDT do Paraná

“Sempre fui eleitor do Brizola. Sempre gostei da sua atuação política ligada à educação, que no Rio Grande do Sul construiu mais de 4.000 escolas em um ano. Seu perfil era nacionalista, queria maior distribuição de renda no país, era contra a exploração internacional e contra a remessa de lucro ao exterior. Uma frase de Brizola que guardo com carinho é ‘o rico deveria ser menos rico, pois ainda assim continuaria rico, mas o pobre deixaria de ser pobre’. Eu, Jacinto Simões e Torquato Bertol fundamos o PDT em Pato Branco, quando ele voltou do exílio, porque simpatizávamos com os ideais de Brizola”, salientou Alberto Pozza, um dos fundadores do PDT em Pato Branco.

lideranças carismáticas e respeitadas, “não foi apenas o PDT que perdeu, mas o Brasil como um todo”. Para Nereu Moura deixou a cena política e a vida real “um político com sotaque gaúcho e alma brasileira”.

Segundo Clemair Bertol, coordenadora pedagógica do Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (Ceebja), Brizola acreditava que “a criança deveria ser educada desde o ventre materno, por isso criou o Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) no Rio de Janeiro, que atendia a família, com atenção especial à gestante, dando suporte à criança até o Ensino Fundamental. Um exemplo de Ciep, em Pato Branco, é o Centro de Atendimento Integrado à Criança (Caic), no bairro Planalto, criado com o mesmo objetivo de Brizola, no governo Collor”, concluiu Clemair.



• Deputado estadual Augustinho Zucchi (PDT)

“O Brasil perde seu maior líder trabalhista e o PDT um grande comandante. Estamos muito tristes com essa perda”, lamentou Augustinho Zucchi, deputado estadual pelo PDT.

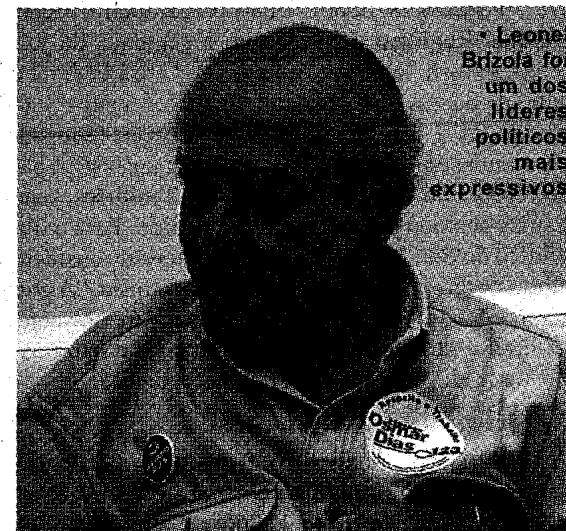
Na opinião de Nereu Moura, o falecimento do ex-governador gaúcho e carioca abre uma lacuna entre os grandes líderes nacionais. “Na verdade, Brizola foi um ícone da vida pública brasileira, sabendo criar fatos para o debate político”, destacou.

“Brizola soube como ninguém defender com convicção os seus ideais”, comentou o deputado peemedebista, afirmando ainda que, num quadro político carente de

Vida política

Brizola nasceu no povoado de Cruzinha, antes pertencente ao município de Passo Fundo e hoje a Carazinho, no Rio Grande do Sul. Estudante de Engenharia, ingressou no recém-fundado Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em agosto de 1945, para apoiar a política social de Getúlio Vargas. Era um universitário atípico, uma vez que a maioria de seus colegas era comunista ou udenista. Provavelmente, porque ele vinha de uma vida dura, infância pobre, trabalhando para estudar, que o identificava com a classe trabalhadora. Atípico, não aderiu aos ideais das elites e até se orgulhava de sua origem popular.

Seu primeiro cargo eletivo foi de deputado estadual, no Rio Grande do Sul, em 1947. Em 1954, foi eleito deputado federal. No ano seguinte, tornou-se prefeito de Porto Alegre. Em 1958, governador do Estado. No ano de 1962, foi o deputado federal mais votado do país pelo antigo Estado da Guanabara, com 269 mil votos. Com o regime militar, em 1964, exilou-se no Uruguai, retornando ao país em 1979 com a anistia. Foi eleito governador do Rio de Janeiro em 1982 e 1990. Disputou duas eleições presidenciais, em 1989 e 1994, perdendo ambas.



• Leonel Brizola foi um dos líderes políticos mais expressivos

Na missa de 7º Dia, o Hino da Independência

A missa de 7º Dia realizada segunda-feira 28/6, na Igreja da Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, ficou lotada de amigos, correligionários e admiradores de Brizola, além de familiares. Os oradores, ao final da missa, foram: Carlos Lupi, Neuzinha Brizola, Carlito Brizola e Beth Carvalho, que encerrou a solenidade cantando, com todos os presentes, o Hino da Independência – o preferido de Brizola que frisava sempre o refrão “ou ficar a pátria livre, ou morrer pelo Brasil”.

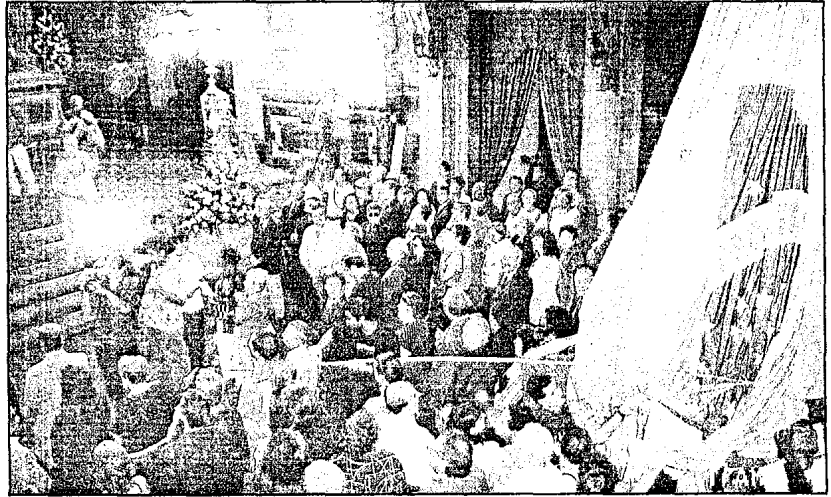
Lupi, o primeiro orador, des-



Beth Carvalho: “Ou ficar a Pátria livre, ou morrer pelo Brasil”

tacou que era um momento de muita dor, que o PDT estava de luto. Mas garantiu que enquanto houver uma criança abandonada, uma criança fora da escola, o menino de Carazinho, do interior do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, continuará vivo porque o legado que Brizola deixa é o de luta contra as injustiças e pela soberania do Brasil. Destacou também que o PDT vai continuar, como continuou o velho PTB de Getúlio Vargas.

Lupi citou a trajetória de vida de Brizola, de menino pobre que teve que trabalhar e estudar, que se libertou através da educação – pela qual lutou a vida inteira para que outros meninos pobres, como ele, ascendessem na sociedade. Citou a vida dele no exílio, o brasileiro que recebeu maior número de condenações – um brasileiro injustiçado. Lupi encerrou, dizendo que Brizola vive, e viverá para sempre, enquanto houver no Brasil crianças pobres abandonadas e fora da escola.



A missa de 7º dia em memória de Leonel Brizola lotou a Igreja da Candelária

Neuzinha, em nome da família, agradeceu as demonstrações de carinho do povo do Rio de Janeiro, de Porto Alegre e de São Borja – e no Brasil inteiro – ao seu pai. “Isto muito me comoveu, está servindo de consolo nessa hora difícil”. Carlito Brizola, terceiro orador, falou

também em nome da família. Agradeceu a todos os presentes, ao imenso número de amigos que seu avô tinha e estavam presentes. Carlito assinou que partiu o homem Leonel Brizola, mas ficaram aqui suas idéias, sua obra – um homem que ao longo de 60 anos de vida

pública lutou com coerência e perseverança pelos seus ideais.

Beth Carvalho, ao encerrar, fez questão de dizer que estava fazendo aquela homenagem “a este homem tão importante para nosso país, que é Leonel Brizola”. Em seguida, com todos os presentes, cantou o Hino da Independência.

Conselho Político indica Nilo para a Prefeitura do Rio

O Conselho Político do PDT, reunido na última segunda-feira, dia 28 de junho, decidiu indicar o ex-Governador Nilo Batista como pré-candidato a Prefeito no Município do Rio de Janeiro – seguindo a diretiva traçada pelo Diretório Nacional do PDT de candidatura própria – em sua primeira reunião sem a presença de Leonel Brizola. O deputado Paulo Ramos deverá ser o candidato a Vice-Prefeito.

O presidente do PDT, Carlos Lupi, ao final da reunião, garantiu que “Nilo Batista é candidato para ganhar as eleições no Rio de Janeiro”. A um repórter que perguntou se tinha pesado na decisão do Conselho a decisão anterior de Brizola de escolher Nilo Batista como candidato, Lupi respondeu:

— O que pesou foi a decisão de consenso. Nosso partido está unido e nesse a união é a nossa força. Temos um legado a defender – o



legado que Brizola nos deixou – legado que estará mais vivo do que nunca nesta campanha eleitoral.

Segundo Lupi, nesta campanha o PDT vai denunciar impostores, os que acabaram com o projeto dos Cieps, carro-chefe do PDT, “único caminho para a redenção de nossas crianças, através da Educação. Des-

tacou também que o PDT, nesta campanha eleitoral, “vai reviver na memória do Rio de Janeiro o grande homem público que foi Leonel Brizola”.

Ao ser perguntado quem seriam esses impostores, Lupi disse: “Muitos que choraram lágrimas de crocodilo no enterro de Leonel Brizola”.

Fidel lamenta

O Presidente de Cuba, Comandante Fidel Castro Ruz, enviou carta ao Vice-Presidente do PDT, Carlos Lupi, lamentando a morte de Brizola. Datada de 22 junho de 2004, Fidel afirma na carta:

Com profunda consternação soubemos do falecimento do profundo amigo de Cuba, Leonel de Moura Brizola, incansável e histórico lutador das causas de interesse do povo brasileiro.

Brizola, que desde muito jovem se destacou por suas firmes posições nacionalistas, foi sem dúvida um dos precursores do avanço político e democrático, tanto no âmbito interno como na política externa praticada atualmente no Brasil.

Nestes tempos difíceis que a Humanidade enfrenta na atualidade, Brizola será referência obrigatória para os lutadores nacionalistas e anti-imperialistas.

Sempre lembraremos a hospitalidade com que nos recebeu em sua residência do Rio de Janeiro em março de 1990 e da visita que realizou a Cuba em maio de 1991, como manifestação dos laços de amizade e solidariedade que teve sempre com nosso povo.

Faço extensivas minhas condolências, ante tão irreparável perda ao povo brasileiro, ao Partido Democrático Trabalhista, a seus familiares, aos companheiros e amigos.

Fraternalmente,
Fidel Castro Ruz

JORNAL DO PDT

É uma publicação
do Diretório
Regional do
PDT/RJ e da FAP

COMISSÃO EXECUTIVA REGIONAL - Leonel Brizola (Presidente de Honra), Carlos Lupi (Presidente), Paulo Ramos (1º Vice-Presidente), Amaldo Mourthé (Secretário), Elza Duarte (Secretária-Adjunta), Elma de La Fuente (Tessoureira), Ana Maria Rebes Guimarães (Vogal), Mara Hoffans (Consultora Jurídica) e Osvaldo Maneschy (Fundação Alberto Pasqualini-RJ).

JORNAL DO PDT -

Editor: Osvaldo Maneschy

Chefe de Reportagem: Max Monjardim - Colaboração: Katiuscia de Oliveira, Angela Rocha, Ismael Lisboa, Maria Helena, Rafael Galvão, Antonio Oséas e Apio Gomes.

Arte: Antonio Duarte.

Tiragem: 25 mil exemplares.

Correspondência: Jornal do PDT -

Rua 7 de Setembro 141 - 5º Andar -

Centro - RJ - CEP 20050-002 -

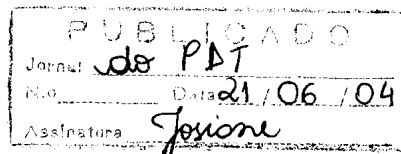
Tels. 2221 0093 - 2232 5497 e 2252

9983 (Fax)

email: jornaldopdt@pdt-rj.org.br

www.pdt-rj.org.br

Impressão: JSA Gráfica e Editora



Brizola Vive

Porque ele estará sempre entre nós como guia e mestre

Pedro Porfírio

A poucas pessoas o destino reveste do verniz da imortalidade. São raras, mas de tal essência que permanecem vivas e influentes mesmo depois da missa do sétimo dia. E são tão presentes que trazem a armadura dos invictos desde os primeiros embates, mesmo quando aparentemente derrotadas. Tanto que nenhum poderoso, seja o chefe de governo ou de uma grande corporação, faz qualquer coisa sem procurar saber antes que repercussão terão seus atos sobre esses próceres, emblemas legítimos de uma eterna mitologia.

Tenho neste momento a sensação de que estou ouvindo no sopro dos ventos serenos a voz do homem que atravessou todas as procelas sem abrir mão, um só minuto, da dignidade dos intimoratos.

Havia trocado idéias com ele, por telefone, pouco antes de retornar de Montevideu. Achava-se acometido por uma gripe diferente, a gripe dos octogenários. Mas falava como se estivesse ao meu lado, muito mais informado dos caminhos e descaminhos do nosso país e até dos nossos recantos. Só o acometia a dúvida, sina que, de quando em vez, não poupa nem os mais sábios.

Hoje, depois de admirar a feérica despedida entre lágrimas dos que lhe foram fiéis de perto e de longe, sobretudo os anônimos por natureza mais sinceros, depois de ver a legião de ingratos reverenciá-lo como se nenhum mal lhe houvesse causado, depois de contemplar o desfile de celebridades desses dias desérticos de homens de verdade, com suas frases ensaiadas e seus lamentos de encomenda, vejo quão vivo está aquele que mais influenciou nesse meio século pretérito, mesmo quando alvejado pela máquina mortífera dos senhores da mídia.

Vejo e sinto. Nada me convence que sua passagem de um estágio para outro na sua saga imortalizada vai tirá-lo de cena. Antes, talvez, a partir de agora, ele estará mais presente do que nunca, mais influente e, porque não dizer, mais temido pela súcia dos podres poderes. Pela força intrínseca que as alimentavam, suas palavras o vento fazia chegar aos inconscientes das multidões, diluindo-as em seus recônditos para um dia, quando for a hora, exprimir-se no uníssono clamor da grande rebelião.

Ninguém poderá negar. Nada que ele disse, nada que ele fez perdeu-se nos campos por ora estéreis de uma nação subliminarmente ocupada por invasores frios e calculistas. Assim como se atribui a Sólon,

um dos sete sábios da Grécia, o embrião da primeira constituição ocidental, pode-se dizer que a síntese dos seus sessenta anos passados entre nós é a essência de um novo ideário, cujo escopo traduz os mesmos anelos dos mais consagrados filósofos e pensadores - não há felicidade humana enquanto cultivarem como condição da tirania econômica a injustiça social cada vez mais perversa.

Agora, ironicamente, vai ser mais fácil assimilar suas obsessões patrióticas, sua defesa intransigente dos oprimidos. Suas falas e suas metáforas serão rememoradas em prosa e versos sem os óbices mesquinhos de todos os que, da "direita" à "esquerda", daqui e dali, o temiam capitaneando uma nação que em suas mãos teria enfrentado com coragem e altivez os erros que a tornaram presa fácil da cobiça internacional.

Ao contrário do canto das cassandras, sua imortalidade se irradiará como uma onda mágica e envolvente, disponibilizando ferramentas jamais imaginadas, tal como, um dia, em outras circunstâncias e num quadro bem diferente, deu-se uma reviravolta na história, quando da morte daquele que foi sempre sua mais assidua fonte de inspiração.

É certo que velhas estrelas que o assediavam nos tempos das vacas gordas já não estão no partido nascido na repulsa à apropriação indébita. Pode até ser que, diante da herança deixada ao tempo venha a se tentar, como ele próprio sonhou mais de uma vez, o reencontro da diáspora. Tudo pode ser, até porque cada uma das cismas tem sua história em que houve um conteúdo de culpas partilhadas.

Mas qualquer um que se imagine herdeiro, de dentro e de fora do partido que tem sido sistematicamente maltratado e pelo qual passaram políticos de todas as espécies, que está inevitavelmente fragilizado, terá diante de si a figura onipresente que por sessenta anos, mais do que qualquer outro brasileiro, mesmo nos momentos mais amargos, apontou uma direção segura para o renascer deste povo generoso. Qualquer que queira juntar-se aos que, como eu, permaneceram fiéis aos seus conselhos, terá uma cartilha para ler, com a proposta de um novo modelo econômico, de uma sociedade corajosamente mais justa, fundada, sobretudo, no primeiro dos mandamentos - a oportunidade de todos terem acesso ao conhecimento, à educação de qualidade.

A imortalidade fará com que a cada instante todos os brasi-



leiros, nos mais distantes groves, sigam agora o verdadeiro caminho do novo, da libertação, iluminados pelo exemplo de dignidade, patriotismo e coerência, valores que serão regatadas e repetidos de boca em boca, calando os impostores, os oportunistas e os subprodutos da era da subserviência colonial que agora será cristalinamente percebida e repelida.

O prócer a quem o Brasil mais deve respeito, cuja história toda a mídia teve de relem-

brar nessas últimas horas, não viveu em vão. Tudo o que traz a essência da justiça e da grandeza sobrevive às matanças. Cada um de nós há de encarnar a rebeldia indômita que marcou seus passos, atos e atitudes.

Seremos muitos mais, inclusive os jovens que admiram outro latino-americano que simboliza o sonho traído. Seremos mais amigos, mais leais, mais atuantes, porque agora temos a responsabilidade histórica de dar continuidade, sem ele aqui, à sua

obra de salvação nacional.

Responsabilidade de dizer aos oprimidos que a tarefa agora é de todos. Ele nos iluminará de onde estiver e nos servirá do grande símbolo da nossa hora e vez. Ele está vivo, sempre vivo estará, porque homens de sua tempera e de sua dedicação inteira ao povo jamais morrerão.

Ele será sempre, ao nosso lado, o melhor conselheiro. O conselheiro Leonel de Moura Brizola. (Tribuna da Imprensa 24/06/04)

Caco Barcellos, um depoimento

Como João Pedro Stédile, líder do MST, o jornalista Caco Barcellos, da Rede Globo de Televisão, credita a Brizola sua educação. Os dois estudaram em "Brizoleiras" construídas nos bairros pobres do Rio Grande do Sul - foram 6.300 no total. Ambos são originários daquilo que Brizola definia como "Brasil profundo", o Brasil dos despossuídos, o Brasil dos pobres, do povão. Leia a íntegra da carta de Caco Barcellos a um jornal carioca:

"Ao Brizola, eu devo o primeiro lápis que tive na vida, o primeiro caderno - que a minha mãe guarda até hoje -, a oportunidade de praticar esporte e música em um espaço digno e o acesso à alimentação com proteína de primeira linha. Impossível também esquecer o dia em que eu e os meus colegas lá do Partenon recebemos um tênis padrão das 'brizolinhas', como eram chamadas as milhares de escolas públicas que ele man-

dou construir nos bairros pobres de Porto Alegre. Lembro, como se fosse hoje, que ouvi a justificativa do Brizola pelo rádio:

'É um absurdo que os animais do nosso País sejam mais bem tratados que nossas crianças. Nunca vi no Brasil um bezerro abandonado, nem cavalo sem feradura no casco. Toda criança pobre tem que ter, no mínimo, o direito a um sapato no pé'.

Isso foi objeto de muitas críticas na imprensa dos conservadores, que já naquela época tentavam desmoralizá-lo, dizendo que o Brizola era o prefeito dos 'pés-de-chinelo', como se isso fosse uma ofensa.

Portanto, a ajuda dele foi indireta, mas fundamental, decisiva. Eu só comecei a estudar aos 8 anos de idade porque, até 1958, não havia vagas disponíveis, eram raríssimas as escolas públicas para o primário na periferia de Porto Alegre. Da mesma forma, o ginásio onde estudei também foi

construído durante a gestão dele na prefeitura da cidade.

Por causa dessa base emotiva, nunca deixei de acompanhar com interesse a trajetória do Brizola como estadista. Décadas depois, vibrei muito quando ele reproduziu a experiência das 'brizolinhas' no Rio de Janeiro, que ganharam o nome de Cieps, com o incentivo de outro guerreiro dos trabalhadores 'não-organizados' do País, o Darcy Ribeiro.

Ambos vão fazer muita falta. Nunca entendi por que ele jamais teve o apoio da esquerda dos sindicalistas, dos trabalhadores organizados de São Paulo. Mas essa é uma história para uma carta mais longa. Espero que algum dia o Brizola tenha a sua obra e a importância histórica reconhecidas não só pelos pobres do Brasil."

Um abraço,
Caco Barcellos

12 Novo correio eletrônico:
jornaldopdt@pdt-rj.org.br

PUBLICADO	
Jornal de PDT	
N.º	Data 21 / 06 / 04
Assinatura	Josione

As últimas homenagens a Leonel Brizola no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e São Borja

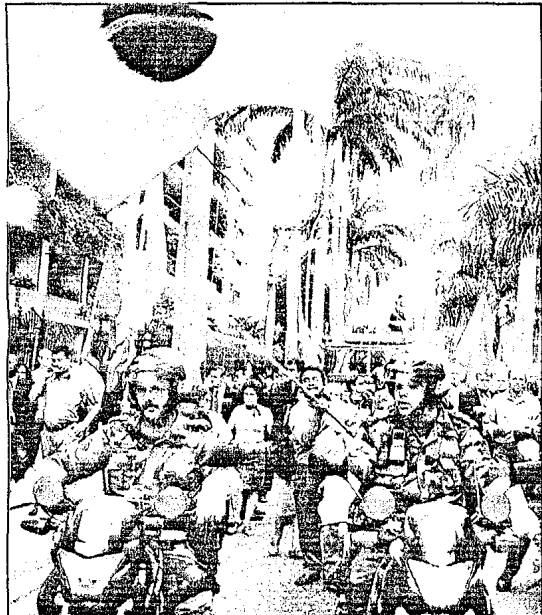
Leonel Brizola, presidente nacional do PDT, morreu dia 21 de junho último no Hospital São Lucas, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde tinha ido para fazer exames. Depois de rápida reunião, familiares traçaram uma programação que incluiu velório no Palácio Guanabara, sede do Governo fluminense, onde seu corpo chegou por volta das quatro horas da manhã da terça-feira onde ficou exposto a visitação pública no Salão Nobre até o dia seguinte, quarta. Ao chegar, Brizola foi conduzido por guarda de honra e muitos militantes já aguardavam para dar o último

adeus. Durante todo o dia, de acordo com cálculos da Polícia Militar, mais de 200 mil pessoas passaram pelo salão enquanto a fila se estendia por mais de dois quilômetros. Um telão foi armado na escadaria principal do Palácio onde vídeos sobre a história de Brizola foram exibidos.

Durante todo o dia 23, personalidades passaram pelo local. Por volta das 13 horas, o presidente Lula, acompanhado de comitiva formada de nove ministros, chegou. A militância, ao perceber a presença do Presidente da República, começou a gritar palavras de ordem



Manoel Dias, Carlos Lupi e Carlito Brizola velam o líder no Palácio Guanabara



Batedores abrem caminho para o caminhão dos Bombeiros

como "traidor" e "fora PT". Diante da manifestação, Lula ficou apenas quatro minutos e foi embora. Antes, porém, Carlito disse: "Presidente, já que senhor veio no velório do meu avô, poderia fazer uma homenagem que ele gostaria muito: construa Cieps.

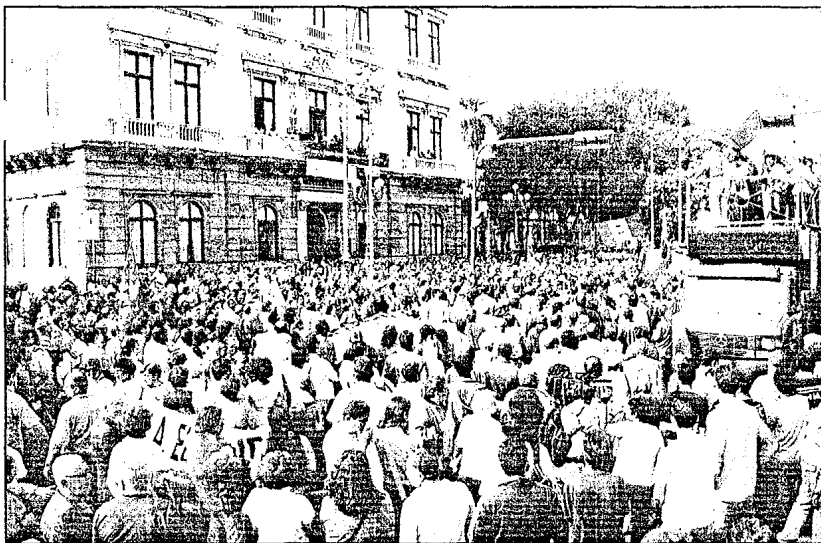
Na manhã de quarta-feira, 24, o esquife foi colocado em um caminhão do Corpo de Bombeiros e seguiu pela rua Paissandu, Laranjeiras, em direção ao Ciep Tancredo Neves, no Catete, o primeiro construído no Estado.

Nesse momento, uma multidão — cerca de 20 mil pessoas de acordo com a PM — já acom-

panhava o cortejo e diante do Palácio do Catete — onde o presidente Getúlio Vargas se suicidou — mais um momento de emoção. Carlito, leu a Carta Testamento de Vargas, referência da vida política de Brizola. "Ele sempre me falou que a Carta Testamento era seu guia político, um documento para ser lido por todos os brasileiros".

Depois o cortejo parou diante do Ciep Tancredo Neves onde discursaram Lupi e Neuzinha Brizola, filha do presidente nacional do PDT. Ela agradeceu o carinho das pessoas que acompanhavam o cortejo e disse que a manifestação ajudava

a confortar a dor da família. "É muito gratificante ver como meu pai era querido. Isso mostra que Brizola não era apenas nosso pai, mas pai de todos nós, brasileiros", afirmou. Em seguida representantes da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro homenagearam o homem que construiu o Sambódromo. Com o surdo, um ritmista cadenciou a marcha solene enquanto era feito um minuto de silêncio em memória de Brizola. Depois o cortejo seguiu até o Aeroporto Santos Dumont, onde o corpo de Brizola foi embarcado com destino a Porto Alegre.



Multidão acompanhou a leitura da Carta Testamento em frente ao Palácio do Catete

AI ESTÃO OS VOTOS
DO POVO QUE SEMPRE LHE
ROUBARAM - TS BRIZOLA.
O POVO CALA A BOCA
DOS TEUS INIMIGOS. QUE
VOCÊ NÃO MORREU PORQUE
O POVO NÃO MORREU!!!
ZONA OESTE.

Cartaz anônimo afixado na parede do Salão Nobre do Palácio Guanabara: "Aí estão os votos do povo que sempre lhe roubaram, Brizola. O povo cala a boca dos teus inimigos que são contra o povo. Você não morreu porque o povo não morreu. Zona Oeste"

PUBLICADO
Jornal do PDT
Data 21/06/04
Assinatura Spione

Muros de Porto Alegre amanheceram com a frase "Brizola Vive"

O corpo de Brizola chegou ao aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, pouco antes das 15 horas onde uma multidão já o aguardava. Leonel Brizola foi recepcionado com os Hinos do Brasil, do Rio Grande do Sul e da Legalidade, movimento que liderou em 1961 do Palácio Piratini e que garantiu a posse do então Vice-Presidente João Goulart após renúncia de Jânio Quadros.

Centenas de carros, motos e ônibus lotados de militantes acompanharam o caixão até o Piratini, sede do Governo gaú-

cho. Foram quase duas horas de acenos, lágrimas e aplausos. No caminho, muros pichados com as palavras "Brizola vive" e pétalas de rosas eram jogadas dos prédios. Na entrada do rol do salão nobre do Palácio, a submetralhadora utilizada por Brizola durante a campanha da Legalidade estava exposta. Durante toda a noite, autoridades e familiares se revezavam na vigília. Na manhã seguinte, o corpo de Brizola voltou para o Aeroporto Salgado Filho para a última viagem com destino a São Borja.



Na Praça XV de Novembro, em São Borja multidão presta última homenagem a Brizola



Deputado Vieira da Cunha, um dos oradores em São Borja



Paraguassu, um dos irmãos de Leonel Brizola

O carinho do povo de São Borja

Cerca de 25 mil pessoas, quase a metade da população, receberam Brizola em São Borja. Logo após a chegada ao aeroporto, em comitiva e em carro do Corpo de Bombeiros, Brizola seguiu pelas ruas da cidade lotadas. O corpo do ex-governador Leonel Brizola foi enterrado às 16 horas no Cemitério Jardim da Paz na cidade-símbolo do Trabalho, onde também estão enterrados os ex-presidentes Getúlio Vargas e o João Goulart, além de Neusa Goulart Brizola.

Com a população emocionada nas ruas e o comércio fechado, a pequena cidade aproximadamente 60 mil habitantes parou.

O jatinho que levou o corpo de Brizola pousou por volta das 11 horas e já no aeroporto uma multidão aguardava o cortejo. Brizola foi recebido ao som de "Querência Amada", antigo sucesso de Teixeira, uma das músicas que mais gostava, executada pela dupla Marcos Fraga e Jorge Domelles, no acordeon e violão.

Nos seis quilômetros do trajeto até a Igreja São Francis-

co de Borja, o povo esperava o cortejo para dar o seu último adeus a Brizola. Diante da sede da 1ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada do Exército, soldados perfilados batiam continência para o cortejo enquanto famílias inteiras, do lado de fora de suas casas, prestavam sua última homenagem ao ex-governador do Rio Grande do Sul que sempre amou e prestigiou São Borja. Em vários pontos populares saudavam o cortejo aos gritos de "Brizola, guerreiro, do povo brasileiro".

Ao chegar na Igreja, uma multidão imensa esperava na Praça XV de Novembro e acompanhou quando, ao som de marcha solene e cadenciada, executada pela banda do 1º Regimento de Polícia Montada de Santa Maria, o esquife de Brizola desceu do caminhão dos Bombeiros e foi levado para dentro da igreja onde se realizou ato ecumênico conduzido pelo bispo de Uruguiana, Dom Angelo Domingos Salvador, e pelo pastor da Igreja Metodista de Santo Angelo. Enquanto

isso, uma enorme fila já se formava do lado de fora da Igreja para o último adeus a Brizola.

A mesma multidão acompanhou o corpo até o cemitério Jardim da Paz, onde Brizola foi enterrado no mausoléu da família Goulart — ao lado de sua esposa Neusa e do cunhado Jango, por volta das 16 horas. Diante do caixão, o ex-presidente do PDT de São Borja, Odon Marques, o neto Carlito Brizola, o presidente nacional do PDT, Carlos Lupi, o deputado estadual Vieira da Cunha, lembraram a vida e a obra de Brizola e garantiram que a bandeira do Trabalho continuará erguida. "Vá com Deus meu líder. Continuaremos esta luta até conseguirmos construir um Brasil que você sempre sonhou", garantiu, emocionado Vieira da Cunha.

Por iniciativa do Diretório do PDT de São Borja, tão logo o corpo de Brizola desceu ao túmulo, foi acesa uma tocha que deverá ficar no local simbolizando o pensamento e a obra do grande líder, iluminando o caminho dos herdeiros do Trabalho.



No cemitério, Alceu Collares, o ex-deputado José Mauricio, Trajano Ribeiro e Pedro Porfírio (E)

PUBLICADO	
Jornal	do PDT
N.º	Data 21/06/04
Assinatura	Josione

Leonel de Moura Brizola, a biografia

Brizola nasceu em 22 de janeiro de 1922, numa casa rústica de madeira construída pelo próprio pai na localidade de Cruzinha, hoje pertencente ao município de Carazinho, no Rio Grande do Sul. Filho do tropeiro José Brizola e de Dona Oníva de Moura, foi o caçula dos cinco filhos — quatro homens e uma mulher. Ainda criança, pouco mais de um ano, perdeu o pai assassinado por uma coluna governista pouco depois de retornar para casa ao final da Revolução de 23, onde lutara ao lado dos maragatos contra a autocracia de Borges de Medeiros. Coube à mãe Oníva a educação dos cinco filhos, todos alfabetizados por ela. A situação de pobreza tornou-se ainda mais grave depois da família perder em juízo a posse das terras e da casa. Oníva casou-se com João Gregório Estery, um colono vizinho, também viúvo e com mais de seis filhos, e todos se mudaram para o povoado de São Bento.

O menino Leonel deixou a casa da mãe depois do casamento da irmã mais velha, Francisca, acompanhando-a para Passo Fundo. Ali, matriculou-se na escola primária e passou a ajudar o cunhado no açougue, entregando carne aos fregueses. Aos 10 anos, Leonel foi levado por um amigo da família para Carazinho, onde passaria a morar num sótão de hotel a fim de trabalhar e continuar os estudos. A luta pela sobrevivência levou-o a exercer as mais diversas atividades: lavou pratos em troca de casa e comida, foi engraxate, vendedor de jornais e carregador de malas até conseguir um emprego numa serraria, onde marcava tábuas.

A primeira casa razoavelmente confortável que conheceu foi a do pastor metodista Isidoro Pereira e de sua mulher Elvira que, sensibilizados com o esforço do menino, decidiram abrigá-lo. Deram-lhe um quarto, roupas e o matricula-

“A mim nada compromete. Sou planta do deserto. Quando a seca é forte, me alimento com uma gota de orvalho.”

Leonel Brizola

ram no colégio da Igreja Metodista. Brizola adotou essa religião, converteu a mãe e vários colegas. Quando tinha 14 anos, após conseguir do prefeito de Carazinho uma isenção de classe e uma carta de recomendação para o diretor da Escola Agrícola, ele se transferiu, para Porto Alegre para estudar. Mais uma vez teve que trabalhar duro, primeiro como trocador de moedas, depois como ascensorista, enquanto aguardava ingresso na Escola Agrícola de Viamão, uma espera que durou vários meses. Ao lhe pedirem a certidão de nascimento, para a matrícula, descobriu que ainda não era registrado.

Brizola morou no próprio prédio da escola durante todo o curso e, depois de obter o diploma de técnico rural, aos 17 anos, foi novamente obrigado a procurar trabalho, empregando-se como operário



Em setembro de 1979, Brizola retorna do exílio por Foz do Iguaçu e logo depois vai a São Borja - berço do Trabalhismo - terra natal de Getúlio Vargas e João Goulart

auxiliar de montagem numa refinaria. Depois de completar 18 anos, fez um concurso para fiscal de moínhos do Ministério da Agricultura. Foi aprovado, mas pouco tempo depois pediu demissão para voltar a Porto Alegre, onde foi trabalhar como jardineiro da Prefeitura. Só então, pode cursar o ginásio e o colégio, estudando a noite na maior escola pública do Rio Grande do Sul, o Colégio Júlio de Castilhos.

Brizola prestou serviço militar na Base Aérea de Canoas e conseguiu depois se formar piloto privado. Entre a carreira na Varig e o curso de Engenharia, optou pelo segundo.

Em 1942 ingressou na Faculdade de Engenharia do Rio Grande do Sul e, em 1945, participou da fundação do PTB gaúcho influenciado pelo movimento queremista, que ganhava as ruas e contagiava as massas, resistindo as inclinações de seus colegas de faculdade, na maioria oriundos de classes

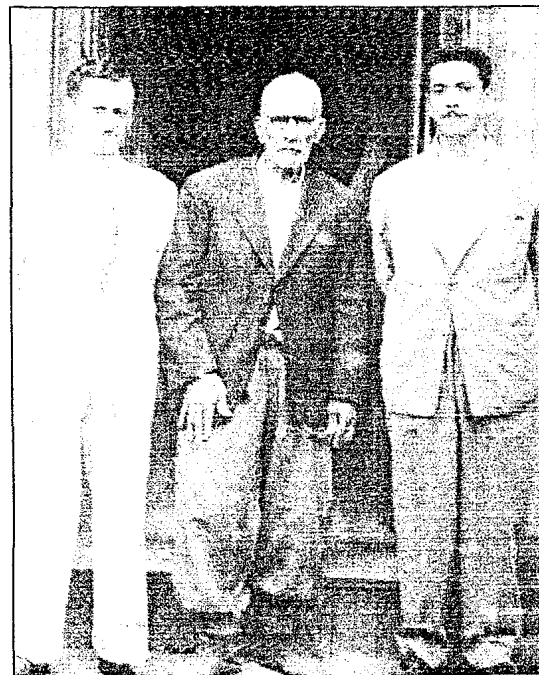
mais privilegiadas que se filiam ao PSD e a UDN. Ainda estudante de Engenharia funda com sindicalistas o primeiro núcleo gaúcho do PTB, percorrendo o interior com lideranças no esforço de consolidar o partido, participando dos primeiros comícios. Muito ativo, em um comício diante da Prefeitura de Porto Alegre, chama a atenção de Getúlio Vargas que comenta com seus pares: “Botem este guri na chapa que ele vai muito longe”.

Em 1946, presidente da Ala Moça do PTB, é lançado candida-

to a deputado estadual com o apoio dos estudantes. Elege-se como um dos cinco mais votados dentro da maior bancada da Assembleia Legislativa, a do PTB que mesmo não elegendo o governador, faz 23 deputados. Na instalação da Assembleia Constituinte gaúcha conhece João Goulart, que também iniciava o seu primeiro mandato parlamentar, após organizar o PTB em São Borja e em toda a região das Missões. Apesar da intensa atividade política, conseguiu concluir o cur-

so de Engenharia, formando-se engenheiro civil em 1949. Foi nessa época que Brizola conheceu Neusa, irmã de Jango, com quem se casaria em primeiro de março de 1950. Vargas, amigo da família Goulart, foi padrinho do casamento, do qual resultaram três filhos: José Vicente, João Otávio e Neuzia Maria.

As eleições de 1950 reconduziram Getúlio ao Palácio do Catete. João Goulart elegeu-se deputado federal, enquanto Brizola obtinha o seu segundo mandato na Assem-



Brizola (a direita) e dois de seus ídolos: Leonel Rocha (ao centro) e Alberto Pasqualini - em Erechim, 1946

bléia Legislativa gaúcha, onde assumiu a liderança da bancada trabalhista. Convidado pelo Governador Ernesto Dornelles para ocupar o cargo de Secretário das Obras Públicas, Brizola viveu a sua primeira experiência como administrador, executando vasto programa de obras no Estado. Mas o começo da sua projeção nacional viria nas eleições seguintes, após o suicídio de Vargas. Eleito deputado federal, ele travou, desde o início, uma feroz batalha com o deputado Carlos Lacerda, da UDN.

O mandato de deputado federal, no entanto, foi interrompido por sua campanha à Prefeitura de Porto Alegre, quando adotou o slogan: “Nenhuma criança sem escola”. A preocupação com a educação pública já se tornava uma obsessão na vida de Brizola. Como prefeito, ele construiu dezenas de grupos escolares em toda capital gaúcha, sobretudo nas vilas e áreas pobres da cidade. Também desenvolveu um grande programa de abastecimento d’água e modernizou o sistema de transporte coletivo.

O Secretário de Obras e Prefeito de Porto Alegre

Como Secretário de Obras do Rio Grande do Sul (1952/1954), Brizola executou as seguintes obras: ponte sobre o Guaíba; ponte sobre o rio Pardo; reaparelhamento do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER); mais de 160 projetos implantados de ampliação e construção de estradas; Estação Ferroviária Diretor Augusto Pestana, em Porto Alegre; implantação do trem diesel Minuano; melhorias no Aeroporto Salgado Filho; reequipamento do Departamento Aeroviário do Estado; reaparelhamento do Departamento de Portos, Rios e Canais; implantação de 23 portos lacustres e fluviais; construção de 40 hidráulicas no interior do Estado; início da construção de grande número de Escolas Públicas.

Em 1955 Brizola se elege Prefeito de Porto Alegre com consagrada vitória - fazendo mais votos do que todos os demais candidatos juntos. Seus triunfos principais foram o plano de obras que executou na Secretaria de Obras, e o slogan: “Nenhuma criança sem escola”. A experiência administrativa bem sucedida na terceira maior cidade do país na época, reforçou a sua marca empreendedora e nitidamente popular.

As suas principais obras como Prefeito de Porto Alegre (1955/58), foram as seguintes: implantação de sistema integrado de planejamento; reavaliação do Imposto Predial; canalização de água em todas as Vilas Populares, de acordo com as prioridades estabelecidas pelas associações de moradores; implantação de 110km de rede de água; construção da hidráulica São João e aumento das outras duas grandes hidráulicas, Moínhos de Vento e Cristo Redentor; implantação de mais de 80 km de rede esgoto; construção de 137 escolas primárias para 35 mil alunos, acabando com o déficit escolar; remodelação, alargamento e iluminação das avenidas Farroup, Assis Brasil e Protásio Alves; urbanização do Passo da Cavalhada e asfaltamento

PUBLICADO

Jornal *de PDT*

N.º Data *21/06/04*

Assinatura *Leione*

da estrada Cristal-Cavalhada; dragagem-aterro do rio Guaíba e implantação da continuação da Av. Borges de Medeiros; renovação da frota de ônibus públicos; implantação dos ônibus elétricos trolley bus; criação do maior parque da cidade até hoje, o Saint-Hilaire; remodelação e construção de grande número de parques e campos populares de futebol; criação do Programa Integrado de reaparelhamento de Equipamentos Rodoviários para todas as prefeituras gaúchas.

Governador do Rio Grande do Sul, em 1958 e a Legalidade

Em 1958, com amplo respaldo popular (mais de 670 mil votos contra 500 mil da coligação PSD/UDN/PL), Brizola se elege governador do Rio Grande do Sul aos 36 anos de idade. Mesmo sem ter alcançado maioria absoluta na Assembleia, constrói alianças que lhe dão respaldo à ação administrativa.

As suas principais obras como Governador (1959/1962): implanta com recursos públicos a indústria Açúcar Fino Piratini, utilizando carvão gaúcho em projeto pioneiro no Estado; traz para o Rio Grande do Sul a Refinaria de Petróleo Alberto Pasqualini, decisiva para a futura instalação de indústrias de adubos e do III Pólo Petroquímico; implanta, com recursos públicos, a Açúcar Gaúcho S/A - AGASA, em região canieira pobre do Estado; incorpora o Banco do Estado do Rio Grande do Sul - BANRISUL - ao planejamento estadual e cria a Caixa Econômica Estadual; funda o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE; conclui a Temeletrica de Charqueadas, de grande porte para a época, próxima a Porto Alegre, e põe em operação a de Candiota, localizada em Bagé, além de construir várias usinas de médio porte.

Brizola também encampa, dentro das normas legais, a Companhia Estadual de Energia Elétrica, subsidiária da Bond & Share canadense, ligada ao grupo americano American Foreign Power, que com

a Light carioca cartelizavam a produção de eletricidade nos maiores centros brasileiros; triplica em quatro anos a produção de eletricidade do RGS, acabando com os racionalamentos; encampa a Cia. Telefônica Nacional, subsidiária da International Telegraph & Telephone (ITT), após o insucesso de longas gestões, para melhoria dos serviços telefônicos do Estado; cria o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária - IGRA, com a entrega de mais de 14.000 títulos a agricultores sem terra, destacando-se áreas de assentamento como Fazenda Sarandi, Banhado do Colégio, Caponé, Fa-

máquina existente de repressão no interior do governo estadual; introduz um programa radiotelefônico semanal e pioneiro no País, todas as sextas-feiras à noite, de prestação de contas e esclarecimento sobre a administração estadual; inicia e comanda a Campanha da Legalidade, sustentando o plano que visava a impedir a posse do Vice-Presidente da República João Goulart, em ação política inédita e que garante o respeito à Constituição no país.

Brizola mobiliza o povo gaúcho e todas as forças de que dispunha. A voz de Brizola, defendendo a Constituição, ecoa por todo o país através de uma cadeia de emissoras de rádio, ganhando o apoio da opinião pública nacional. O Rio Grande do Sul se levanta numa jornada cívica, o general Machado Lopes, comandante do III Exército, adere à luta contra o golpismo. Do seu posto de comando, o Palácio Piratini, sede do governo estadual, Brizola garante a posse de Jango. Este, porém, contrariando a opinião do governador gaúcho, que queria que as tropas legalistas do Sul marchassem até Brasília, prendesse os militares golpistas e dissolvesse o Congresso, convocando imediatamente uma Assembleia Nacional Constituinte, aceita e concorda com a emenda parlamentarista como solução conciliatória e assume a presidência da República, praticamente sem poderes. Os golpistas de 61 começam a conspirar contra Jango no dia de sua posse.

“Um abraço, meu povo querido! Se não puder falar mais, será porque não me foi possível! Todos sabem o que estou fazendo! Adeus, meu Rio Grande querido!”

Discurso da Legalidade em 28/08/1961

zendas Itapoá, Taquari e Pangaré.

Ainda como governador inicia e conclui o maior programa de investimento em educação realizado até hoje no Rio Grande do Sul, com a construção de 5.902 escolas primárias, 278 escolas técnicas e 131 ginásios, abrindo 700 mil novas matrículas e contratando 42 mil novos professores, acabando com o déficit escolar; lança as inovadoras Letras do Tesouro Estadual (brizoletas) que viabilizaram grande número de investimentos sociais; faz uma série de investimentos específicos, com a criação de Distritos Industriais, do Programa de Incentivo ao Trigo e do primeiro Zoológico do Rio Grande do Sul, em Sapucaia do Sul.

No plano político, inicia o governo queimando os arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), eliminando a

plantação das reformas de base. O golpe militar de 1964 frustra a proposta trabalhista de modernização da sociedade brasileira, através da reforma agrária, da reforma urbana, da reforma fiscal e da Lei de Remessa de lucros, entre outras iniciativas. Mais uma vez Brizola tenta organizar a resistência popular e armada em defesa da Constituição, a partir do Rio Grande do Sul. Mas, naquela altura, todos os esforços se revelariam inúteis. Em um dos seus últimos discursos em vida, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul reunida em sessão especial pelos 40 anos do golpe militar de 64, Brizola afirmou com todas as letras: “Se dependesse de mim, teríamos resistido ao golpe militar de 64”.

1964 - o golpe, o exílio e a Carta de Lisboa

Ao final de seu mandato de Governador gaúcho, Brizola se transfere para o Rio de Janeiro, onde se elege deputado federal com nada menos do que um terço dos votos de todos os cariocas. Foi um dos mais ativos membros da Frente Parlamentar Nacionalista, lutando, inicialmente, pela restauração do Presidencialismo, conseguida através do plebiscito de 1963, e depois pela



Brizola comandou do Palácio Piratini a Campanha da Legalidade que garantiu a posse de Jango em 1961

implantação das reformas de base.

O golpe militar de 1964 frustra a proposta trabalhista de modernização da sociedade brasileira, através da reforma agrária, da reforma urbana, da reforma fiscal e da Lei de Remessa de lucros, entre outras iniciativas. Mais uma vez Brizola tenta organizar a resistência popular e armada em defesa da Constituição, a partir do Rio Grande do Sul. Mas, naquela altura, todos os esforços se revelariam inúteis. Em um dos seus últimos discursos em vida, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul reunida em sessão especial pelos 40 anos do golpe militar de 64, Brizola afirmou com todas as letras: “Se dependesse de mim, teríamos resistido ao golpe militar de 64”.

Depois de dois meses de clandestinidade na região da fronteira, Brizola é, por fim, forçado a exilar-se. Ele deixa o Brasil num pequeno avião, que parte da praia gaúcha do Pinhal para o Uruguai. Confinado no balneário de Atlântida por pressão dos governos militares brasileiros, mantém seus contatos com a oposição e apoia o MDB na grande vitória das eleições de 1974. As pressões da ditadura, entretanto, acabam levando as autoridades uruguaias a determinarem a sua expulsão daquele país, em 1977, em plena “Operação Condor” de eliminação física de exilados latino-americanos pelos órgãos de repressão do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile - sob supervisão da CIA.

Brizola dá então um passo surpreendente: solicita e obtém asilo político nos Estados Unidos, aquela época sob o governo democrático de Jimmy Carter de quem, mais tarde, se tornaria amigo pessoal. Fixando residência em Nova Ior-

que, estabelece relações com os partidos social-democratas da Europa e seus principais líderes, como Willy Brandt, Felipe González, Mário Soares, Olof Palme e François Mitterrand. Uma aproximação que o levou, anos mais tarde, como presidente do PDT, a ocupar a vice-presidência da Internacional Socialista e, posteriormente, a se tornar um dos presidentes de honra da Internacional Socialista.

Ainda no exílio, diante da progressiva abertura política no Brasil comandada pelo general Ernesto Geisel, Brizola se movimenta e organiza em Lisboa nos dias 15, 16 e 17 de junho de 1979 - o Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio, com o objetivo de reorganizar o PTB fundado por Getúlio Vargas em 1945 e extinto pela ditadura militar. Com integral apoio do então presidente Mario Soares, de Portugal, o evento é um sucesso e antes mesmo da decretação da anistia, em setembro de 1979, começa a ser reorganizado o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) sob a liderança de Brizola a partir da assinatura e do lançamento da “Carta de Lisboa”.

1979 - A volta ao Brasil por São Borja, primeiro governo no Rio de Janeiro

Decretada a anistia, Brizola retorna ao Brasil em setembro de 1979, por Foz de Iguaçu, e logo em seguida dirigiu-se a São Borja, pequena cidade na fronteira com a Argentina, terra natal de Getúlio Vargas e João Goulart, como forma de homenagear as duas maiores lideranças do Trabalho - sua corrente política desde a juventude - e a cidade que já dera e onde estavam enterrados dois Presidentes da Re-



Ao lado de Getúlio Vargas, Brizola (óculos escuros) também saúda a multidão nas ruas de Porto Alegre na campanha presidencial de 1950

PUBLICADO	
Jornal <i>do PDT</i>	
N.º	Data <i>21/06/04</i>
Assinatura <i>Forione</i>	

pública. Brizola se fixa no Rio de Janeiro que considerava tambor político do Brasil, para reiniciar a sua vida pública interrompida pela violência do Ato Institucional número 01 que cassou, além dele, o próprio Presidente João Goulart, o então chefe do Gabinete Civil, Darcy Ribeiro, e o Secretário de Imprensa de Jango, Raul Ryff.

Brizola passou a se dirigir anualmente a São Borja no dia 24 de agosto para lembrar o suicídio de Getúlio Vargas e a sua Carta Testamento — que considerava o maior documento político da História do Brasil; deixada em confiança nas mãos do herdeiro político do Trabalhismo em 1954, o presidente João Goulart. A partir de 1993, com a morte e sepultamento em São Borja de sua mulher, Neusa Brizola, irmã de Jango, a romaria passou a ter significado ainda mais profundo. Brizola definia Neusa como “bonita por fora e por dentro”.

Mas o seu projeto de reorganizar o PTB preocupou a ditadura militar, as voltas com as eleições plebiscitárias e o explosivo crescimento do MDB a partir de 1974 como consequência da anti-candidatura à Presidência da República de Ulysses Guimarães e Barbosa Lima Sobrinho. Para se precaver, em manobra junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o general Golbery do Couto e Silva, tira a sigla PTB das mãos de Brizola e a entrega a Yvete Vargas, uma deputada conservadora — alegando razões burocráticas.

Em lágrimas, Brizola rasga uma folha de papel onde estavam as letras PTB e funda o Partido Democrático Trabalhista (PDT) como forma de reagir a manobra da ditadura. Brizola começa do zero novamente e em curtíssimo espaço de tempo, um ano, consegue graças a sua liderança política — atender a legislação e a organizar o PDT. É por ele que se elege Governador do Estado do Rio de Janeiro em 1982 apesar da tentativa de fraude na totalização eletrônica

do TRE que ficou conhecida como “Escândalo da Proconsult”, jamais apurado apesar dos esforços do Ministério Público do Rio de Janeiro.

Brizola vence as eleições graças ao que chamava de “força do povo”, numa histórica campanha que ele próprio comparou a de Getúlio Vargas em 1950. Embora o PDT praticamente não tivesse estrutura orgânica ou apoio financeiro, Brizola parte do zero nas pesquisas pré-eleitorais — que davam ampla vitória para Sandra Cavalcanti, a candidata do PTB de Yvete Vargas — para a vitória, de virada. O seu material de campanha restringia-se a um boné vermelho com o slogan “Brizola na cabeça”, criado pelo jornalista Wagner Teixeira, e a uns poucos cartazes e panfletos.

Brizola venceu as eleições de 1982 graças aos debates promovidos pela grande mídia, sendo o primeiro deles o da Rádio Jornal do Brasil, que teria papel estratégico também na apuração dos votos, durante a tentativa de fraudar as eleições conduzidas pela firma Proconsult. Ao debate da Rádio JB seguiram-se o do “Povo na TV”, o da TV Bandeirantes e o da Rede Globo de Televisão.

Após 15 anos de exílio, de discriminação e de perseguições, empossado governador do Rio de Janeiro,



Em 1982, Brizola conquistou a cabeça e o coração do povo fluminense, contra tudo e contra todos, se elegendo Governador do Estado do Rio de Janeiro

todos, e não de um grupo, de uma facção ou de um partido”.

Em seu primeiro Governo no Estado do Rio de Janeiro, Brizola retomou a luta iniciada 20 anos antes, no Rio Grande do Sul, em favor da educação pública. Idealizou e executou, com a ajuda de Darcy Ribeiro, o mais arrojado e revolucionário programa educacional já desenvolvido no Brasil: o Programa Especial de Educação, o de construção dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), que o povo apelidou de “Brizolão”. Uma escola integrada, de turno único, com assistência médico-sanitária e nutricional, biblioteca e estudo dirigido, tendo cada Ciep com capacidade para até mil alunos. Nada menos do que 500 deles foram deixados, pron-

tos ou em construção, com as peças pré-moldadas em estoque, ao seu sucessor, Moreira Franco, que se elegeu prometendo acabar com a violência do Rio de Janeiro em seis meses — com total e absoluto apoio não só da Rede Globo de Televisão, como de toda a grande mídia.

Sem recursos federais e abstenendo-se de recorrer a empréstimos externos, Brizola desenvolveu importantes programas de saneamento básico, de eletrificação rural e urbana, como “Uma Luz na Escuridão” e de reforma urbana, através do programa “Cada Família, Um Lote”. Foi Brizola que iniciou no Rio de Janeiro a política pública de urbanização de favelas, que substituiu a prática antiga das remoções desumanas e arbitrárias.

O Governo Brizola estancou a sangria dos dinheiros públicos representada pela organização do carnaval, com a construção da Passarela do Samba, obra executada no prazo recorde de quatro meses e que, em apenas dois anos, ensejou receitas suficientes para cobrir com sobras todo o seu investimento. Além de ampliar o mosaico dos cartões-postais cariocas, na Passarela o professor Darcy Ribeiro, então vice-governador e um dos principais mentores do Programa Especial de Educação, desenvolveu um complexo escolar com 210 salas de aula para funcionar fora do período carnavalesco.

1984 — Diretas Já

Em 1984, governador do Rio de Janeiro, Brizola liderou o grande comício da Candelária que reuniu um milhão de pessoas e elegeu a campanha das “Diretas Já” para novo patamar. Fruto da perseverança dos opositores da ditadura militar, como Ulysses Guimarães, e realizados inicialmente sem apoio oficial e boicotados pela grande mídia, o comício da Candelária deu nova dimensão a campanha das Diretas Já. Não houve mais como esconder o óbvio: o povo queria as eleições diretas.

A mobilização dos cariocas obrigou os meios de comunicação — especialmente a Rede Globo de Televisão — a levantar o boicote imposto ao movimento, numa tentativa vã de ocultar o que viria a se

transformar numa das maiores campanhas cívicas do País. Depois do Rio de Janeiro, outras capitais brasileiras viriam a reunir grandes multidões para exigir o direito democrático do povo de eleger o seu presidente.

Derrotada no Congresso pela maioria governista a emenda que restabelecia as eleições diretas, os líderes da campanha partem para uma solução negociada para o fim do regime militar, via eleições indiretas. Brizola rejeita o acordo, propõe as oposições que em vez de eleger indiretamente um presidente da República, seria melhor entender o mandato do general Figueiredo e que fosse feita a transição em curto espaço de tempo, para em seguida eleger — diretamente — o presidente da República.

Derrotada a tese que defendia, prevaleceu a eleição indireta, mas Brizola rejeita a chamada “Nova República”, recusa-se a participar do governo Tancredo Neves, que não chega a assumir cargo, ocupado por José Sarney, que presidia o PDS, o partido da ditadura militar.

1985 — Saturnino Braga se elege Prefeito

Com prestígio político cada vez maior no Rio de Janeiro e no Brasil, candidato a Presidente da República pelo PDT, Brizola lança Roberto Saturnino Braga, recém-releito senador em 82 na chapa do PDT, para a Prefeitura do Rio de Janeiro nas eleições de 1985, as primeiras para as capitais brasileiras depois da ditadura militar. Último pleito a ser realizado antes do recadastramento eleitoral nacional promovido pelo TSE em 1986, o candidato de Brizola ganha as eleições pela esmagadora maioria do eleitorado carioca — embora Saturnino Braga fosse até 1982 apenas um político fluminense, do antigo Estado do Rio de Janeiro, eleitor de Niterói.

Antes mesmo da posse de Saturnino a primeiro de janeiro de 1986, o então vice-prefeito eleito, Jó Rezende, lança-se unilateralmente candidato a sucessão de Saturnino Braga ainda no final de dezembro de 1985 sem ouvir ninguém, nem o próprio Saturnino. O acúmulo de poderes municipais nas mãos de Jó Rezende, por delegação de Saturnino

“... e ali, naquele momento, decidimos voltar por São Borja nem que tivéssemos que dar umas voltas pelo mundo inteiro... São Borja é como entrar pela porta da frente da nossa própria casa...”

Na volta do exílio, em 1979

as primeiras palavras de Brizola, demonstraram sua disposição de superar injustiças e incompreensões: “A partir de agora, sou o governador de

biblioteca e estudo dirigido, tendo cada Ciep com capacidade para até mil alunos. Nada menos do que 500 deles foram deixados, pron-



Quando estava no Rio de Janeiro no dia 24 de agosto, Brizola sempre homenageava a memória de Getúlio Vargas fazendo a leitura da Carta Testamento na Cinelândia

PUBLICADO

Jornal do PDT

N.º _____ Data 21/06/84

Assinatura *João*

no Braga, e a compreensão de sua candidatura dificilmente passaria pelo PDT, partido a que se filiara na véspera da eleição de 85 e no dia em que sua candidatura a prefeito pelo PT seria anunciada, levou João a trabalhar pelo afastamento de Saturnino do PDT. Em fevereiro de 1986 Saturnino anuncia a sua decisão de sair do PDT, filiando-se logo depois ao PSB — partido pelo qual se elegeu uma vez deputado federal ainda na década de 60, e pelo qual — com o apoio de Brizola — voltaria ao Senado Federal em 1998, derrotando entre outros Moreira Franco e Roberto Campos.

1986 — A Farsa do Cruzado e a derrota de Darcy Ribeiro

No final de seu primeiro governo no Rio, Brizola dá mais um aprova de coerência: em março de 1986: apenas seis dias após a edição do "Plano Cruzado", ele condena, como presidente nacional do PDT, em cadeia de rádio e televisão, a política econômica de José Sarney, que pretendia acabar com a inflação por decreto. "Tudo isso são votos, votos e mais votos", disse Brizola, explicando que a inflação "irá voltar com mais força, como volta uma mola que é comprimida contra a parede".

O alerta solitário de Brizola — aquela altura, as vésperas das eleições de governadores, deputados e senadores — nem mesmo os demais partidos de oposição ousaram levantar a voz contra as medidas de Sarney — seria amargamente lembrado pelo povo brasileiro logo nos primeiros dias após a contagem dos votos das eleições de outubro, quando o congelamento de preços foi suspenso e os índices inflacionários subiram vertiginosamente. Ferozmente atacado pela mídia, impedido pelo TSE de se apresentar

no horário eleitoral gratuito do PDT, Brizola vê o seu candidato ao governo do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, perder a eleição para o candidato governista — Moreira Franco, que ele apelidara de "Gato Angorá", que fora por ele derrotado em 1982, quando Moreira era o candidato do último dos ditadores, João Figueiredo.

A Justiça Eleitoral, por conta do recadastramento, substituiu os velhos títulos eleitorais pelos novos, sem foto ou assinatura, dando um número a cada eleitor — procedimento que permitiu, 10 anos depois, em 1996, a introdução nas eleições brasileiras das urnas eletrônicas que o TSE dizia serem 100% seguras — apesar de serem infalsificáveis e inaudíveis.

1989 — A eleição presidencial

A primeira eleição direta para presidente realizada no Brasil depois da ditadura dividiu o país basicamente em duas correntes: de um lado a direita reunida em torno do falso "caçador de marajás" representado por Collor de Mello, do outro os opositores divididos entre PDT e PT. Apesar dos esforços de Brizola em busca da unidade, os dois partidos marcharam por caminhos próprios. Preocupado com o escândalo da Proconsult e com fatos registrados nas eleições de 1986 no Rio de Janeiro, o PDT solicitou formalmente ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) uma auditoria internacional para o programa de totalização de votos que seria empregado nas eleições presidenciais.

Ao final da apuração do primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, após inexplicável interrupção de horas na apuração do Estado de Minas Gerais, o candidato do PT venceu Brizola com

cerca de 0,5% de diferença entre eles. Um pouco antes do TSE anunciar oficialmente a vitória de Lula sobre Brizola por uma diferença de pouco mais de 400 mil votos, em um eleitorado de 86 milhões o TSE convocou entrevista coletiva com os meios de comunicação e nela os presidentes de sete institutos de pesquisa de opinião afirmaram, ao mesmo tempo e antes do resultado oficial, que Lula iria para o 2º turno com Collor de Mello.

A falta de transparência que marcou a apuração, gerando dúvidas e suspeitas sobre o processo eleitoral de 1989, não impediu que Brizola, num ato de grandeza e desprendimento político, tomasse a decisão de apoiar Lula no segundo turno, transferindo todo o seu peso eleitoral para o candidato do PT que, graças a isto, obteve vitórias esmagadoras nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

1990 — O Segundo Governo no Rio de Janeiro

Em 1990 Brizola se elege Governador do Rio de Janeiro pela segunda vez com o extraordinário índice de 70% dos votos ainda no primeiro turno. Logo de início, se lança à tarefa de recuperação dos Cieps, criminosamente abandonados por seu antecessor, Moreira Franco. E não só isto: além de concluir as obras que haviam sido paralisadas e reimplantar a filosofia da escola de turno único, ampliou o Programa Especial de Educação com a criação dos ginásios públicos. Ao final do seu governo, 506 Cieps estavam funcionando, depois de um programa de obras 150 vezes maior do que a construção do Maracanã.

No segundo governo Brizola o Estado ganhou, ainda, a sua principal obra viária em várias décadas: a Linha Vermelha, oficialmente Avenida Presidente João Goulart, uma via expressa que passou a ligar, ao longo dos seus 21,4 quilômetros, a Baixada Fluminense ao Centro do Rio, em apenas 20 minutos — além de criar um novo e moderno acesso para o Aeroporto Internacional do Galeão, realizada com recursos próprios do Estado em sua maior parte.

Outras realizações de grande envergadura, como o início do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (quase US\$ 1 bilhão obtidos junto ao BID e ao governo japonês), a ampliação do sistema Guandu de abastecimento d'água e a criação da Universidade Estadual do Norte Fluminense, marcaram o segundo governo Brizola como um período de grande progresso e desenvolvimento para o Rio de Janeiro.

Apesar de tudo isso e de uma ação enérgica e transparente na área da segurança pública, com a punição exemplar dos responsáveis por atos de violência, como as chacinas da Candelária e de Vigário Geral, uma campanha destrutiva dos meios de comunicação contra Brizola e o Rio de Janeiro, empalideceu na mídia esta fase de progresso para o Estado — criando falsa imagem de que o Rio de Janeiro era mais violento do que outras grandes cidades do país.

A elite, diante da decisão de Brizola de novamente disputar a presidência da República, atacou-o ferozmente através da mídia e procura atrelar sua imagem a imagem descendente de Collor de Mello, especialmente depois do momento em que Collor resolve, no plano federal, copiar o programa especial de educação de Brizola — que rece-



Ao lado de Dona Neusa, Brizola vota na eleição presidencial de 1989 — a primeira depois da ditadura

heu o nome de Centro Integrado de Apoio a Criança (CIAC). Veterano das "ondas" midiáticas para desestabilizar os governos de Getúlio Vargas em 1954, e de João Goulart, em 1963, Brizola não compactua com a crítica fácil dos mesmos que elegeram Collor em 1989 preocupado com a questão da governabilidade e do processo de desestabilização do governo Collor.

Vem a CPI e se tomam claras as manobras de bastidores de personagens como PC Farias e outros, num somatório de evidências e provas sobre a corrupção no governo Collor. Brizola determina e a bancada do PDT, por determinação do Diretório Nacional do PDT, é a primeira do Congresso Nacional a fechar questão favorável ao impeachment de Collor.

Mesmo assim — de má fé — a mídia e especialmente a Rede Globo de Televisão, que elegera Collor destinando a ele mais tempo de exposição do que todos os demais candidatos à presidência em 89 somados — insiste na versão de que Brizola se "aliara" a Collor.

1993/1994 — 2ª. Campanha presidencial e privatizações

Collor cai, ascende ao poder federal Itamar Franco e um novo ciclo de dificuldades passa a atralhar a segunda administração de Brizola no Rio de Janeiro. Ministro da Fazenda de Itamar, Fernando Henrique Cardoso sabota a construção da segunda etapa da Linha Vermelha, a que liga a Ilha do Governador à Baixada Fluminense, tração reduto eleitoral de Brizola — obra iniciada no Governo Collor em parceria com o governo estadual. FHC não libera as verbas, as obras param e ficam paradas durante meses, só recomeçam depois

que Brizola se reúne com Itamar Franco e este dá ordens expressas ao seu Ministro para que liberasse os repasses federais. A obra recomeça lentamente, mas só termina depois das eleições presidenciais.

Ainda governador, ante o Plano Nacional de Desestatização (PND) aprovado pelo Congresso Nacional apesar do PDT ter fechado questão contra, Brizola critica a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Seu protesto é isolado, só encontra eco na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e no Movimento em Defesa da Economia Nacional (Modecon), ambos presididos pelo jornalista Barbosa Lima Sobrinho. A mídia apóia maciçamente as privatizações, e a CSN é entregue ao empresário Benjamin Steinbrück.

Apesar da mídia e do quadro político desfavorável, Brizola passa o cargo para o vice-governador Nilo Batista em 1993 e se candidata, pela segunda vez, a Presidência da República, tendo como candidato a vice o professor Darcy Ribeiro. Brizola bate de frente com o Plano Real, amargando péssimas posições nas pesquisas, enquanto Lula, confortavelmente instalado na preferência dos marqueteiros a serviço do PT. Fernando Henrique, atrás de Lula, navegando no "sucesso" do Plano Real, colhe os frutos do relativo sucesso popular da iniciativa.

No único debate realizado pelos candidatos a presidente na campanha presidencial de 1994, já com regras rígidas para impedir a discussão livre dos temas, Brizola conseguiu dar um cheque mate em Fernando Henrique, quando este disse em certo momento, referin-



Brizola: lugar de criança é na escola

PUBLICADO	
Journal	do PDT
N.º	Data 21/06/04
Assinatura	plume

do-se ao Plano Real, que "como gosta de dizer o governador Brizola, o Plano Real vem de longe". Rápidamente, Brizola retrucou no ato: "E, eu sei, vem da Argentina", arrancando uma gargalhada geral e deixando Fernando Henrique visivelmente embaraçado com a situação. Daí em diante Fernando Henrique não foi mais a nenhum debate, adotando a tática de Collor de fugir da discussão para não se desgastar.

Lula ficou na situação de "preferido" das pesquisas – considerada por Brizola um "oligopólio" com o beneplácito da justiça eleitoral – até a véspera da eleição quando, na reta final, é alcançado por Fernando Henrique e logo depois superado. Brizola percorreu novamente todo o país com sua pregação nacionalista, mas seus índices eleitorais continuaram ínfimos. Fernando Henrique vence a eleição com apoio total da mídia e dos agentes econômicos, Brizola e Lula, mais uma vez, são derrotados.

No Estado do Rio, de forma absurda e inexplicável já que se elegera governador em 91 com mais de 50% de votos válidos – Brizola, com toda a sua bagagem política e verve, perde a eleição de 94 até para o então desconhecido candidato a presidente Enéas Carneiro, do Prona, que apresentava como plataforma eleitoral na televisão, uma única frase que é bordão até hoje: "eu nome é Enéas!"

A mídia, sempre hostil a Brizola, celebra a derrota e alguns jornalistas proclamam, de novo, a "morte" política de Brizola – como haviam feito em 1964, quando ele partiu para o exílio. Fernando Henrique toma posse prometendo "acabar com a era Vargas" e retoma, com força total, o projeto neoliberal iniciado no Governo Collor, atendendo as determinações do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e ao Governo dos Estados Unidos e sintetizadas no livro de Paulo Nogueira Baptista, "O Consenso de Washington".

Fernando Henrique Cardoso entrega aos grupos nacionais e multinacionais empresas estatais lucrativas como a Vale do Rio Doce, o Sistema Telebrás e muitas outras – as chamadas "jóias da coroa" – em questionáveis leilões até hoje pendentes na Justiça, embora seus promotores usassem o tempo todo a expressão "ato jurídico perfeito" como resposta às acusações de ilegalidade no processo de desestatização – críticas feitas não só por Brizola, como nacionalistas do porte do veterano jornalista Barbosa Lima Sobrinho e de seus auxiliares na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Movimento em Defesa da Economia Nacional (Modecon).

1998, Brizola vice de Lula e Garotinho

Fora do governo estadual, Brizola passa a se dedicar mais ao PDT até que quatro anos depois, em 1998, na tentativa de derrotar o projeto de reeleição Fernando Henrique Cardoso, Brizola estabelece uma aliança eleitoral com o Partido dos Trabalhadores (PT), aceitando a posição de vice-presidente na chapa de Luiz Inácio Lula da Silva, para unir a esquerda, desde que no Rio de Janeiro fosse feito um grande acordo político envolvendo diversos partidos e que o PT apoiasse o candidato do PDT a governador, o ex-prefeito de Campos Anthony Garotinho. Apesar da reação de setores do PT, a senadora petista Benedita da Silva se elege vice-governadora na chapa de Garotinho, juntamente com o ex-deputado, ex-prefeito e ex-vereador Roberto Saturnino Braga, do PSB, que disputou a eleição como candidato único das oposições com o compromisso escrito de dividir o mandato com seu primeiro suplente, o ex-deputado federal e ex-secretário municipal, Carlos Lupi – também vice-presidente regional do PDT.

Brizola, depois da privatização da Companhia Vale do Rio Doce, do Sistema Telebrás e de outras importantes estatais passa a se de-

dicar ainda mais a luta dos setores nacionalistas brasileiros, principalmente os liderados e próximos ao jornalista Barbosa Lima Sobrinho como a ABI, Modecon e Associação dos Engenheiros da Petrobrás (Aepet). Brizola dá integral apoio a luta contra as tentativas de retalhar a Petrobrás e alienar o controle das jazidas de petróleo brasileiro, o que – infelizmente – começa a ser feito na prática após a criação da Agência Nacional de Petróleo (ANP) e o início das "rodadas de licitação" da agência criada por FHC.

Antenado o tempo todo nas questões que ferem a soberania nacional, Brizola morreu empenhado em denunciar a 6ª rodada de licitações da ANP marcada para agosto próximo para a entrega das chamadas "áreas azuis", comprovadamente ricas em petróleo segundo a Petrobrás – um verdadeiro "crime contra o Brasil", nas palavras de Brizola, só que agora perpetrado pelo presidente Lula da Silva, e sua ministra Dilma Rousseff, uma ex-militante do PDT do Rio Grande do Sul.

Garotinho, eleito em 1998, antes mesmo antes da posse abala suas relações com Leonel Brizola por não ouvi-lo na escolha do secretariado preferindo, segundo expressão usada por Brizola "passar dentro do PDT, como quem passa com um carrinho de compras dentro supermercado, pegando nas prateleiras o que o mais lhe agradasse e servisse". A gota d'água para que a divergência entre os dois viesse a público foi a nomeação, para Secretário de Justiça do advogado Sérgio Zveiter, declarado adversário político de Leonel Brizola. As relações entre o governador recém eleito e Brizola se agravaram com a repercussão por toda a mídia das declarações de um e de outro.

2000, o candidato a Prefeito do Rio de Janeiro

Preocupado com o avanço de Garotinho sobre as bases do partido, Brizola decide se lançar candidato a prefeito da Cidade do Rio de Janeiro nas eleições de 2000, aos 78 anos de idade, como forma de "fechar" o partido, unindo-o em torno do seu nome. Brizola sai às ruas com grande entusiasmo, empenhando-se a fundo na busca do voto, percorrendo todos os bairros as principais favelas da cidade, repetindo a mesma tática eleitoral que empregara em 1982 e lhe garantira, junto com os debates políticos, sua espetacular vitória nas eleições. Os debates não acontecem por temor de seus adversários – o noticiário da mídia se resume a falar das pesquisas e a registrar, factualmente, as andanças dos candidatos sem abrir nenhum espaço para a discussão de projetos.

O empenho e as andanças de Brizola pelo Rio de Janeiro, recepcionado calorosamente por onde passava, inexplicavelmente, não alteraram em momento algum o quadro das pesquisas – quatro, cinco ou até mais divulgadas semanalmente pela mídia, feitas pelos diversos institutos geralmente por encomenda de veículos de comunicação – sendo a principal delas a Ibope/Rede Globo. A campanha eleitoral de Brizola, que começara vigorosa, não avança e as dificuldades – começam a aparecer, especialmente as financeiras. Atento ao quadro, Brizola denuncia em várias ocasiões o que definiu como "cartel das pesquisas", onde uns poucos se reuniram para combinar resultados em detrimento da verdade matemática. Brizola prega no deserto, nenhum jornal, nenhuma rádio, nenhu-



Brizola sempre cultuou os símbolos da Pátria, e principalmente a bandeira do Brasil

ma televisão lhe dá espaço. Do alto da autoridade de ter sido vítima da primeira tentativa de fraude eletrônica registrada no Brasil, o Caso Proconsult de 1982, Brizola também aumenta o tom da denúncia pelo uso no Brasil de urnas eletrônicas inaudíveis e infalsificáveis.

Brizola atraiu multidões por onde passou – no calçadão de Campo Grande, no conjunto habitacional Amarelinho de Irajá, em Cordovil, no calçadão de Bangu, na rua do Riachuelo, quando visitou a entrada do Bairro de Fátima, no largo da favela de Vigário Geral, no Largo do Bicão, em Jacarepaguá, e tantos outros bairros. Brizola atravessou a pé a favela do Jacarezinho, entrando de um lado e saindo do outro, para prestigiar um candidato a vereador com reduto naquela localidade; enquanto seu candidato a vice, Miro Teixeira, pouco aparecia nesses eventos.

Brizola realizou dezenas de mini-comícios pelas áreas populares da cidade também porque era o único candidato com total e absoluto trânsito em todos os lugares por onde passava. Aos 78 anos, vigoroso, subiu a pé o morro de São Carlos e andou praticamente a pé todo o conjunto habitacional de Cordovil, distribuindo bonés vermelhos com os dizeres Brizola Prefeito, PDT 12, disputados pelos eleitores e preservados com muito carinho especialmente pela população mais simples e mais pobre – varredores, flanelinhas, pessoas do povo – até hoje.

O candidato vencedor, César Maia, por exemplo, teve que sair as pressas do mercadinho da Cadeq, em Benfica, devido a violenta reação a sua política de sistemática perseguição ao comércio ambulante. Brizola não foi hostilizado, pelo

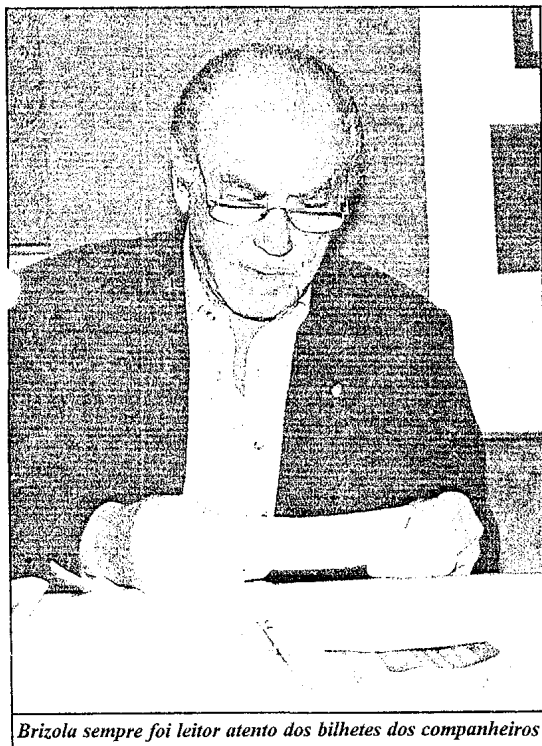
contrário, era saudado, por onde andasse na cidade do Rio de Janeiro. Veio a eleição e Brizola perdeu, as urnas eletrônicas confirmaram as pesquisas eleitorais e a mídia.

Os desentendimentos com Garotinho se acirram, Brizola convoca o Diretório Regional do Rio de Janeiro para discutir a questão, o Governador Garotinho acaba sendo expulso do PDT por decisão dos integrantes do Diretório Regional. Para evitar desgaste maior, Garotinho rapidamente se desfiliou e assinou a ficha no PSB com estardalhaço, levando com ele vários filiados do PDT que, numa espécie de "rito de passagem", antes de assinarem a ficha no PSB, publicamente jogam bandeiras do PDT no chão sob as vistas de Garotinho.

Brizola paulatinamente aumentou o tom de suas críticas ao sistema eleitoral eletrônico em uso no país, com assessoramento dos técnicos do Fórum do Voto Eletrônico (www.votoseguro.org) – tornando-se defensor incondicional da impressão do voto eletrônico, para que os brasileiros pudessem, novamente, fiscalizar o próprio voto – conferindo-o impresso – antes dele ser exclusivamente registrado eletronicamente, num processo distante do entendimento do simples do eleitor.

2002, a última campanha – Brizola Senador

Em 2002, atendendo à necessidade de fortalecer o PDT, Brizola cedeu aos argumentos de companheiros e, juntamente com Carlos Lupi, saiu candidato ao Senado. No plano nacional, Brizola coordenou o apoio à candidatura de Ciro Gomes, numa aliança com o PTB e o PPS, depois de tentar, meses a fio, fazer com que o ex-presidente Ita-



Brizola sempre foi leitor atento dos bilhetes dos companheiros

PUBLICADO	
Jornal <i>de PDT</i>	
N.º _____	Data <i>21/06/04</i>
Assinatura <i>Josione</i>	

mar Franco se filiasse ao PDT e saísse candidato à Presidência da República. Itamar, que teria como candidato a vice Ciro Gomes, ficou na dúvida se sairia ou não do PMDB aceitando o convite de Brizola, acaba não saindo do PMDB e logo depois, torpedeado dentro do PMDB, deixa de ser possível candidato à Presidência da República. Brizola, por sua vez, não aceitar ser novamente candidato da presidente — embora seu nome tenha sido lançado com o apoio de dezenas de companheiros do PDT.

Por fim, sem opção e por considerar Lula despreparado, concorda em apoiar a candidatura do ex-governador do Ceará Ciro Gomes, pelo PPS. Para governador do Rio de Janeiro, Brizola indica o jovem prefeito de Niterói, Jorge Roberto Silveira, considerado um dos melhores administradores municipais do país e filho da maior liderança trabalhista do antigo Estado do Rio de Janeiro, governador Roberto Silveira. Para fortalecer a chapa no Rio e atendendo a apelo de companheiros, Brizola aceita disputar uma vaga no Senado ao lado de Carlos Lupi.

A mídia, mais uma vez, sob o falso argumento de que as eleições presidenciais tinham prioridade, negavam espaço jornalístico à campanha pelo governo estadual e pelo Senado, ao mesmo tempo em que era preparado, via institutos de pesquisa, o terreno para uma nova "morte política" de Leonel Brizola. Ao contrário da eleição para Prefeito, Brizola deixa a campanha de rua a cargo de Jorge Roberto e Carlos Lupi, dedicando-se apenas as gravações de televisão — para os programas nacionais, de apoio a Ciro Gomes, e para os programas estaduais, pedindo votos para ele, para Lupi e para Jorge Roberto Silveira.

Político mais experiente do Brasil, com 60 anos de vida pública, Brizola confia na sua experiência e na força do que chamava de seus "pensamentos conclusivos" para tocar a campanha para o Senado e, ao mesmo tempo, apoiar as campanhas — através do horário eleitoral gratuito e inserções no rádio e televisão, regionais e nacionais — de Ciro, Jorge Roberto e Lupi. No Rio de Janeiro a campanha se desdobra sem debates para o Senado, embora eles aconteçam para governador e para presidente da República, relegada a segundo plano pelos meios de comunicação, a campanha para o Senado se restringe a permanente divulgação, via mídia, de que os candidatos "a", "b", "c", etc — ocupavam tais e tais lugares na preferência do eleitorado — sem espaço para projetos, iniciativas, políticas públicas.

Ciro sobe nas pesquisas, chega perto da ponta segundo as mesmas pesquisas eleitorais que Brizola não cansou de atacar como cartelizadas, mas cai e finalmente, perto do primeiro turno, diante da possibilidade — dita pelas mesmas pesquisas, de que Lula poderia ganhar as eleições já no primeiro turno — Brizola sugere a Ciro Gomes que abra caminho para Lula, facilitando o caminho dele para a Presidência — derrotando Serra de uma vez. Ciro não aceita a sugestão, rompe com Brizola, Lula vai para o segundo turno. Na eleição para as duas vagas para o Senado, onde Brizola era praticamente o segundo candidato na preferência de muitos eleitores — até os do PT — Brizola inexplicavelmente amarga um sexto lugar, atrás — pela ordem — do ex-deputado estadual Sérgio Cabral Filho, ali-

ado do governador Garotinho e desafiado de Marcelo Alencar; do deputado federal Crivella, homem de confiança do "bispo" Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, que soma 3,2 milhões de votos embora tradicionalmente o eleitorado evangélico no Rio de Janeiro nunca tivesse ultrapassado 1,8 milhão de votos; do jornalista Paulo Alberto Monteiro de Barros, mais conhecido pelo pseudônimo de Arthur da Távola; e do "bispo" Manoel Ferreira — um absoluto desconhecido fora das rodas evangélicas, também ligado ao governador Garotinho — que fez questão, quando Brizola esteve na rádio CBN onde ele já se encontrava, de posar ao lado do que ele próprio definiu como "uma das maiores lideranças políticas do Brasil", na presença dos jornalistas presentes — inclusive o titular do programa, Sidney Rezende.

Lula vence no plano federal, no plano estadual vence a candidata Rosinha Garotinho, enquanto Brizola e o PDT amargavam nova derrota imposta pela união de fortes interesses.

No dia seguinte ao anúncio da vitória de Lula no primeiro turno, Brizola recebe em sua casa uma ligação de Luiz Inácio da Silva quando estava reunido com assessores que acompanharam, no TRE do Rio de Janeiro, a dança dos números da apuração que, em determinado momento, deram para Lula resultado negativo em milhares e milhares de votos. Lula pediu apoio do PDT para o segundo turno, prontamente dado por Brizola em nome de todo o PDT, que abertamente — mais uma vez — apoiou integralmente uma candidatura de Lula à Presidência da República.

No segundo turno das eleições presidenciais, Leonel Brizola e o PDT proclamam apoio a Lula, com a intenção de "barrar o continuísmo de FHC", representado pelo candidato José Serra. Os trabalhistas se dedicam com afinco a candidatura Lula e o candidato do PT, com integral apoio de Brizola e de todo o PDT, finalmente chega a Presidência da República depois de disputar três vezes a eleição. Eleito com 53 milhões de votos, antes mesmo de empossados, Lula e seus liderados tiram a máscara ao entregarem a direção do Banco Central aos banqueiros, atrelando-se ao FMI. Lula, sem ouvir Brizola, nomeia Miro Teixeira Ministro das Comunicações e abre uma crise com Brizola que exigia que a direção do partido fosse ouvida institucionalmente, antes do PT partir para nomeações e cooptação de quadros pedetistas. As críticas de Brizola foram num crescendo até que se tornaram públicas quando, numa única reunião, o ministro-chefe do Gabinete Civil, José Dirceu, empregando práticas clientelistas e unicamente preocupado em ampliar a base parlamentar do Governo, sem qualquer compromisso com o antigo, coopta cerca de seis deputados do PDT com a ajuda de Miro Teixeira e sugere o ingresso deles no PTB. Brizola se atrita com Miro e pouco depois não resta ao antigo líder do PDT outro caminho que não seja o de deixar o PDT, trocado pela legenda do PPS.

Preocupado com a política agressiva de cooptação do PT, em dezembro de 2003, Brizola pede e o Diretório Nacional do PDT atende, votando a saída do partido da base de apoio ao governo, determinando a todos os seus filiados que entregassem os poucos cargos que detinham na administração federal. O episódio mar-



No Encontro Nacional do PDT em São Paulo, no dia 4 de junho, Brizola fez seu último discurso ao lado de Paulinho da Força Sindical

cou, mais uma vez, espaço para que oportunistas se abrigavam sob o manto brizolista fizessem sua opção preferencial pelo poder, abandonando o debate de ideias e as lutas do povo trabalhador. Ao mesmo tempo que outros companheiros, que isoladamente ocupavam cargos no governo federal, atendem ao chamamento partidário e devolvem no tempo apazado, 30 de janeiro de 2004 — os cargos que ocupavam no governo do PT.

Aproximando-se as eleições municipais, preocupado com a questão nacional, uma semana antes da realização do Encontro Nacional do PDT em São Paulo, nos dias 4 e 5 de junho últimos, sua última participação em evento público — falando no edifício Orly, sede do Diretório Nacional, para um grupo de dirigentes partidários procedentes de todo o Brasil, Brizola manifestou sua certeza de que o Brasil, nos dias de hoje, vive um momento de virada.

Argumentou que via os dias de hoje, diante da decepção da população com a política de Lula e do PT, tempos semelhantes ao que vivera em 1961, pouco antes do desencadeamento da Campanha da Legalidade. Brincando, disse que naqueles dias, embora fosse governador do Rio Grande do Sul, evitava passar perto até de filas de ônibus "para não levar vaias". Explicou que o Marechal Lott tinha perdido as eleições, Jânio Quadros, o novo presidente, isolara João Goulart e ele, lá no Rio Grande do Sul — atravessava momentos difíceis para governar.

Então veio a tentativa de golpe dos ministros militares que tentaram impedir a posse de João Goulart, que estava na China. Ele, indignado com a situação, decidiu reagir e convocou seus companheiros para a reação — desencadeando a Campanha da Legalidade. Segundo Brizola, tudo virou, as pessoas começaram a afluir a praça fronteiria ao Palácio Piratini — virou história.

Na sua opinião, concluiu, o PDT vive momentos muito parecidos com os que ele viveu naquela época pouco antes do início da Legalidade, mas que ele acreditava na virada, que os ventos da história estavam soprando a favor do PDT. Explicou que o governo federal não só cai nas pesquisas como

cada vez afasta-se mais das pessoas que o elegeram, que acreditava que a campanha eleitoral de outubro próximo, na verdade, vai ser nacionalizada e o início da campanha eleitoral de 2006. Brizola garantiu que, na sua visão, as campanhas eleitorais para as eleições municipais deste ano e a presidente de 2006 serão uma só.

Brizola morreu empenhado em construir condições para que a bandeira pedetista voltasse a brilhar em todo o país e no Encontro Nacional do PDT realizado em São Paulo, sua última apari-

ção pública onde, proferiu seu último discurso — mostrando didaticamente toda a sua disposição para a luta e a importância de se preservar as memórias de Vargas, João Goulart e Marcondes Filho, um dos pais do Trabalho. Brizola em seguida foi para o Uruguai e de lá voltou, sozinho e em avião de carreira, já doente. Morreu na cancha confirmando uma das milhares de frases que eternizou no dicionário político do Brasil: cavalo de raça morre na pista. (colaboraram Osvaldo Maneschy e Antonio Oséas)



Na ALERJ, a condenação ao 6º leilão da ANP e a defesa da Petrobras

PUBLICADO	
Jornal	de PDT
N.º	Data 21/06/04
Assinatura	José

Feliz Ano Novo, Leonel Brizola

Passei a noite do Ano Novo no apartamento de Brizola, de frente para o espetáculo de fogos que desenhou nos céus de Copacabana os signos deste 2004. Como não podia deixar de ser, cheguei bem antes da meia-noite. Tinha muito que conversar com ele. E queria conhecer mais suas opiniões sobre os acontecimentos recentes

Não éramos muitos: alguns amigos dos primeiros tempos do "comandante", um filho e vários netos. Não podia ter sido melhor a oportunidade para uma boa prosa com o homem que simboliza a própria dignidade nacional - cuja história invejável, mais rica do que a de qualquer outro mortal dos nossos dias, o habilita como o melhor conselheiro do povo brasileiro nestes tempos de surpreendentes metamorfoses.

Fui encontrar o ancião e leparei com jovem senhor, incrivelmente disposto, como se ainda lhe restasse a

tarefa de uma longa jornada cívica. Sem exagerar, sem querer jogar confetes, posso lhe dizer, com toda a sinceridade, que ninguém daria nem sessenta anos para ele. Seus olhos pareciam exibir o brilho dos raros corações valentes, dos predestinados, para quem o destino reservou uma vida secular, oferecendo-a ao mais nobre dos ofícios - o de servir a Pátria com despojamento e sentimentos pétreos.

Contemplando suas dissertações ágeis e seguras sobre os desdobramentos do processo histórico, em que foi protagonista de peito aberto, tive a sensação de que eu e os outros parceiros estávamos ganhando oxigênio novo. Porque o anfitrião fazia todas as honras da casa, servia ele próprio o vinho aos convidados e não se furtava a falar sobre assuntos de hoje e de ontem. O mais marcante, porém, foi sua disposição de ouvir a cada um de nós com uma atenção tal que fazia desaparecer qualquer tipo de diferença - da experiência e da ascendência que naturalmente o fazem muito mais ouvido.

A partir desse colóquio foi possível desenvolver alguns raciocínios, todos apoiados no método mais infalível que conheço, a dialética. E mesclando a história da política brasileira com a atual conjuntura, não há risco em dizer que este ano vai ser inteiramente novo, de verdade.

A mesma metamorfose que desnudou os últimos mitos,

mostrando suas vísceras pútridas, corrompíveis, falaciosas, vai produzir o fermento da revolta e da indignação. Porque os que não tiveram pejo em passar uma rasteira grosseira na esperança massificada vão se enforçar em suas próprias cordas. E levarão junto a súcia arriposta que só pensa em causa própria, nada tendo a oferecer por ser de seus maus hábitos o olhar vesgo e fixo sobre os combalidos cofres de erário.

Paradoxalmente, pela natureza do processo político brasileiro, a correlação de forças mudou seu eixo. Erram redondamente os que medem o desempenho dos partidos pelo número de parlamentares, muitos dos quais resistentes do troca-troca desprezível que, por si, desmoraliza seus protagonistas.

A história de uma nação não se constrói de dá-lá tomaca entre detentores de mandatos. Disso sabiam muito bem os que passaram anos faturando o comportamento abjecto dos rivais, ressaltando valores que são válidos para todos, em qualquer época, inclusive para eles.

Mais do que isso: o exercício do poder é mais do que o fruir orgástico de deslumbrantes mordomias. É um desafio cada vez maior, que exige estatura moral, competência, sensibilidade, garra, dedicação, despojamento e experiência. O Brasil de hoje é um baú de dívidas, dependência externa, especulação financeira incontrolável, caos social, desintegração e chantagens. Decifrar esses teoremas internalizados por anos é obra para homens preparados e instituições enraizadas, os canastrões de aluguel possam até fazer gracinhas por um cer-

to tempo, tempo curto, sem dúvida.

Essas reflexões hoje me vêm à cabeça nas comparações inevitáveis que teria de fazer, decorridas duas semanas da conversa com o mestre Brizola. Enquanto os políticos que gastam fortunas para ganhar um mandato participam do leilão de fatias do poder - que é controlado por quem não aparece em cena - o mais vivido dos nossos próceres prepara seus músculos para a reconstrução de um novo momento, com a sabedoria dos mais velhos e o aquecimento dos atletas olímpicos.

Isso quer dizer, sem mais delongas, que no limiar de completar 82 anos, como o velho Mao, Brizola tem tudo para conduzir o resgate da dignidade vendida. Numa época em que se estendem com facilidade as expectativas de vida, o bom Quixote reacende no inconsciente coletivo, que hoje percebe a olho nu as razões do complot montado para impedir que ele se tornasse o presidente da República. Com certeza, sabem todos, sem exceção, o velho caudilho não se borrará diante das máfias do "mercado", nem se sujeitaria às ordens dos donos das torres gêmeas.

O que ficou como maior impressão da noite do Ano Novo foi exatamente a honesta constatação de que Brizola está novinho em folha, por assim dizer. Não importa se o rebento do chaguismo, como sempre apegado ao poder, a que serviu sem interrupção por toda a sua enganosa trajetória, vai tentar solapar a superestrutura parlamentar minguada do PDT, cum-



prindo tarefas do palácio. Não importa se outros mediocres pusilânimes, até os que falavam cobras e lagartos do traidor da vez, vão aproveitar a deixa para engrossar a fila dos pedintes de sinecuras e trânsito fácil para negociações dos seus patrocinadores.

Brizola tem tudo para voltar ao proscênio no papel principal. Porque agora, certamente, em todos os cantos e recantos deve ter muita gente dizendo, mesmo ainda baixinho, que o verdadeiro líder tinha razão. E se tinha, tem. Se tem, não há como dispensá-lo de uma missão que, por tudo o que aconteceu nesses meses de decepção amarga, tem a configuração de uma missão sagrada, pétrea, definitiva.

Isso quer dizer, acentuo, que o processo político brasileiro terá de ser reavaliado e revirado de cabeça para baixo a partir das eleições municipais. Que podem ser municipais, mas serão igualmente, pelas circunstâncias, também eleições sob a égide das contradições nacionais. Quem for às urnas para escolher prefeitos

e vereadores, principalmente em cidades da envergadura do Rio de Janeiro, terá inevitavelmente que escolher entre os titeres dos podres poderes e sua verdadeira antítese.

E sua verdadeira antítese, o seu contrário mais visível, é

aquele que abriu mão a vida inteira dos facilitários ignominiosos para não se expor ao vexame que hoje encobre de infâmia, vergonha e opróbrio a nefasta aliança que governa nosso País de

brincadeirinha, já que, decorridos mais de 365 dias, nada fez, a não ser operar como uma grande clínica freudiana que tentar curar velhos traumas existenciais de rufões enrustidos, enquanto os especuladores deitam e rolam, com uma desenvoltura jamais testemunhada.

Quem for às urnas e tiver o mínimo de auto-estima e lucidez haverá de lembrar que nem tudo está perdido. Ainda temos Brizola como ícone maior do grandioso sonho do Brasil brasileiro.

Pedro Porfírio

(Publicado no Jornal do PDT em fevereiro de 2004)

PUBLICADO	
Jornal do PDT	
N.º	Data 21/06/04
Assinatura	Josione